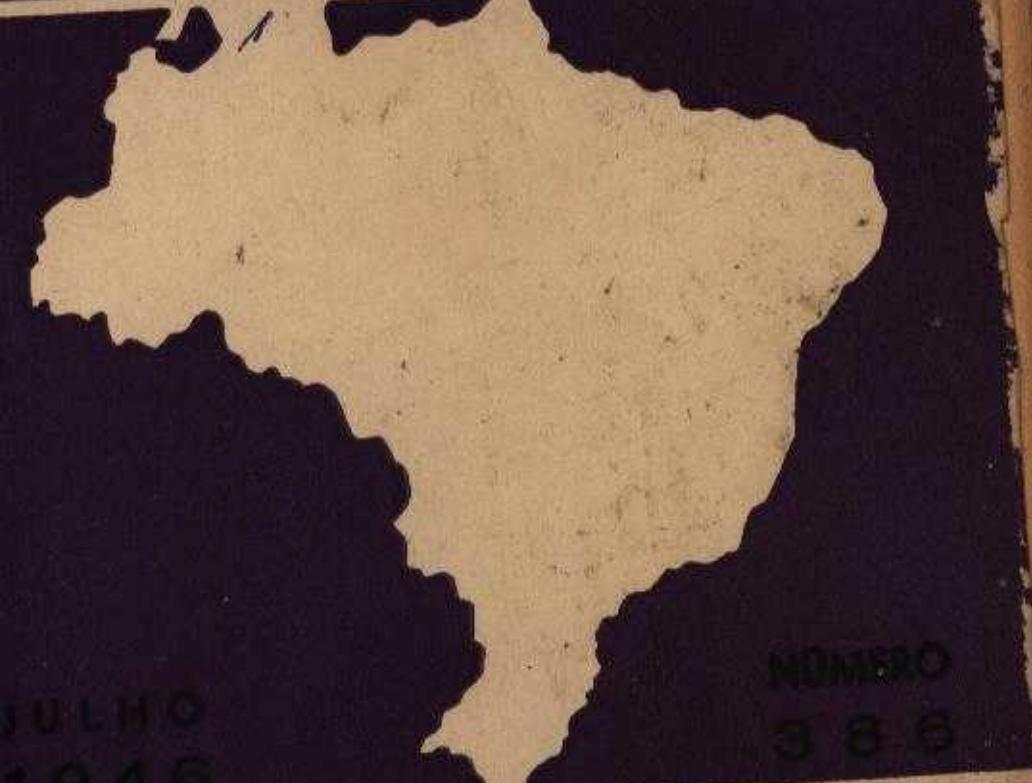


# Defesa Nacional



JULHO  
1946

ED. 360

# A DEFESA NACIONAL

Fundada em 10 de Outubro de 1913

Ano XXXIII

Brasil — Rio de Janeiro, Julho de 1946

N. 386

## SUMÁRIO :

	Pags.
Editorial . . . . .	3
A Reestruturação do Exército — Cel. Humberto Martins de Melo . . . . .	9
As Realidades da Guerra — Cel. Renato B. Nunes . . . . .	29
Em Louvor da Infantaria — Trad. do Major Jayme Ribeiro da Graça . . . . .	36
A Terceira Missão do Pelotão de Minas do Regimento Sampaio e o Ataque a Castelo a 12 de dezembro — 1.º Ten. José de Freitas Lima Serpa . . . . .	39
O Canhão sem recuo — Maj. Antonio de Mendonça Molina . . . . .	51
Os Serviços da D. I. nos moldes americanos — Ten.-Cel. A. J. Senna Campos . . . . .	54
Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano no Teatro de Operações — Cap. Médico Dr. Saulo Teodoro Pereira de Melo . . . . .	60
O Regimento de Infantaria no Combate — Ten.-Cel. J. B. de Mattos . . . . .	79
O Potencial Demográfico — Cel. Renato B. Nunes . . . . .	99
Colonização Alemã, Problema da Nacionalização no Sul do Brasil — Cap. Rui Alencar Nogueira . . . . .	107
A Amazonia Colombiana — Cap. Nelson Werneck Sodré . . . . .	121
A Importância Continental das Ferrovias Bolivianas — Cap. Nelson Maurell Salgado . . . . .	127
Sobre Gengis Cam — Cel. J. B. Magalhães . . . . .	133
Boletim . . . . .	151
Revistas em Revista . . . . .	158
Livros Novos . . . . .	170
Dicionário Militar Brasileiro — Cap. Otávio Alves Velho . . . . .	173
Noticiário & Legislação . . . . .	195

# EDITORIAL

O mundo inteiro acaba de bater-se, e de conquistar a vitória, em prol dos princípios e regimes democráticos. O Brasil sempre foi visceralmente adepto da democracia, e sua história é rica de demonstrações desse anseio, manifestado desde a era colonial e do reinado, ainda quando os brasileiros eram política, econômica e militarmente uma força em muito inferior às da metrópole. O grande Monarca brasileiro, ele próprio, não fugiu à influência do meio em que nasceu e se criou, e que lhe insuflou no sangue a seiva de brasiliade. Era, por isso, considerado como o mais democrata dos imperadores.

Este sentimento é, pois, uma tradição histórica, mais do que isto até, um sentimento hereditário nos brasileiros. E se a força material pode, por vezes, triunfar do determinismo histórico e dos anseios da alma humana coletiva, esse triunfo tem sido sempre temporário e não resiste à reação dos espíritos, desde que ela se organize para reto-

mar as diretrizes que vêm do passado, através da história.

Faz-se mister, entretanto, não esquecer jamais que, se de um lado a sabedoria dos povos institui o preceito "quod abundat non nocet", de outro advertiu que "in medio stat virtus". Em qualquer domínio, portanto, seja espiritual ou material, cumpre fugir às exagerações porque, quando os pensamentos e as idéias transpõem as raias da realidade, transformam-se em paixões; ora, a paixão cega, tem mais de instinto e impulsividade, do que de lógica e sensatez.

Cumpre, portanto, aos espíritos, manter-se em guarda contra a exacerbção dos sentimentos, e que o amor pela democracia, humanamente compreendida e praticada, não se transforme em mística, em idolatria cega e surda às realidades do tempo e do meio em que se vive. Noutras palavras, as liberdades, em suas manifestações e exercício, têm que se adequar ao grau de cultura política e social dos povos, e não sómente das elites. Unicamente as leis instituídas pelo próprio povo, mediante seus órgãos representativos, têm autoridade incontrastável para definir-lhes a essência e a amplitude de sua prática.

Essas liberdades criam direitos, mas desde logo é preciso assinalar que "não há direitos contra a Pátria e as instituições nacionais". A prática dos princípios democráticos que não levar em conta

que "a liberdade de cada qual termina onde começam os direitos de outrem", tanto no que respeita ao individuo como à coletividade, conduzirá o regime ao suicídio.

De tôdas as liberdades, a única, talvez, à qual não se pode fazer restrições, é a liberdade de pensamento, de opinião. Mas, ainda aqui, é necessário não dilatar o conceito da democracia a ponto de confundir liberdade de pensamento com livre arbitrio de agir contra as normas, regras, princípios e instituições que os povos livremente se traçaram para garantia de sua existência e bem estar.

Pregar, pela palavra escrita ou falada, contra o regime aceito e praticado livremente pela quase totalidade de um povo, já não constitui um exagero de liberdade de pensamento, consentida em nome da pureza democrática? Entretanto, se entre os povos que têm no passado, séculos de tradições e uma cultura média suficiente para proporcionar-lhes a faculdade de compreender e de discernir, essa prática pode ser admitida sem perigo imediato para a garantia das instituições e da liberdade de viver, outro tanto não acontece quando aquelas condições de cultura são mais ou menos incipientes ou quase inexistentes.

Conceder a uma pequena minoria ampla liberdade de atuar contra as tendências e a vontade de uma considerável maioria, não será atentar

contra um dos princípios básicos da democracia? E bem sabemos quanto é fácil às minorias ousadas triunfar da ignorância ou da displicência das maiorias incautas.

Vimos, com poucos dias de intervalo, três exemplos de magnífica e salutar reação contra os avanços da ideologia comunista, tôdas elas partidas de povos e governos essencialmente democráticos: a França, os Estados Unidos e a Inglaterra. A França, despertando ao clamor da tradição, veta em plebiscito a nova constituição extremista. O Presidente dos Estados Unidos, em nome dos interesses vitais da nação, lança um ultimatum aos grevistas e, em menos de duas horas, obtém do Congresso as leis que o habilitariam a defender aquêles interesses. O chefe do Partido Trabalhista da Inglaterra, repele com firmeza e sem vacilações, a proposta de filiação desse Partido às hostes comunistas, que viram na organização dos trabalhistas uma transição, uma ponte facilmente transponível para o comunismo. Mas enganaram-se, porque naquêles três países há uma opinião que assenta na tradição liberal e na cultura do povo.

O direito de greve é justificável quando todos os recursos legais foram insuficientes para corrigir uma injustiça social evidente, como a revolução é a "última ratio" contra o governo que é o primeiro a subverter as leis que a vontade do povo instituiu para todos.

Insuflar greves, entretanto, antes de recorrer àqueles meios, não é mais exercer o direito de opinião: já é entrar em ação, é agir contra as leis e as instituições. É passar da palavra ao ato criminoso, quase sempre por instigação de agentes provocadores sobejamente identificados, que se acobertam com as liberdades que o regime lhes garante, para atentar contra ele.

É o que se tem verificado entre nós com as greves desencadeadas pelos agentes comunistas, para fins políticos. E a ação criminosa avulta, quando êsses agitadores são estrangeiros, tanto mais quanto êstes são livres de regressar a seus países de origem, desde que não se sintam bem naquêle que escolheram para viver. E desde que não o façam expontâneamente, torna-se incompreensível a tibieza ou a tolerância da autoridade legal, em compeli-los a isso, mediante a aplicação das leis repressivas existentes para a defesa da coletividade.

A greve é, no conceito democrático, um direito. Mas, quando fere a fundo os interesses vitais da nação e o bem estar do povo, seria muito mais consentâneo com os ditames da razão submeter o disídio ao julgamento de um Tribunal Superior, de competência e probidade insuspeitáveis, cujas sentenças fossem inapeláveis, em face de seus próprios fundamentos, e que promovesse, ao mesmo tempo, as responsabilidades criminais, como instrumento de ação do Governo.

As liberdades, já o dissemos, têm de sofrer restrições diante dos interesses vitais da coletividade, e até do indivíduo. É em defesa da saúde moral e física dos homens e da sociedade que as leis não reconhecem o "direito" de jogar ou de embriagar-se com entorpecentes. Como deixar, então, o organismo da nação indefeso contra a infiltração e a ação de ideologias exóticas, e levar a mística da pureza democrática ao exagero de reconhecer a existência legal de partidos cujo objetivo é exatamente a destruição de tudo quanto é considerado legal?

O Brasil precisa ser defendido, enquanto é tempo, dessa tolerância suicida que consiste em confundir direito de opinião com livre arbitrio de agir, e isto em nome das liberdades democráticas, cuja exacerbção acabará por conduzir à insensatez, se não se levarem em conta as realidades e as características do meio em que elas se exercem.

"Liberdade subentende responsabilidade e consciência" do indivíduo que dela faz uso. Desde que lhe faltem êsses predicados da personalidade tanto individual como dos grupos, êstes não podem exercer sem a vigilância ativa e a ação educativa, constante e geral, dos poderes públicos.

Custa muito menos prevenir, do que remediar: E para concluir com mais um conselho da sabedoria popular, cumpre não esquecer de que, em tôdas as circunstâncias, "est modus in rebus".

# ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

"Para a guerra não pôde existir doutrina imutável. Todo raciocínio baseado em princípios, só conduz ao erro. Na guerra não existem leis. Há, únicamente, circunstâncias e acontecimentos. O chefe dominará sempre essas circunstâncias e esses acontecimentos se, a uma inteligência viva, juntar uma vontade inflexível e um método impermeável."

Cel. Perrier de la Bathie)

"E', realmente, próprio dos talentos e dos gênios de segunda ordem, possuir fórmulas esquemáticas, muitas vezes felizes, mas às quais jamais podem fugir. E' privilégio dos grandes gênios, um Miguel Angelo ou um Rafael, um Molière, um Vitor Hugo, um Shakespeare, um Goethe, tanto quanto Alexandre, Cesar ou Napoleão revelar sua capacidade sob os aspetos mais variados."

(Gen. Gamelin)

"Hoje o chefe não pôde mais tudo resumir em sua pessoa. O próprio gênio terá necessidade de auxiliares cheios de iniciativa e bem preparados."

(Von Der Goltz)

"Produzir muito, exteriorizar-se pouco, mais ser do que parecer — eis o verdadeiro lema do oficial de Estado-Maior".

(Marechal Von Schlieffen)

## A Reestruturação do Exército

Cel. HUMBERTO MARTINS DE MELO

(Continuação)

O problema mais sério a ser enfrentado, é o das doenças sociais, principalmente da sifilis e doenças venéreas e o da tuberculose, esta inteiramente ligada ao problema alimentar e, portanto, ao problema econômico.

De todas as doenças venéreas a mais difundida é, sem dúvida, a gonorréia; a sua frequência é maior do que todas as outras do mesmo grupo, sendo 3 a 7 vezes a da sífilis, segundo Rosenau, citado por Barros Barreto. Embora o problema do tratamento tenha sofrido uma completa revolução pelas sulfamidas e seus derivados e a penicilina, contudo continua a constituir um sério problema social pelas graves consequências que acarreta para o indivíduo como para o país, pela diminuição da natalidade, dada a preferência pelos órgãos procriadores, em ambos os sexos.

A sua conta podem ser atribuídos 10 % das infecções puerperais, bem como a maioria dos casos de cegueira dos recém-nascidos, que é avaliada em Tóquio em 37 %.

No Brasil, principalmente na região nordestina, a sua incidência é tremenda, como foi dado verificar pelo movimento estatístico da tropa sediada nessa região, que acusou uma incidência de quasi 300 casos mensais.

A sífilis constitue um dos mais graves e complexos problemas de saúde, em todo o mundo. Atinge todas as classes, embora com prevalência cada vez maior, a medida que se desce na escala social, por haver nas mesmas mais frequência na exposição ao contágio.

As nações mais cultas e melhor organizadas mantêm custosos serviços para o combate à doença, embora nenhuma tenha conseguido reduzir o seu percentual a 0. Os países que apresentam os mais baixos percentuais são os países escandinavos, principalmente a Dinamarca, onde "as notificações por 1.000 baixaram de 4,7 em 1930, a 1,2 em 1938". A Inglaterra acusa uma baixa de 45 % de novas infecções, de 1931 a 1939. De 1940-42, nos EE. UU., nos dois primeiros milhões convocados para o Exército, de 21 a 35 anos, as reações sorológicas acusaram uma incidência de 4,5 %. Na Alemanha, em que a redução era grande, a partir de 1927 os sensores de 1934 e 40 acusaram uma nova elevação. (Barros Barreto).

O Brasil apresenta um dos mais altos percentuais entre as nações civilizadas; em 1915, Silva Araujo calculava o mesmo em 20 % da população. Ultimamente, com os inqueritos, em massa, levados a efeito na população militar por Pires do Amorim, na Armada, Humberto Mello, na 7.<sup>a</sup> R.M., nas Polícias estaduais do Espírito Santo e Alagoas, Emanuel Pedrosa na 1.<sup>a</sup> Divisão da Infantaria Expedicionária, e Saulo de Mello no Depósito de Recompletamento da F.E.B., que encontraram respectivamente 33 %, 22 a 23 %, 32 %, 15 % e 18 %, ficou evidenciada que a cifra calculada pelo ilustre especialista, em 1915, era realmente um cálculo exato.

"Na população civil, Campos Mello compendia também dados impressionantes: 20 % de reações sorológicas positivas em gestantes matriculadas nos serviços pré-natais, 25 % entre escolares (Oscar Clark), 80 % — 90 % entre prostitutas. Lincoln de Freitas e Campos Mello apontam, para as capitais brasileiras, no triênio 1937-39, um coeficiente de mortalidade pela sifilis de 34,25 por 100.000, variando de 58,01 (Salvador) a 6,51 (Teresina); o coeficiente de mortalidade, por sifilis atribuível, chega porém, a 278,13 por 100.000. No seu entender, 1/10 a 1/4 dos óbitos, nas capitais brasileiras são devidos, originariamente, à sifilis". (B.B.).

Em um dos Estados do norte, em cerca de mil e poucos indivíduos, o índice de positividade do Kahn foi de 41 %.

A sifilis que já produziu verdadeiras devastações nas populações da Europa, embora não apresente hoje a mesma virulência, continua a fazer vítimas em elevada percentagem, exercendo a sua influência nociva não só sobre o indivíduo, como também sobre a sociedade, gravando-a com pesado onus.

E' ela a maior responsável pelas doenças cardíaco-vasculares, hemorragias cerebrais, ataxias locomotoras, a paralisia geral; diminui de muito a vida do indivíduo e reduz-lhe a

capacidade funcional, quando não o transforma num enfermo permanente. E' ainda responsável por uma grande parte de mortalidade, e mortalidade infantil, ceifando de 40-50 % das crianças sifilíticas, no primeiro ano de vida, cifra que alcança até 75 %. Sobre os sobreviventes, não raro, deixa estigmas sérios, dos quais cerca de 15 a 20% são debeis mentais. (Barros Barreto).

Bastam êsses dados, tirados, em sua maior parte, do tratado de higiene de quem, até pouco, respondia pela direção do D.N.S., para mostrar a gravidade do problema do nosso país e de quanto havemos de trabalhar para conseguir extirpar essa lepra que tanto nos diminue aos olhos do mundo civilizado. Necessário se torna uma conjugação de esforços de todos os setores da administração pública, entre os quais é preciso destacar o papel de máxima importância que toca ao Exército, para que, em breve, possamos nos ombrear com as demais nações cujo maior predicado de civilização é representado pela preocupação que cada uma tem com a saúde e a educação de seu povo.

*Tuberculose* — Com Barros Barreto, podemos dizer que a tuberculose constitue para o Brasil como para a maioria dos outros países, o problema magno da medicina sanitária. Se bem que, em muitos deles, o problema tenha alcançado resultados satisfatórios, com a adoção de medidas adequadas, como aconteceu na Itália de Mussolini com a adoção do seguro social contra a tuberculose, a qual, praticamente aderiu toda a nação, contudo, esse resultado está sempre suscetível de ser modificado por causas várias, como a guerra, o fator econômico, etc., trazendo uma consequência a subnutrição, a promiscuidade, "a mobilização dos fócos e dos indivíduos receptíveis", exigindo assim uma constante e atenta vigilância.

A Inglaterra cujo coeficiente de mortalidade estava bastante diminuído, sendo em Londres de 750 por 100.000, em 1750, e de 90, em 1925, teve um aumento de 6 % no primeiro ano da guerra atual e de 10 %, no segundo.

Do mesmo modo a Alemanha, e os Estados Unidos, baseados na experiência da primeira guerra, prevêm um acréscimo da mortalidade, pelas condições especiais criadas pelo esforço de guerra.

Os EE.UU., 35 anos, de 1900-35 conseguiram baixar o coeficiente de mortalidade de 200 por 100.000 para 55 (Barros Barreto).

E ainda esse sanitário quem nos mostra que a tuberculose, no quinquênio 1937-41, ocupava o primeiro lugar no obituário de 6 capitais brasileiras, o segundo em 10 outras, o terceiro em 3 mais.

Os modernos processos de pesquisas, pela tuberculinação ou pelas provas fluorográficas, pelo método da roentgenabreugrafia, de baixo custo, permitem uma acurada investigação epidemiológica em grandes grupos da população e até mesmo em populações inteiras, facilitando destarte o "descobrimento precoce da infecção bacilar", e das fontes de contágio.

Em artigo da imprensa leiga, Orlando M. Fontes ressalta os dados encontrados por Alvimar de Carvalho e C. M. Valente, do Serviço Nacional de Tuberculose, em diversos núcleos da população do Rio de Janeiro, no biênio 42-43.

No Instituto Nacional de Surdos-Mudos, em 49 crianças, em idade escolar, o índice de positividade foi de 75,51%; em 51 adolescentes, 78%; em 57 jovens, 94,59%. Em 2.162 estudantes da Universidade do Brasil, o índice de positividade alcançou 80%, com um caso de tuberculose evolutiva, 9 de tuberculose pulmonar ativa e 23 casos suspeitos.

Em 248 exames de guardas sanitários, 245 foram tuberculino-positivos. Em 178 enfermeiras-alunas mais de 90% mostraram índices de positividade. "Do recenseamento executado em estabelecimento escolar, cujo material humano derivava de meio social pobre, lograram ter os seguintes resultados: 51,42% das crianças em idade pré-escolar eram tuberculino-positivas; entre 7 e 12 anos de idade, a cifra ele-

vou-se a 64% entre os adolescentes já o quociente remontava a 85%. Entre as empregadas domésticas do mesmo estabelecimento a positividade foi de 62 e as alunas enfermeiras todas se mostraram tuberculino-positivos".

Os mesmos pesquisadores, em recente trabalho sobre os dancings da Capital Federal encontraram o seguinte resultado: em 500 dançarinhas, 483 foram tuberculino-positivos, ou seja 96,6% e revelaram ao exame roentgnológico pulmonar 2 casos evolutivos (0,4%); 15 casos suspeitos (3,1%); 11 casos residuais (2,3%); 1 caso de outra doença e 454 normais.

Gavião Gonzaga, citando estatística do Serviço de Biometria Médica do D.A.S.P., mostra que em 22.751 candidatos a concursos e a provas de habilitação foram inabilitados 514, dos quais 127 por "tuberculose ativa do aparelho respiratório", ou seja 25% e que 57% "das aposentadorias de funcionários foram concedidas por tuberculose em atividade e já em estado de provável incurabilidade".

Em inquérito epidemiológico, realizado na tropa da Capital, o índice de positividade foi de 92%.

Manuel de Abreu, autor do método radiológico que traz o seu nome, em recente entrevista, calcula o número de óbitos por tuberculose, por ano, de 80 a 100.000, com uma prevalência anual de 350 a 400.000 casos.

Segundo o mesmo cientista, o índice de infecção no Rio de Janeiro entre 0 e 6 anos, passou de 33 para 66%, e a mortalidade de 290 para 361 por 100.000 habitantes, com cerca de 6.500 óbitos anuais.

Verifica-se assim que o Brasil se acha em plena "fase epidêmica", exigindo de todos uma estreita cooperação, para que se possa acelerar a sua "fase de estabilização" e atingir no mais curto espaço de tempo a fase final do declínio.

E' um problema complexo que exige para a sua solução uma orientação segura que envolva medidas de caráter

médico e sobretudo social, compreendendo a descoberta do doente, a assistência clínica gratuita em dispensários ou sanatórios e o amparo à família do tuberculoso pela outorga do salário integral, independente do tempo do serviço.

Infelizmente, está longe o Brasil de poder executar esse programa. Se, em relação a parte social, já temos a lei que atribue ao funcionário estatal aposentadoria com os vencimentos integrais, em compensação, na parte relativa à assistência médica, a situação é de verdadeira penúria, como nos deixam ver as próprias palavras do ex-diretor do D.N.S.: "Dentro do critério da exigência mínima de um leito por óbito (Armstrong), na média dos últimos 5 anos, dispunham as capitais brasileiras, em meados de 1939, 28 %, e, em fins de 1942, menos de 32 % do total de camas necessárias".

Já praticamos a roentgenografia para os candidatos a empregos públicos, para o ingresso nas forças armadas, etc., mas não só essa pesquisa não está bastante generalizada, como seria de desejar, como também não é feita com a frequência e sistematização requeridas. No próprio Exército, esse serviço apresenta falhas bem sensíveis.

Mesmo que o país pudesse realizar integralmente a triologia acima enumerada, não conseguiria resolver integralmente o problema, porque depararia com dois fatores de suma importância para a solução de tão importante questão — o fator alimentar e a falta de educação das massas.

Sem uma boa alimentação, não será possível ao organismo que se contamina oferecer qualquer resistência à marcha da doença; sem educação, jamais se conseguirá uma eficiente colaboração do doente e da família aos preceitos de higiene. Sem educar as massas, para que possam as mesmas adquirir um padrão de vida, compatível com as necessidades biológicas do homem, e torná-las capazes de cooperar conscientemente para a execução dos imperativos sociais, tudo será esforço vão, pois nada será capaz de destruir a resistência, à inércia, impostas pela incomprensão.

## C A P I T U L O V

## COMO EXECUTAR A LEI

As recentes e prodigiosas descobertas da ciência, encurtando as distâncias, aumentando a eficácia dos engenhos de destruição e de defesa, trouxeram profundas alterações na concepção dos métodos de guerra.

Hoje o Exército não combate mais como elemento autônomo, constituído apenas por uma pequena parcela da nação; a sua entrosagem envolve a nação inteira; para cada soldado de vanguarda deve corresponder uma corte de auxiliares, compreendendo desde o cientista que, nos laboratórios, trabalha para o aperfeiçoamento das armas de ataque e dos meios de defesa, até o mais modesto operário, encarregado das mais rudimentares funções. Todos devem trabalhar em perfeito sincronismo para a obtenção de um resultado satisfatório; qualquer falha nesse gigantesco mecanismo, poderá acarretar sérios prejuízos. Tudo tem que ser previsto, coordenado, afim de que a nação, em massa, possa agir como um todo e adquirir a plasticidade necessária para atender a todas as fases de luta, acudir a todas as surpresas, em todos os setores da refrega. Daí dizer-se que a organização de um exército moderno é "a menos simples das tarefas humanas".

Se no período de guerra, o exército representa a própria nação em armas, em tempo de paz, a sua função não é menos importante, porque terá de servir de elemento de proteção, em caso de agressão inesperada, dando tempo a que se processem as diferentes fases da mobilização, e deverá servir de núcleo para o preparo e instrução de todos os cidadãos para a hora do sacrifício.

Isto nos deixa ver que o exército é atualmente uma parte integrante do organismo social de um país, com participação ativa em todos os seus movimentos sociais, cabendo-

lhe implicitamente a obrigatoriedade de concorrer com os seus elementos e a sua influência para apressar a evolução nacional. Pensar de maneira diferente será um retrocesso aos tempos em que o exército constituía um verdadeiro quisto no organismo nacional. A sua ação dever-se-á processar de uma maneira ativa, direta, por uma intervenção ponderada na solução dos conflitos sociais do país, ou fazer-se de uma maneira indireta, pela cessão de suas prerrogativas para facilitar a outros departamentos administrativos a consecução de seus objetivos.

Nos Estados Unidos, a mais poderosa e uma das mais pacíficas e cultas nações do mundo, o presidente Truman acaba de enviar ao Congresso uma mensagem solicitando a adoção do "adestramento militar universal", na qual acertua que o seu país não poderá contar "com o luxo do fator tempo", em caso de agressão.

Esse plano foi concebido para poupar à nação um grande onus com a manutenção de um poderoso exército e facilitar aos cidadãos a sua preparação militar, sem os pesados sacrifícios da prestação do serviço militar. Como o plano não implica em incorporação às forças armadas, não haverá isenção, a não ser por incapacidade absoluta, devendo todo cidadão receber a instrução necessária, assim de que possa ser aproveitado em qualquer setor, mesmo civil. Ressalta ainda o presidente a vantagem do método ser "usado para elevar o nível físico do homem, reduzir a percentagem do analfabetismo e desenvolver os ideais da cidadania norte-americana".

E admirável que o presidente de tão culta nação pense em aproveitar uma lei, que diz respeito à organização militar, para diminuir a taxa de analfabetos, que não excede de 4 % em uma população de 130.000.000, quando em outros países de diminuto índice de alfabetização, quasi incomparável com o estado de cultura do mundo atual, êsse assunto é encarado nos meios militares com desdém ou talvez com hostilidade.

Fossem as nossas condições ambientais semelhantes às dos Estados Unidos, não possuiríssemos o grande vazio demográfico do nosso "hinterland", fossem melhores os nossos meios de comunicação e de transporte, nada mais nos restaria do que adotar integralmente a solução americana.

Infelizmente, as nossas condições ambientais, o nosso gráu de cultura, o nosso passado diferem inteiramente dos do americano, obrigando-nos, assim, a adotar uma solução própria para o problema, na qual devemos procurar adaptar uma organização capaz de se tornar em elemento propulsor do progresso cultural e económico das massas.

Passa o mundo pela mais profunda crise dos tempos modernos, só comparável "à dissolução do mundo medieval ou ao esboroamento do império romano". "Entramos francamente em um mundo de "civilização em mudança".

Todas as conquistas espirituais e morais da civilização do século XIX que chegaram a dar a ilusão de perenidade, numa constante mutação para um aprimoramento sempre maior, capaz de conduzir o homem a uma vida feliz, sob o império da razão e da bondade, ruiram estrondosamente sob o fragor da luta de 1914.

Nos limites geográficos de cada nação, sob a influência do fator económico, acirram-se os ódios de classes, cada vez mais exigentes, a medida que aumentam os fenômenos da "chômage", da opressão dos magnatas das grandes indústrias, dos trusts e carteis, semeando a miséria e a fome, como se uma onda de materialismo insatisfeito se abatesse sobre a humanidade, fazendo sossobrar todas as conquistas da civilização, criadas sob o domínio da razão e da moral.

Rôto o equilíbrio entre a matéria e o espírito, fendem-se os alicerceis em que repousava todo o edifício da estrutura social do nosso tempo, abalando a sociedade na constituição da família, dos grupos e das nações, conduzindo o homem ao mais perigoso egoísmo, pelo qual se despovoam os

lares, se estabelece o predomínio das classes, se funda o direito da força nas relações entre as nações (L.F.).

Por força desse mesmo materialismo, testemunham as gerações presentes de sucessivos e tremendos acontecimentos históricos que não foram dados presenciar a dezenas de gerações presentes de sucessivos e tremendos acontecimentos históricos que não foram dados presenciar a dezenas de gerações passadas, e que vivem uma dolorosa e cruciante incerteza sobre os destinos da humanidade.

Esta advertência nos deve fazer meditar sobre os nossos próprios destinos; não se trata tão somente de preparar o Brasil de amanhã para que os nossos filhos ou nossos netos possam desfrutar uma vida tranquila e feliz dentro da "pompa da natureza tropical". Temos que construir o Brasil do presente, para nós mesmos, e destarte passá-lo engrandecido às mãos das futuras gerações, necessário se tornando que saibamos trabalhar no sentido exato do nosso determinismo histórico, com animo forte, espírito desprendido e segura determinação.

- No pálido bosquejo que tentamos sobre a nossa evolução histórica e social, sobre os problemas de comunicação, do ensino e saúde, aos quais seria preciso acrescentar o econômico, encontraremos a chave das falhas que precisamos corrigir e o sentido pelo qual nos devemos orientar, para a construção da nossa estabilidade atual e da nossa grandeza futura.

Se balancearmos os fatos ali enumerados e procurarmos tirar dos mesmos os ensinamentos que encerram, é bem possível que sejamos assaltados por uma onda de desânimo, tal a complexidade do problema e as dificuldades que se nosparam. Comparando, ponderando, e deduzindo, qual um médico à cabeceira do enfermo chegaremos à conclusão de que o País possui uma tempra rija um cerne forte, mas que se acha presentemente anemiado, debilitado por um mal crônico que, de ha muito, lhe vem haurindo as energias, pre-

judicando a vitalidade do organismo. E esse mal é — a ignorância.

Esta asserção que a muitos poderá parecer simplista é, na verdade, a chave de todos os nossos grandes problemas; sem uma massa educada, quer labute nas indústrias ou no campo, não poderá haver progresso. O alto nível alcançado pela técnica moderna não permite mais o trabalho de rotina, com instrumentos primitivos, porque isso será marchar para a derrota certa. No terreno social, não haverá lei de amparo ao trabalhador, capaz de trazer o almejado equilíbrio entre as classes operárias e patronais, como exemplificam as nossas leis trabalhistas, excelentes na sua esência, deficitária na prática, porque a elas se opõe a ignorância da massa proletária que hipertrofiou a noção de seus direitos e aboliu a de seus deveres. Nem mesmo a saúde pode ter o ignorante, porque ele se encarregará de destruir em horas o trabalho de muitos, durante muito tempo.

A falta de instrução e de educação cria no homem a desambiguação, entorpece o estímulo da necessidade de uma vida melhor, gera a inveja e o ódio, por atribuir à sociedade os erros e os vícios que estão em si mesmo, preparando o terreno para a eclosão de sentimentos contrários à ordem e a moral.

A sua solução não nos parecerá fácil desde que meditamos sobre os diferentes fatores que apontamos páginas atrás e que conhecemos um pouco a situação do país, na sua fase atual, com os seus imensos vazios demográficos, o insulamento de pequenos núcleos de população e mesmo de famílias, o gráu de higidez e de ignorância desses núcleos ou dessas famílias e o baixíssimo nível económico de quasi toda a população dos nossos sertões.

No sistema atual, será um problema de muitas décadas ou talvez de séculos, porque entrozado com os demais fatores: económico, transporte, saúde.

A vertiginosa sucessão dos acontecimentos históricos do mundo atual veio pôr em relêvo a necesidade das nações,

ainda em formação, apressarem a culturação de suas massas trabalhadoras, afim de que elas possam se integrar, sem atritos, dentro do quadro social da nação, colocando assim em primeiro plano — a educação do adulto.

A educação do adulto é de fato o maior dos problemas que nos é dado enfrentar no presente momento; de sua solução depende a resolução de numerosos outros que nos levarão a esperar tranquilos um futuro feliz.

Resolvê-la, porém, nos moldes atuais, por ações dispersas e fragmentares será ultrapassar o tempo útil de que dispomos, dando margem a que medrem doutrinas que virão abalar os alicerceis do nosso sistema social, lançando-nos na voragem das lutas de classes. Precisamos encontrar um meio que nos permita aclarar o processo de educação das massas, principalmente da população rural, sobre a qual repousa um dos mais sólidos esteios da nossa riqueza. Mercê de Deus, já temos esse instrumento que nos facilitará realizar esse desiderato em uma fração do tempo exigido para a sua consecução — *a lei do serviço militar ou a lei da convocação das classes*. Da sua aplicação judicosa, sem o exclusivismo de interesse funcional, poderemos obter os mais compensadores resultados, como tentaremos demonstrar.

Pelo decreto-lei n.º 7.343, de 26 de fevereiro de 1945, o Presidente da República extingue o sorteio militar e institui a convocação geral da classe de 21 anos.

Em seu artigo 7.º diz a lei que o Ministro da Guerra, mediante prévia autorização do Presidente da República, poderá resolver que a convocação a realizar-se abranja sómente determinados distritos de recrutamento.”

Parágrafo único. Pelos mesmos motivos, poderá ainda dispensar da convocação os habitantes de distritos de recrutamento :

- de fraca densidade de população;
- de deficientes meios de comunicação;
- onde as atividades agropecuárias e a indústria extra-

tiva de interesse militar não devem sofrer alterações no seu ritmo de trabalho.

#### DA INCORPORAÇÃO

Parag. 2.<sup>o</sup> — Os "excedentes" que residem em lugar onde haja centro de formação de reservista de 2.<sup>a</sup> categoria são obrigados a frequentar esse centro e a concluir o curso com aproveitamento, dentro do período fixado pelo Ministro da Guerra.

Não modificou a lei a idade para a prestação do serviço militar. Parece que o critério que presidiu a escolha da idade foi baseado no código civil que estabelece essa idade para a declaração de maioridade. Creio, entretanto, que esse limite poderia ser vantajosamente encurtado para 18 ou 19 anos, não só sob o ponto de vista somato-psíquico do indivíduo, como também sob o prisma das atividades sociais.

Aos 18-19 anos, possue o adolescente uma mentalidade mais plástica, onde se imprimirão mais facilmente os ensinamentos que se lhe vão ministrar; fisicamente, os seus músculos são dotados de maior elasticidade, donde a possibilidade de um mais perfeito desenvolvimento físico. Socialmente, constitue a idade de transição entre o curso secundário e o superior, se aspirante às profissões liberais; se trabalhador, está ainda em fase de aprendizado ou de pouco rendimento, não acarretando o seu afastamento temporário grande perturbação a indústria ou ao trabalho do campo; por não ter ainda contruído matrimônio e não constituir, geralmente, arrimo de família a sua ausência não produzirá grande abalo na economia doméstica.

Em seu artigo 7.<sup>o</sup> autoriza a convocação apenas em "determinados distritos de recrutamento". Embora sábia, sob o ponto de vista militar e das possibilidades atuais, não deixa de encerrar uma certa injustiça, sob o ponto de vista social, e não atende, tanto quanto era de esperar, a preparação para a guerra, por excluir do necessário treinamento e

preparo milhares de cidadãos, impossibilitados assim de prestarem o seu concurso para a defesa do país, pela impossibilidade de serem instruídos no manejo das armas.

Porque não se procurar uma solução que abranja, dentro do espírito democrático, igualmente a todos os cidadãos?

A assertiva de que o efetivo atribuído às nossas forças armadas não comportaria todos os elementos da classe só é verdadeira, quando considerada apenas sob o estreito ângulo dos efetivos de paz.

Mas, se ponderarmos que as guerras atuais não são mais de exércitos e sim de nações, esse argumento se esboroará como um castelo de cartas a uma lufada de vento.

Não se trata, portanto, de preparar tão sómente o Exército, mas sim a nação em sua totalidade.

Como deixou bem claro em seu discurso o Sr. Ministro da Guerra, os nossos compromissos não se limitam à defesa apenas das nossas fronteiras que, felizmente, nada ameaça no momento, mas também à defesa do continente, o que constitui uma anciosa interrogação e um grave compromisso.

Em caso de uma guerra mundial, cujo espectro ronda sinistramente a humanidade, não poderemos contar "com o luxo do fator tempo", como sensatamente disse o presidente Truman. Em caso de ataque extra-continental, seremos certamente atacados ao mesmo tempo que a poderosa nação do norte, dada a nossa situação geográfica, que tão poderosamente concorreu para apressar ou decidir o desfecho do tremendo conflito, permitindo a remessa de precisos recursos para o outro lado do Atlântico.

E não sómente sob a pressão dos fatores bélicos devemos pensar em impulsionar, de maneira acelerada, a evolução das nossas massas, em última análise, o elemento dinâmico da nação, o verdadeiro construtor da sua grandeza material. Temos de recuperar o tempo perdido pela nossa longa e interminável infância, irmã gêmea da grande República do norte pela idade e dela distanciada, em séculos, pela cultura das massas e pelo desenvolvimento econômico.

Apressá-la, é para nós uma questão vital, em que o fator tempo possue excepcional importância. Para a sua consecução temos de contar com o patriotismo, clarividência e o espírito de colaboração dos nossos dirigentes, sobre os quais pesam todas as responsabilidades dos nossos destinos como nação, afim de que, num supremo esforço, possamos acelerar no tempo e no espaço o nível cultural das massas, para com elas cimentarmos a nossa prosperidade econômica na paz e crearmos ainda com elas a sensação de segurança na guerra.

Não nos devemos deter diante do sacrifício financeiro, porque a quantia dispendida será devolvida em trêsdobros, dentro de curtissimo prazo, como muito bem o prova o Dr. Lourenço Filho, ao mostrar que o índice de produção varia, por capital, na razão de um para oitenta, entre regiões de grande e pouca cultura.

Faltava-nos o instrumento que permitisse o necessário aceleramento em massa e esse nos é dado pela presente lei: é só saber aplicá-lo judiciosamente e, dentro em pouco, temos transformado o nosso panorama cultural e econômico.

Determina a lei que todos os "excedentes" da incorporação são obrigados a cursar com aproveitamento os "centros de instrução militar" existentes ou a serem criados nas diversas localidades. Esses "centros", são constituidos pelas diferentes unidades do Exército, pelas unidades quadros ou por "Tiros de Guerra".

Estes últimos são em número de 215 para as diferentes cidades emunícios; o número de localidades em que existem cidades e municípios; o nkmero de localidades em que existem unidades do Exército são, ao todo, 77. Temos assim 292 localidades com "centros de instrução militar". Ora, se considerarmos que os municípios são em número de 1.668, fácil é verificar quão diminuto é o número dos mesmos. Considerando ainda que cada "centro" só poderá exercer a sua influênciá sobre a população que mora dentro de um determinado raio da sua séde, que se pode cálcular, com bôa vontade, para as localidades onde não haja um sistema de

transporte organizado, em 6 quilômetros; levando em conta a área dos nossos municípios e a fraca densidade demográfica de sua absoluta maioria, como por exemplo (para citar apenas as mencionadas na lei); Bariri, em S. Paulo, cuja superfície é de 692 km<sup>2</sup>; população 25.322 habitantes; densidade (habit. por km<sup>2</sup>) 36,59. Manhumirim, em Minas; superfície, 646 km<sup>2</sup>; população 31.105 habitantes; densidade 48,15. Mamanguape, na Paraíba; superfície 2.031 km<sup>2</sup>; população 64.836 habitantes; densidade 31,92, é facil verificar que somente uma diminuta parcela da população poderá receber a instrução militar, mesmo que sejam criados núcleos de instrução para as fábricas e as grandes organizações.

Se pensarmos um pouco mais detidamente sobre as condições das nossas populações sertanejas, o seu gráu de cultura; se nos lembarmos da história de Canudos, da sangrenta trajetória de Lampeão e de outros cangaceiros, mesmo que fosse possível a ministração, em larga escala da instrução militar, à população sertaneja no seu estado atual de cultura o nosso estado dalmá seria antes de inquietação e sobressalto do que de tranquilidade e satisfação.

Assim penso que será de urgente necessidade uma mutação completa da lei, não só para que a classe inteira, seja dos 18 ou 19 anos, como proponho, ou a de 21 anos, como está determinado, possa receber em sua totalidade a instrução militar, numa ampla demonstração de um sadio espírito democrático, e possa a parte inculta e miserável das nossas populações rurais auferir benefícios que de outro modo lhe estarão vedados, por um ainda longo espaço de tempo.

P

Possue o Brasil uma população de 946.269 habitantes de 18 anos; 743.654 de 19 anos; 937.883 de 20 e 652.681 de 21 anos. Existindo quasi absoluta paridade entre os dois sexos, teremos 473.134, 371.827, 468.941 e 326.340 jovens do sexo masculino, para as classes já mencionadas.

Em 28.456.743 habitantes da zona rural podemos avaliar o contingente da classe de 18 anos em 231.881 indiví-

duos, distribuindo-se os restantes 151.253 para as zonas urbanas e suburbanas.

Estabelecida esta primeira separação, vejamos como poderia ser executada a lei.

Os 151.253 jovens da zona urbana satisfazem plenamente as necessidades do efetivo militar de paz; caso houvesse razão para um maior contingente, seria possível recorrer a uma elevada percentagem do grupo rural, de preferência alfabetizados e que não se dedicassem às atividades agro-pequárias, às indústrias extractivas, das quais se ocupam 7.727.699 pessoas maiores de 18 anos.

Ao grupo urbano tocaria a tarefa do preenchimento dos claros nas casernas, de acordo com as leis vigentes, ao inverso da prática atual em que os maiores contingentes são fornecidos pelas zonas rurais, estabelecendo-se então um sistema de instrução e educação dos excedentes, aproveitados para esse mistér muitas ou quasi todas as disposições já estabelecidas em lei, restando apenas codificá-la em um sistema único, homogênio, de cuja fiscalização ficaria encarregada uma comissão mista civil-militar.

Para o grupo rural, deduzido o contingente em o qual se possa aplicar as disposições do primeiro grupo, isto é, incorporação ás fileiras ou a instrução nos "centros de instrução militar", o que deverá abranger os indivíduos com o curso primário, que se pode avaliar em 150.000 jovens, criasse-iam escolas centros especiais, verdadeiras "colônias-escola", onde, a par de uma instrução militar adequada, se ministriam os ensinamentos necessários à educação do adulto.

O efetivo dessas instituições poderia ser de cerca de 2.500 alunos soldados. Essa estimativa, talvez um pouco exagerada, tem a seu favor a questão econômica e o fato de se tratar apenas dos adolescentes, e que permite uma composição mais densa das diferentes classes, a concentração de recursos pedagógicos e finalmente o caráter especial da sua finalidade.

Nesta base, o número das "colônias escolas" seria de 60 a 70 para todo o território nacional.

O regime a ser adotado nas mesmas será fundamentalmente o regime militar, sem a rigidez da caserna, com as modificações aconselhadas pela técnica pedagógica. Além do ensino militar, do curso primário fundamental, seriam adotados processos da "escola nova" para adultos com tendência ao ensino profissional.

Além da parte educacional, deverão merecer especial cuidado o problema da seleção psicológica, e da saúde, com ministração prática e objetiva de uma instrução sanitária que habilite o instruendo a transmitir à família e a sua "entourage" as noções indispensáveis da prática de higiene.

Ao deixar a escola será o reservista assistido pelo Estado. Para isso, dar-lhe-á a terra e facilitará a aquisição dos instrumentos de trabalho, reunindo-os em aldeias com as respectivas famílias, amparando-os com os seus cuidados que, desde então se estenderão a todos os membros da família, continuando e desenvolvendo o processo educacional, iniciado na escola. A essas colônias seria incorporado um certo número de imigrantes selecionados, o que seria um elemento de estímulo e evitaria a formação dequistos raciais, iniciando-se assim a "marcha para o Oeste" de uma maneira lógica, paulatina, sem exterminio de tribus selvagens, cuja hora de integração à civilização ainda não souvi.

Para a realização dêste programa, que poderia ser integrado em 5 anos ou um pouco menos, seria constituído um fundo especial, federal e estadual, com o produto da taxação sobre a produção industrial, acréscimo da taxa sobre bebidas, fumo, objetos de luxo e de adorno e um pequeno imposto sobre vendas e consignações estaduais. Com essas taxas poderiam ser arrecadados cerca de um bilhão de cruzeiros, suficientes para a instalação de cerca de meia centena de escolas, sem levar em conta os grandes donativos que seriam feitos pelos magnatas das indústria e do comércio, em retribuição às imensas fortunas que esse mesmo povo, ao qual se destinam as "colônias escolas", lhes ajudou a ganhar.

## BIBLIOGRAFIA

- Formação Histórica do Brasil — Pandiá Calógeras.  
 Casa Grande e Senzala — Gilberto Freire.  
 Nordeste — Gilberto Freire.  
 A Cultura Brasileira — Fernando de Azevedo.  
 Evolução do Povo Brasileiro — Oliveira Viana.  
 Síntese da História Econômica do Brasil — A. Melo Franco.  
 Ensaio de Antropologia Brasileira — Roquete Pinto.  
 Você e a Hereditariedade — Amram Schinfeld.  
 Marcha para o Oeste — Cassiano Ricardo.  
 Hereditariedade e urgência — Otávio Domingues.  
 História Social do Brasil — Pedro Calmon  
 Geografia das Comunicações Brasileiras — Mário Travassos.  
 Geografia do Brasil — Delgado de Carvalho.  
 Clima e Saúde.  
 Plano Rodoviário Nacional — D.F.E.R.  
 Páginas de História do Brasil — Serafim Leite.  
 Military Review n.º 2 e 3 de 5/45 e 6/45.  
 "O Globo" — 1 de Setembro de 1945  
 "O Jornal" — Altos índices de infecção tuberculosa — Orlando  
**Fontes.**  
 A crise do Mundo Moderno — Leonel França.  
 Recenseamento de 500 dançarinhas — Alvimar de Carvalho e Carlos  
 M. Valene — Rev. Paulista Fisiológica — 11.º V.  
 Tratado de Higiene — Barros Barreto.  
 A saúde de nossa gente — A Gavião Gonzaga — J. do Brasil.  
 O grande problema do combate à tuberculose — Manuel de Abreu  
 — J. do Brasil.  
 A Escola Nova — Lourenço Filho.  
 Brasil 1933-44 — Publicação do Ministério do Exterior.  
 O problema da educação de adultos — Lourenço Filho — Revista  
 Brasileira de Estudos Pedagógicos.  
 Boletim Estatístico n.º 9 e 10 — I.B.G.E.  
 Anuário Estatístico 1937.  
 O Brasil e suas Riquezas — Waldemiro Potsch.  
 Serviço Militar — Decreto-Lei n.º 7943, de 26 de Fevereiro de 1946.
- 

Joseph de Maistre escreveu: "Uma batalha perdida é uma batalha que se julga estar perdida, porque, acrescenta, uma batalha não se perde materialmente." Então, é moralmente que ela se perde. Por conseguinte, é também moralmente que ela se ganha, e podemos completar o aforismo, dizendo: *Uma batalha ganha, é uma batalha na qual não queremos confessar-nos vencidos.*

Não são as tropas, mas os generais, que ganham, ou que perdem as batalhas. (*Foch*).

# AS REALIDADES DA GUERRA

Cel. RENATO B. NUNES,  
da Reserva de 1.<sup>a</sup> classe.

Na nossa Escola de Estado-Maior há duas preocupações de ordem didática: estudar a preparação da batalha, e sua execução, isto é, os problemas de Estado-Maior e os de tática geral. O processo de ensino foi sempre o estudo do "caso concreto" mais fielmente caracterizado quanto possível, no que toca à situação relativa dos contendores no quadro geral das operações, e em tudo quanto na realidade é possível conhecer, a respeito do terreno, das forças que se defrontam, da missão e das possibilidades de ação do adversário.

Essa "encenação" é relativamente fácil, pois todos os elementos que a compõem, e o papel que vão representar no cenário assim composto, têm um caráter objetivo e mais ou menos concreto, segundo as condições previamente estabelecidas. O mesmo já não se dá quando da preparação se passa à execução, isto é, ao estudo da ação própria e das reações do adversário, sem que se corra o risco de passar também do quadro das realidades para o domínio do romance e da fantasia, sem nenhum valor instrutivo. São, sobretudo, os incidentes vérossímeis, criados pelo instrutor antes, durante ou depois da ação, que encerram os ensinamentos que se quer por em evidência, quer no que se refere aos efeitos materiais, quer no que toca ao espírito de iniciativa e de decisão exigidos dos comandos.

E', então, quando intervém a necessidade, para o instrutor, de bem conhecer as realidades do combate e do campo de batalha, ou por experiência própria, se ele já participou das operações de guerra, ou adquirida à custa do estudo da história militar, da descrição de combates e de batalhas reais, onde se podem apreciar as grandes linhas gerais das operações,

a ação dos chefes, a execução pelos elementos subordinados, e até a própria conduta do homem isolado em face do perigo, isto é, a tática e a psicologia do combatente. Daí, a necessidade imprescindível, para instrutores e instruendos, da leitura e meditação desses relatos, fáceis de encontrar, no que se refere à direção e à execução das operações de guerra, porém muito mais raros no que concerne à observação psicológica do homem, do indivíduo, no conjunto da ação. E isto acontece, por um lado, porque raros são os oficiais capazes de fazer observações daquela natureza em todos os momentos oportunos, e de registrá-las em seguida; e, por outro, porque justamente quando se trata das naturais fraquezas humanas manifestadas pelos indivíduos, nos quais os clamores do instinto de conservação chegam, às vezes, a dominar-lhes a vontade e a noção do dever, um mal entendido pudor patriótico impede o registro e a divulgação desses preciosos ensinamentos psicológicos.

Embora raras, entretanto, existem algumas fontes, e das melhores, nas quais se podem haurir essas noções indispensáveis à formação dos condutores de homens, do tenente ao general. Nas páginas desta revista transcrevemos alguns excertos da obra clássica "Etudes sur le Combat", do grande pensador militar que foi Ardant du Picq, e, integralmente, "As realidades do Combate. Fraquezas, heroismos, pânicos," do General Daudignac. E há muitas outras obras desse gênero.

Se na definição de todas as circunstâncias que influem no estudo de um tema tático é possível, dentro de certos limites, fazer intervirem fatores morais, físicos, atmosféricos do terreno, etc., é quase impossível jogar constantemente, com os fatores psicológicos, com a influência do caráter e do temperamento da cadeia de chefes subordinados, e com os inúmeros e imprevisíveis "atritos" de toda a espécie que, muitas vezes, retardam ou enjambram o funcionamento, no tempo e no espaço, desse mecanismo complexo que é a tropa combatente. Só a experiência pessoal, ou a adquirida no

estudo das realidades do campo de batalha, podem manter a imaginação do instrutor dentro dos limites do verossímil, quando ele faz intervir na discussão essa série de imponentáveis, aos quais a ninguém é dado prever se se apresentarão ou não, nem onde, quando e como atuarão, mas contra os quais é necessário manter os espíritos em guarda e prontos para neutralizar-lhes os efeitos prejudiciais.

Para conseguir essa "preparação dos espíritos" contra o inopinado e o imprevisível, não há como a narrativa completa e honesta das situações vividas na guerra, tal como os fatos se passaram, sem a preocupação de críticas pessoais, memo porque se o chefe, seja de que escalão de comando for, tem o dever de não esquecer nem desprezar nenhum elemento essencial de seu raciocínio, não se lhe pôde increpar a falta de previsão das causas que, por sua natureza, escapam à previsão. De como ele reagiu em face do inopinado, ou do imprevisível, isto é causa diferente.

Se é verdade, como dissemos de outra feita, que de um erro surge sempre uma lição, da qual ninguém mais se esquece, é óbvio que desses relatos de operações frustradas há sempre que aproveitar as lições dos erros, falhas e insuficiências, por ventura cometidos, tanto na concepção como na execução. O mal reside em ocultá-los, porque se perde então a advertência profícua que deles decorre para os pós-teros. Demais, não é difícil narrar despersonalizando inteiramente os fatos, sem citar unidades nem comandos por seus nomes próprios, mas referindo apenas o valor e a posição relativa das forças em presença, e como se desenrolou a ação, no terreno considerado.

Esse estudo analítico, para ser completo e proveitoso, deve ser, ao mesmo tempo crítico, no que se refere aos objetivos da operação comparados com os resultados alcançados. Para isto, faz-se mister analizar as ordens expedidas pelo escalão superior do comando e as emanadas dos comandos subordinados, que daquelas decorreram, sem esquecer de precisar bem quais eram as informações e as previsões que, no

momento da decisão, cada um dos chefes conhecia, pois é claro que a crítica feita após os fatos consumados, não se deve basear em circunstâncias que sómente êsses fatos tornaram evidentes. Se, porém, tais fatos ou consequências podiam ter sido previstas no momento em que as decisões foram tomadas, em face das circunstâncias conhecidas nesse momento, então, não se trata mais de causas inopinadas ou imprevisíveis, e sim de um raciocínio tático imperfeito, falho ou ilógico. De qualquer maneira, porém, o estudo analítico de uma operação não será convincente se, o conhecimento da situação tática relativa dos adversários em presença, não for completado com as ordens expedidas.

Ainda quando as afirmações pessoais mereçam todo o crédito, sómente o que fica escrito é que passa à história, como documentos incontestáveis. Se, para manter o ardor cívico do povo, e sua confiança nas forças armadas nacionais, é bastante a comemoração festiva dos feitos vitoriosos, para a formação do profissional é preciso muito mais. Se as razões do êxito lhe são úteis, muito mais proveitoso é para ele conhecer as causas das operações fracassadas, porque delas é que se retiram os ensinamentos mais preciosos para o futuro. E, se esse estudo crítico se funda em documentos escritos, ordens, instruções, etc., quem o faz fica em situação moral comparável à do juiz que julga pelos autos, sem idéias preconcebidas, sem *partiprís*. Ordens de operações, partes e relatórios de combate, eis os "autos".

Duas ordens de considerações tornam delicados os estudos dessa natureza: as susceptibilidades pessoais e a inconveniência de divulgar fatos que, de algum modo, possam afetar a própria segurança nacional; mas nem uma nem outra dessas razões, devem conduzir ao silêncio, porque a instrução profissional é também um fator da segurança nacional. A solução é, pois, traçar limites à divulgação, que jamais deverá ultrapassar o círculo ao qual ela interessa, do ponto de vista da instrução profissional.

As operações coroadas de êxito, os fracassos ou os êxitos incompletos, devidos a falhas de execução que não personalizam os culpados diretos delas confundidos que ficam na massa dos executantes, os revezes ocasionados por insuficiência de instrução, ou por causas imprevisíveis, podem e devem ser divulgados amplamente, e por todos os meios, notadamente pelas colunas desta revista, como salutar advertência a todos quantos exercem a função de condutores de homens na guerra. Outros estudos críticos, de natureza mais delicada, têm sua tribuna adequada na nossa Escola de Estado-Maior, no seio da qual se podem, ainda, estabelecer dois círculos distintos: as preleções aos oficiais-alunos, e as divulgações no círculo mais restrito dos oficiais instrutores. A êstes, oficiais de mentalidade de estado-maior já formada, é mister falar com inteira franqueza, discutir minuciosamente todas as circunstâncias que, no tempo e no lugar, influiram, ou deviam influir, no espírito de quem concebeu a operação e ditou as ordens para sua execução, porque assim adquirem êles argumentos de natureza objetiva, baseados em fatos concretos vividos no domínio das realidades do campo de batalha, dos quais se utilizarão proveitosamente e sem necessidade de desvendar-lhes as fontes, nas discussões dos problemas táticos propostos aos oficiais alunos.

O silêncio em que habitualmente se deixam as operações que falharam em seus objetivos, é contraproducente porque, aos olhos do profissional, é impossível encobrir a significação dos fatos consumados, e pode dar origem a impressões ou suspeitas muito mais prejudiciais e desfavoráveis do que o conhecimento integral da verdade. Um ataque, por exemplo, que fracassa duas ou três vezes, devia ser analisado minuciosamente à luz dos documentos expedidos e das circunstâncias do momento em que foram concebidos, preparados e executados, com o intuito único de colher ensinamentos preciosos, que são advertências para o futuro. Tanto no que respeita à concepção, quanto à execução, seria do mais alto valor instrutivo saber como se procurou corrigir as

fallas e insuficiências de cada um dos ataques gorados, a fim de garantir o êxito dos subsequentes. O silêncio não destrói os fatos, e, o que é pior, não adverte contra a repetição dos erros. Ora, errar é humano, persistir no erro é irracional.

Não sómente a questão tática, ou as do âmbito do comando e do estado-maior, são interessantes. Há uma outra natureza de conhecimentos tão importantes quanto aquêles: — é a psicologia do combatente tomado isoladamente, como indivíduo, e também as manifestações coletivas da multidão armada que é a tropa.

Houve, sem dúvida, entre os oficiais de todos os postos que tomaram parte nas operações na Itália, não poucos capazes de observar o homem nas diferentes fases de uma operação de guerra, desde a marcha de aproximação até ao assalto final que coroa o objetivo conquistado.

O campo de observação era imenso e variado, e, muito embora o resultado coletivo da luta mereça louvores e franca admiração, o mesmo não acontece com a totalidade dos indivíduos, porque não há, exército constituído inteiramente de heróis, nem só de pusilânimes. Há, sempre houve, três classes de homens: os que sabem cumprir seu dever, a maior de todas, a quase totalidade nos exércitos bem formados; os heróis, isto é, aqueles que num dado momento excepcionalmente crítico, excedem, ultrapassam tudo quanto se poderia esperar das contingências humanas diante do perigo e do sofrimento moral ou físico, e que são raros; finalmente os pusilânimes, que tanto podem sê-lo por falta de educação moral ou física, suficiente, como por causas de natureza psico-fisiológica, cujos efeitos podem acabar por destruir o predominio da vontade sobre o instinto de conservação.

Para o conhecimento do nosso homem, tanto em presença do sofrimento moral, e suas reações, como da fadiga física, e sua resistência, não é bastante dizer-se que o batalhão tal ou a companhia qual cumpriram bem esta ou aquela missão; o que é preciso é estudar o indivíduo dentro da co-

letividade, pois que as manifestações, em cada caso, têm sua significação própria.

Os exemplos confirmam as regras, e é dêste ponto de vista que avulta o valor das observações diretas do homem, quando sob o império das fortes comoções; elas ilustram e confirmam os princípios da psicologia aplicada, reforçando-lhes o poder convincente.

Infelizmente, porém, no nosso meio militar, bem poucos são os que estão convencidos da importância da psicologia que, neste particular, é companheira da pedagogia; e a razão dessa anomalia é que nem uma nem outra dessas duas ciências aplicadas faz parte dos programas de nossas escolas de formação de oficiais, quando êstes se destinam, primordialmente a instrutores e condutores de homens.

Os oficiais que exerceram funções de comando, em todos os escalões, as de estado-maior, de serviços, notadamente o de saúde, e que estiveram em contato com as realidades da guerra, devem à grande maioria de seus camaradas que não tiveram igual oportunidade, a narrativa de seus atos e observações cujo valor instrutivo não é necessário encarecer. Os círculos dentro dos quais êsses estudos e narrativas devem ser divulgados, repetimos, variam desde as colunas das revistas técnicas, até à exposição limitada às escolas e aos recintos dos estados-maiores. Mas, em qualquer caso, devem ser escritos e documentados, quando o assunto comportar essa documentação. A simples redação de relatórios oficiais, não é bastante, porque êstes, de regra, vão dormir nos cofres ou arquivos o sono plácido que lhes garantem os carimbos de "reservado", "secreto", confidencial", etc.

A guerra *reveste sua forma* segundo as ideias, os sentimentos e as conveniências existentes no momento em que ela se deflagra. Isto equivale dizer: si souberdes *por quê* e *com quê* agis, sabereis *como* é preciso agir. (*Foch*).

# Em Louvor da Infantaria

Marechal *LORD WAVELL*

Trad. pelo Major Jayme Ribeiro da Graça

N. da R. — O Marechal Lord Wavell, do Exército Britânico, é uma das grandes autoridades reveladas na 2.<sup>a</sup> Grande Guerra. Como militar — nos campos de batalha da África — e como político — no Oriente — o Marechal teve sempre segura e destacada ação em todas as ocasiões em que sua atividade foi chamada a intervir.

Assim, "A Defesa Nacional", conhecedora dos belos conceitos que, a respeito da Infantaria, faz o grande cabo de guerra, achou interessante traduzir o presente artigo, publicado no Times, a 19 de Abril de 1945.

Minha atenção foi tardiamente despertada, por um distinto oficial, para o fato de que todas as armas e serviços — o Real Corpo Blindado, a Real Artilharia, etc. — são sempre escritas com letra maiúscula, não só na imprensa como na correspondência oficial, ao passo que a infantaria sistematicamente sofria a indignidade de ser tratada com "i" minúsculo. Meu amigo, adotando o método usual dos Ingleses, desejou escrever para o "Times", em desagravo. Toda-via, eu mesmo propus encarregar-me do assunto. Eis aqui portanto, o cumprimento da minha promessa — eis o artigo. Eu não havia, confessô mesmo, notado a existência do minúsculo "i" e certamente não me teria assustado se o houvesse. Entretanto, cabe-me dizer, que observo muito bem que a Infantaria (com "I" maiúsculo) não recebe nem o respeito nem o tratamento a que tem direito, pelos feitos que ela pratica nos campos de batalha. Isto, ainda que levado à conta de má compreensão, na paz, é intolerável na guerra.

Seja-me permitido esclarecer bem três fatos. Primeiro, todas as batalhas e todas as guerras são ganhas — no final —

pelos Infantes. Segundo, os Infantes são aqueles que sempre suportam o choque; suas perdas são pesadas, e, além disso, sofrem maiores desconfortos e fadigas do que todas as outras armas. Terceiro, a arte do Infante é menos esquemática e mais difícil de adquirir na guerra moderna, do que a de qualquer outra arma. O papel que cabe ao Artilheiro, por exemplo, é quase sempre invariável; a técnica da Artilharia, uma vez aprendida, torna-se mecânica. O Infante é forçado a usar iniciativa e inteligência em quase todos os passos que executa e em todas as ações que realiza no campo de batalha. Devemos, portanto, designar todos os homens de maior inteligência e de capacidade de resistência para a Infantaria.

Ainda, a Infantaria na paz ou na guerra recebe os mais baixos vencimentos, os piores uniformes e os recrutas menos promissores; para agravar ainda mais a situação, ela recebe a mais baixa consideração e mais baixo prestígio públicos. Isto tudo está muito errado e devia merecer mais atenção que a da letra maiúscula.

#### INFANTARIA E CAVALARIA

Em toda a longa história da guerra, no que concerne à linha de frente onde os combatentes investem contra o inimigo seja forçando-o a se retrair, seja a se render, ou então matando-o, o único método pelo qual as batalhas são ganhas — tem duas categorias únicamente — a primeira em que se combate montado (outrora os Cavaleiros e agora os Corpos Blindados), a segunda em que se luta a pé, acarretando o desgaste e o sofrimento da Infantaria (com a maiúscula "I"). A Artilharia, a Engenharia manejam armas que, pertencendo primeiramente à Infantaria, foram destas retiradas pelo simples fato de terem sido julgadas prejudiciais à mobilidade necessária para abordar em tempo o inimigo. O canhão, a bombarda e tudo o mais, quando primeiramente introduzidos no campo de batalha, foram armas de Infantaria; ao entravarem a mobilidade desta, passaram para a segunda linha, a fim de apoiá-la.

Assim, pois, a pé ou montados, os combatentes do primeiro choque são relegados para um segundo plano nos conceitos emitidos. Entretanto, se os Cavalarianos têm certo reforço no que concerne a uniformes, os Infantes — que suportam o perigo — só conhecem o desconforto e o despréstígio.

#### UMA REVISTA BRITÂNICA DE INFANTARIA

Na paz, o Real Corpo Blindado, a Artilharia e a Engenharia têm seus Inspetores próprios, para cuidar de seus interesses. A Infantaria tem que se contentar com a assistência do Diretor do Treinamento Militar (algumas vezes de Artilharia ou de Engenharia) que age como Inspetor de Infantaria. O Real Corpo Blindado tem um centro em Bovington; a Artilharia em Woolwick; a Engenharia, em Chatlam. A Infantaria, infelizmente, não tem casa própria. Igualmente, existe uma Revista de Cavalaria, uma de Artilharia, uma de Engenharia, ao passo que a Infantaria não possui Revista. Eu entendo que é necessário reparar tudo isto após à guerra.

Mas, acredito que, mais que qualquer outra causa, a Infantaria apreciaria possuir um símbolo bem visível e destacado; um leão atravessado por baionetas — por exemplo, bem lembraria a pujança da Infantaria no meio dos grandes riscos que corre no desenrolar da luta.

Certamente, não deve deixar de ter sido notado o fato de que os grandes chefes que muito se distinguiram na 2.<sup>a</sup> Grande Guerra foram Infantes: Marechais Dill, Alexander, Montgomery, Wilson e Generais Auchinleck, O'Connor, Platt, Leese, Dempsey, além de outros. A 1.<sup>a</sup> Grande Guerra, apesar de estática, evidenciou generais de Cavalaria; a 2.<sup>a</sup> Grande Guerra mostrou que os Generais de Infantaria se deslocam tão rapidamente quanto quaisquer outros.

Assim, seja-nos dado escrever sempre Infantaria com especial "I" maiúsculo e encará-la com profunda admiração. Que usem, pois, os Infantes nossos uniformes de batalha e que lhes seja permitido dizerem bem alto — nós somos os homens que vencem as batalhas e que ganham as guerras.

# A Terceira Missão do Pelotão de Minas do Regimento Sampaio e o Ataque a Castelo a 12 de Dezembro

Pelo 1.<sup>º</sup> Ten. José de Freitas Lima Serpa

Cmt. do Pel. de Minas

## II

O Btl. Syseno Sarmento, II do Reg. Sampaio, conforme nos foi dado mencionar no artigo anterior (\*), ataca Castelo, na malfadada jornada de 12 de Dezembro, atuando no flanco direito do III do Sampaio.

Vimos como se malogrou a arremetida do III Btl. Hoje veremos que o II, apesar do ímpeto e coragem dos seus soldados e quadros, também teve o mesmo final desanimador. Saibamos, no entanto, que isto não foi surpresa para os infantes. Naquele ataque deram o seu melhor, desenvolveram o máximo de esforço, morreram, praticaram atos de bravura, porém, devido ao acúmulo de várias circunstâncias contrárias, algumas narradas no artigo anterior, todos levavam a dúvida do sucesso.

Vejamos o seu desenrolar.

As 6,30 da manhã, o Cap. José Raul, Cmt. da 6.<sup>a</sup> Cia., informa pelo telefone que ia partir ao ataque.

O Mj. Syseno, procura ligar-se com sua outra Cia. de 1.<sup>º</sup> Escalão, a 4.<sup>a</sup> Cia. do Cap. Kluge, que atua à direita da 6.<sup>a</sup>, porém a ligação não funciona, sendo este fato comunicado ao R. I.

Dois minutos após, o Cmt. da 6.<sup>a</sup> informa que sua Cia., menos o Pel. Apolo com o qual não tinha ligação, está detida por forte barragem de morteiros e artilharia, sem que possa precisar a direção dos tiros, parecendo no entanto, partirem da encosta norte de Castelo.

(\*) — Ver a Revista de Março.

Sibilando através o nevoeiro que se espalha por sobre as cabeças dos infantes deitados na lama, as granadas ferem o solo aqui e acolá, jogando pedras, estilhaços e lama por sobre aqueles corpos desprotegidos. Encolhidos, sabendo que a qualquer momento podem ser despedaçados, esperam que Deus ou o destino os poupe.

O Fuzileiro João, abraçado ao seu F.M., ouve uma explosão mais vizinha. Enterra a cara na lama. Ao erguê-la, à sua frente, ali a um metro, está um braço. O coto é uma mistura horrível de sangue, lama e carne esfiapada. Os dedos, sujos, e rígidos como garras, dão a impressão de quiserem se agarrar ao corpo que os abandonara. Por entre as explosões, se ouvem os estertores de um moribundo.

O Fuzileiro João estremece.

Que houve com o Pel. Apolo, todos se perguntam? Pronto na base de partida, aguarda a hora H (6,30) para atacar. Como não conseguisse se ligar com a Cia., às 6,30 parte. Realmente o faz às 6,28, pois o seu relógio se adiantara dois minutos. E assim, quando a barragem se desencadeia, o Ten. Apolo e seu pelotão já se esgueiram sorrateiramente pela baixada a Oeste de C. de Viteline, sem serem molestados pelos morteiros. Aí encontram alguns cadáveres de vítimas do ataque anterior. Feliz no início da jornada, o futuro daquele mesmo dia, o aguarda com tristes surpresas.

Enquanto isto, a 4.<sup>a</sup> Cia. progride com os pelotões do 1.<sup>º</sup> Escalão, Achiles e Úrias, tendo o resto detido pela barragem que também a alcançara.

O Mj. Argens, Sub-Cmt. do Btl., assiste do P.C. da 4.<sup>a</sup> o ataque. Em dado momento, nota que há um claro entre os pelotões Achiles e Úrias, devido a este se ter desviado para a direita. Resolvendo fechá-lo, procura fazê-lo com um G.C. da Reserva da Cia., e com ele se lança em busca do 1.<sup>º</sup> Escalão.

As granadas de morteiros, abundantes na região, destróem quase todas as ligações telefônicas. Os rádios portáteis, quando não vitimados por algum estilhaço, são invadi-

dos pela chuva ou lama. Tornam-se inúteis. Para muitas frações só resta, no inicio do ataque, o emprêgo suicida de mensageiros, através rajadas e obuses. Muitos deles não chegam a destino.

As 7 horas, em face da impossibilidade de avanço da 6.<sup>a</sup> Cia., e como chegassem notícias de que a 4.<sup>a</sup> progredia, o Mj. Syseno, no P. C., ordena ao Cap. Waldir, Cmt. da 5.<sup>a</sup> Cia., em reserva, que cumpra a missão da 6.<sup>a</sup> procurando desbordar a barragem de morteiros. A 6.<sup>a</sup> passaria à reserva.

O dia a clarear, acompanhado pelo Oficial de ligação da artilharia e pelo Cmt. da Cia. de Comando, o Mj. Syseno se dirige para o P. O. do Btl., em Casa de Guanela, afim de assistir pessoalmente o ataque.

O Cap. Waldir providencia a execução da ordem.

Escalonando a Cia. em profundidade, lança para a base de partida da 6.<sup>a</sup>, o Pelotão Bicudo, com o dispositivo bem diluído por entre a barragem que amainara um pouco. Um soldado é ferido. Ao ir lançar os outros pelotões, o Cap. Waldir se encontra com o Maj. Syseno que não tinha conseguido chegar á Casa de Guanela, regressando para uma casa isolada ao Sul, onde dispunha de ligação telefônica. Aí o alcançam várias informações.

Um mensageiro da 4.<sup>a</sup> vem confirmar que a mesma partira à hora H, estando no momento com os dois pelotões da testa, no espião L. de C. de Viteline, o Pel. Achiles, e no barranco 600 metros ao Norte de La-Cá, o Pel. Urias. Os Pels. Rosa e Murilo (petrechos), continuavam na base de partida, detidos pela barragem de morteiros, desencadeada logo após a passagem do 1.<sup>º</sup> escalão. Pelo Cap. Kluge, soube que o Pel. Achiles está detido e desarticulado, em virtude de grandes baixas, inclusive a do seu Ten. que gravemente ferido, fôra posto fora de combate.

O Mj. Argens, alcançando o 1.<sup>º</sup> escalão, continua até atingir a linha que passa ao Norte de C. de Viteline e ao Sul de Abetaia, aonde é detido. À direita, e sob suas vistas, o

Pel. Úrias está aferrado ao terreno; mais para a direita, lá em baixo, na baixada plana e lamaçenta que une a base de partida a Abetaia, tropas da 1.<sup>a</sup> Cia. de 11.<sup>º</sup> R.I., estão sendo dizimadas de surpresa pelo inimigo entocaiado nas casas da Vila fatídica. Aqui e acolá, caídos ao acaso, corpos estirados e imóveis, ou retorcendo-se na dor, ou nos estertores da agonia, testemunham o desperdício de heroismos. Os sobreviventes, aferrados ao terreno, deitados ao comprido na lama, ou encolhidos no leito do riacho, ou nas valetas da estrada, aguardam uma oportunidade para progredir. Estão detidos.

Abetaia!... Ai, o Cap. Bueno e o Ten. Aloisio foram feridos; o Ten. Varoli foi aprisionado; dezenas de heróis deram o seu último esforço, exalaram o seu último suspiro..

Volvendo os olhos para a esquerda, o Mj. Argens não vê o Pel. Achiles devido aos acidentes do terreno. Sente o flanco no ar. Impossível a ligação, pela ausência de meios e por causa do bombardeio, resolve entrar em contato direto com o Mj. Syseno e expor-lhe a situação difícil da 4.<sup>a</sup> Cia. e o que se passava em Abetaia. Deixa o G. C. em posição e regressa à base de partida.

Em vista da situação pintada pelo Mj. Argens com as cores vivas e gritantes que ela merece, e de todos os demais informes, o Mj. Syseno resolve modificar sua manobra.

Ao Cap. Waldir ordena que avance, agora na esteira da 4.<sup>a</sup>, que passaria à reserva; à 6.<sup>a</sup> manda que prossiga o movimento; ao Mj. Argens, dá a missão de entrar em contato com a 5.<sup>a</sup>, afim de preparar a sua localização na base de partida.

O Pel. Bicudo (5.<sup>a</sup>), impossível de ser recuperado, passa à disposição da 6.<sup>a</sup>.

O Cap. Waldir e os Pels. restantes se deslocam para Tres Casas de Guanella, afim de cumprirem a última ordem.

O Pel. Rosa da 4.<sup>a</sup> passa à disposição do Cap. Waldir.

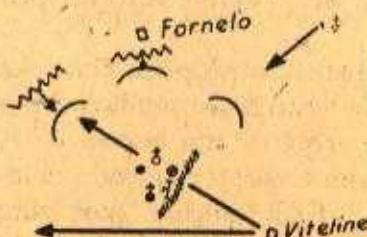
A artilharia inimiga bate agora a região do Pel. de Morteiros e, em seguida, toda a frente do Btl.

O Cap. José Raul, anuncia que apenas o Pel. Apolo, conseguira ultrapassar Viteline, mas que as ligações estavam cortadas, e ainda, que em Viteline, parecia existir um forte núcleo de resistência inimiga com numerosas armas automáticas. (!) Detinha a Cia.

Foi-lhe respondido que procurasse localizar as referidas armas, pois segundo informações prestadas pelo Escalão superior, C. de Viteline não estava ocupada pelo inimigo.

O Pel. Apolo, que logo após o encontro dos primeiros cadáveres, continuara a progredir, súbitamente, descobriu achar-se isolado. Avançava para o inimigo sem tropas que lhe apoiassem os flancos. Lança em busca de contato com o Pel. Chaon, que deveria estar à sua direita, o grupo de reserva que, progredindo num terreno mais elevado, poderia ainda proteger o avanço dos demais grupos. Sem nada ver, guiado apenas pela bússola, o Ten. Apolo, sente que o terreno se eleva à sua frente. Sem ter sido ainda visto e hostilizado pelo inimigo, no escuro, sabe que se aproxima de Fornelo. Neste momento, um mensageiro do grupo do centro, vem informar que fôra avistada uma casa que ia ser reconhecida. O Pel., cauteloso, se aferra ao terreno. Dois esclarecedores regressam com dois surpresos prisioneiros. Começa o Ten. Apolo a revistá-los, quando, inesperadamente, os primeiros tiros inimigos, vindos de Viteline, à retaguarda, se fazem sentir. Tinham sido avistados!

O Ten. Apolo, só vendo o grupo do centro, tinha o Pel. num terreno cultivado e recortado por cercas naturais de espinhos e gravetos, que impediam a ligação pela vista entre os grupos. Está no seguinte despositivo:



Os tiros de Viteline, passando por cima do Ten. Apolo e seu grupo de comando, protegidos por um barranco, vão atingir, pela retaguarda; o grupo da esquerda, em posição.

Nova metralhadora, também de Viteline, inicia cerrado fogo com balas traçantes, o que permite sua localização. Atira bem para a esquerda do Ten. Apolo, na direção provável da 7.<sup>a</sup> Cia.

Outras metralhadoras, já alertadas, abrem fogo sobre todos os grupos, enjaulando o Pel.

De Fornelo atiram sobre o grupo do centro; da esquerda de Fornelo, de nova resistência revelada, atiram no grupo da esquerda, agora entre dois fogos; de Nordeste e bem do alto de Castelo, atiram sobre o grupo da direita.

De posições mais elevadas, estas armas tinham os objetivos a seus pés. Era só atirar.

Como complemento, granadas de morteiros começam a salpicar o dispositivo do Pelotão.

Num momento, o silêncio pesado e agourento que envolve a fração ainda intacta, é rasgado por balas e granadas que, vindas da frente, de trás, de cima e dos lados, sibilam através dos ares, cortam as vegetações, ricocheteiam irritadas nas pedras e, iradas lançam para cima lama e estilhaços, dilaceram carnes, ferem, mutilam ou matam.

Naquele instante, o elemento mais avançado do Regimento, recebe a represália concentrada dos adversários audaciosamente atacados.

O Sgt. auxiliar do Ten. Apolo, mais à retaguarda e em melhores condições, tenta, desbordando pela direita, calar a metralhadora que de Viteline atirava projéts traçantes. Inútil.

Com o mensageiro, o próprio Ten. Apolo tenta novamente desbordar a resistência, agora pela esquerda. Rastejando, surgem na crista de um barranco. Alvejado, o mensageiro ergue-se com o corpo arqueado pela dor e tomba rolando para trás. O fuzil, lançado para cima, descreve um arco, e vem se fincar, oscilante, ao lado do corpo ferido e mo-

ribundo. Enquanto presta os primeiros socorros à vítima, o Ten. Apolo, vendo-se isolado, e envolvido pelos Alemães, com o Pel. desamparado, alvo quase inerme de suas armas, e com tódas as iniciativas fracassadas, não desanima porém. Não desespera. Reage. Reage. Pensa, otimista, que a adversidade não perdurará. Regressa para o Pel. Aí porém, aguardam-no más notícias. Vários mortos e feridos. As tentativas para destruir, ou pelo menos neutralizar as resistências inimigas, tinham sido tódas infrutíferas. A intensidade de seus fogos, contudo, tinha amainado.

Os elementos restantes, cavando a terra cuidadosa e rapidamente, haviam melhorado seus abrigos. Colados ao terreno, aproveitam qualquer valeta, moita ou palmo elevado de terra. Se erguem a cabeça, seus rostos são chicoteados pela terra levantada pelas balas, ou, de surpresa, varados por elas.

Os morteiros continuavam aborrecidos.

Arrastando o corpo frágil e magro pela lama ensanguentada, escorregando para uma vala, deslizando por trás das macegas e cercas, saltando para dentro de uma cratera ainda fumegante, o bravo e abnegado padoleiro Argemiro, sempre visado pelo inimigo, leva socorros aos feridos e o conforto de sua presença aos últimos segundos dos moribundos. Incansável e sem o apoio moral que uma arma inspira, tudo enfrenta, a todos atende.

Os dois prisioneiros Alemães, que não puderam ser evacuados para a retaguarda, jaziam mortos.

Ao longe, com o matraquear característico e abençoado de nossas metralhadoras, nascem novas esperanças. O avanço de tropas amigas é a destruição das armas Alemãs, são os anseios de todos. Deitados na lama, esperam...

Nada, nada porém melhora. Sempre imóveis e vigiados pelo atento inimigo, que ao menor movimento atira, vendo surgir e desaparecer novas esperanças, aqueles bravos que restam, vêm correr, lentas, quatro horas de angústia e tristes expectativas.

Curiosos, se indagam: o que houve com o resto do pessoal?

A 7.<sup>a</sup> Cia., que progride à esquerda do Ten. Apolo, recebe tiros da retaguarda, lá de Viteline. Está confirmada a informação do Cap. José Raul.

Viteline está em poder dos Alemães!!

E, pela primeira vez, a artilharia atira em Viteline!

O 3.<sup>º</sup> Btl. usa os morteiros. A 6.<sup>a</sup> que progride, é a ordem. Ao fazê-lo, nova barragem de morteiros a enjaula por completo. Já era demais. Porque não se arrebenta com esses morteiros?

Espalhados aíaz de Castelo, metidos em sombrias e desafiadas ravinas, quase, invulneráveis, continuavam lúgubres a atirar...

As 9.30, o Regimento informa que Abetaia cairá em poder do I/11.<sup>º</sup> R.I., e que já existiam elementos em Vale. Que o III/1.<sup>º</sup> R.I. atingira o primeiro objetivo, e que pedia para prosseguir. Logo após, o Cmt. da 4.<sup>a</sup>, informa que metralhadoras de Abetaia (!), atiravam sobre a Cia. Pedida a confirmação, esta vem. O Btl., perplexo, se pergunta: como pode ser isso?

A situação peiora. Os morteiros e as metralhadoras inimigas aumentam seus fogos. Os tiros partem de Vale e Abetaia! Imediatamente foi solicitada confirmação ao R.I. sobre o informe de Abetaia e Vale. O Mj. Braga, da ID<sub>1</sub>/E, que atendera ao telefone, retifica, dizendo estar Vale e Abetaia em poder dos Alemães!!!

O Btl. só agora pode pedir tiros de artilharia e morteiros naqueles pontos!!!

Passam-se quarenta minutos.

A 6.<sup>a</sup> tenta progredir, aproveitando a calma que se restabelecera à sua frente. Mal se ergue, lá vêm os morteiros novamente...

O P.C. do batalhão começa a ser bombardeado pela artilharia de grosso calibre.

Com apenas três Pels. atacando, o Btl. os tem em precárias condições.

O Pel. Apolo é considerado perdido, pois nada se sabia sobre ele; o Pel. Achiles, que sofreu grandes baixas e tem o seu Ten. gravemente ferido, era considerado detido e completamente desarticulado. Nada mais podia fazer. Os homens que restavam, espalhados pelo terreno limpo e lamaçento, se abrigavam da melhor forma possível. O Pel. Úrias, ainda que articulado, tinha grandes baixas e era também considerado detido e isolado.

A 5.<sup>a</sup> Cia., que leva as últimas esperanças do Btl. no sentido de prosseguir o ataque, já que seu primeiro Escalão acha-se detido, procura infiltrar-se por entre os Pelotões da 4.<sup>a</sup>, com os Pels. Segismundo e Gilson. Recebendo tiros de morteiros e metralhadoras, partidos das encostas Norte de Castelo, continua a progredir.

As 11 horas, o S/3 do 3.<sup>º</sup> Btl., o Cap. Walter, informa que o seu Btl. não conseguira se manter nas alturas de 779, e que se retraia para a região W. de Viteline. Ao mesmo tempo, o Cap. Waldir da 5.<sup>a</sup> informa se achar detido ao N. de La Cá, por intenso fogo de armas automáticas partidos de Viteline, 887. Abetaia e Vale. Havia sofrido 4 mortos e 6 feridos, entre estes, dois sargentos comandantes de grupo.

O 3.<sup>º</sup> Btl. retrai ocultado por granadas fumígenas de artilharia.

Aproveitando a fumaça, o Ten. Apolo, na zona de ação do 3.<sup>º</sup> Btl., pôde restabelecer a ligação entre os seus grupos. As novidades eram arrazadoras. Os sargentos comandantes dos grupos de centro e da direita estavam mortos, e o da esquerda desaparecido, sendo que os seus soldados ou estavam mortos ou desaparecidos. (Foram feitos prisioneiros pelos Alemães da resistência à frente, conforme depois se apurou); vários cabos e soldados dos outros grupos, estavam mortos, feridos ou desaparecidos.

Por entre a fumaça, o Ten. Apolo e cinco soldados restantes, iniciam o retraimento. Ao encontrarem o S/3 do 3.<sup>º</sup>

Btl., Cap. Walter, informam-lhe o acontecido e localizam a situação dos mortos e feridos.

Todos, porém, não se haviam retraido.

Em meio à destruição e a morte, lá na frente, completamente só e cercado pelos Alemães, tendo por armas, em vez do fuzil ou metralhadora a abnegação, o espírito de sacrifício, a solidariedade humana, e a fibra incomum dos bravos incontestes, permanecera um Soldado.

Indo de ferido em ferido, apaziguando-lhes as dores e tratando-lhes as chagas, o padoleiro Argemiro cumpria o seu dever. Os Alemães o respeitaram. No leito de um riacho, encontrou cinco homens abrigados e perdidos. Assumindo o comando do grupo, aguardou a noite para retrair. Cuidadosamente e com a segurança de um chefe, trouxe de volta seus tresmalhados companheiros. A este herói daquele malogrado ataque, aqui deixamos patenteada nossa entusiasma e sincera admiração. Já que não podemos pregar-lhe ao peito uma merecida medalha, síntese modesta de seus feitos invulgares, aqui lhe ofertamos o respeito devido aos bravos.

A 5.<sup>a</sup> Cia., ao Norte de La Cá, colada ao terreno, continua a ser atirada com intensidade. É insustentável a situação. Seus homens estão sendo caçados a tiros de fuzil de Abeitaia. Está numa região completamente limpa. Protegidos por tiros fumígenos de artilharia, seus elementos procuram melhorar suas posições aproveitando as crateras, as pequenas ondulações do terreno, as moitas ralas e raquíticas, enfim, qualquer abençoado abrigo que servisse naquela situação desesperadora. E assim permanecem...

O Pel. Úrias procura ligar-se aos elementos do 11.<sup>º</sup> R.I., à sua direita. Nada consegue. Está em situação difícil. Os tiros que eram dirigidos sobre a 5.<sup>a</sup> Cia., passam quase todos, a cair sobre ele, pois era o elemento mais avançado e exposto.

Às 13.50, portanto há duas longas horas, é o alvo predileto dos tedescos. Ponto mais avançado do 2.<sup>º</sup> Btl., para ele

são dirigidas a maior parte das trajetórias inimigas. Seus homens já tombam a tiros de fuzil. Protegido pela artilharia, desloca então o seu desfalcado elemento, homem a homem, para uma dobra do terreno à esquerda, reunindo-se aos dois Pels. da 5.<sup>a</sup> ao Norte de La Cá, de onde são encaminhados para o ponto de reagrupamento da 4.<sup>a</sup> Cia.

Às 14,50, o Snr. Coronel Caiado, assume o comando de toda a frente de combate, pretendendo manter, se possível, as posições conquistadas. Em caso contrário, voltar à base de partida.

Uma hora depois, tal é decidido. A base de partida seria defendida a todo o custo pelo 11.<sup>º</sup> R.I. que já estava nas posições.

As Cias, do 2.<sup>º</sup> Btl., retrairiam ao escurecer.

O Pel. Bicudo fechou o intervalo em Guanela e três casas de Guanela.

O Pel. de Morteiros, deveria se manter em suas posições e prever uma barragem de deter à frente das 4.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Cias, do 11.<sup>º</sup> R.I.

Às 18 horas, começou o retraimento dos elementos das 4.<sup>a</sup>, 5.<sup>a</sup> e 6.<sup>a</sup> Cias., que estavam mais avançados, operação que se processou com êxito, voltando o Btl. a se reagrupar na zona de reunião.

Como vemos, o ataque falhou.

Porque? Quais os responsáveis? Eis duas perguntas difíceis de responder. No entanto, podemos lembrar imparcialmente certos fatos, sem nos referirmos a A ou B, o que poderia ser uma injustiça.

A repetição da tentativa de abordagem de frente de um ponto forte, com casamatas de concreto, sem a preparação e aparelhagens necessárias, redundou em novo fracasso e cem baixas para o 1.<sup>º</sup> R.I.

A falta de tempo e a péssima visibilidade prejudicaram os reconhecimentos, a ponto de muitos Cmts. de Pels. não terem visto siqueir seus objetivos.

O bombardeio de diversão sobre Belvedere, inusitado e desencadeado antes da hora H (ver artigo anterior), despertou toda a frente inimiga que aguardou um ataque que devia ser de surpresa.

A hora H para o 3.<sup>º</sup> Btl. era 6 horas e para o 2.<sup>º</sup> 6.30. Portanto, os Alemães, conheedores de nossas posições, e sobre elas já tendo seus fogos ajustados, sentindo o ataque do 3.<sup>º</sup> Btl., já que a surpresa morrera, também pressentiram o do 2.<sup>º</sup>. Com seus fogos, colou ao terreno, desde o inicio, o 1.<sup>º</sup> Escalão do 2.<sup>º</sup> Btl., e perseguiu os elementos que conseguiram escapar.

O lamaçal que era a zona de ataque, o terreno difícil, e o esgotamento dos homens, sujeitos a grandes deslocamentos, tolheu a marcha dos atacantes, deixando-os à mercê do inimigo. O Pel. de tanques que ia reforçar o 2.<sup>º</sup> Btl., ficou atolado.

C. de Viteline e 803 constituiram dolorosa surpresa, tendo-se em vista que estes pontos estavam desocupados pelo inimigo, conforme foi informado. Informações desencontradas sobre Vale, Abetaia e Mazzanoana resultaram em sérias consequências quanto ao desenrolar do ataque.

O flanco direito das tropas atacantes não foi neutralizado convenientemente, como fôra assegurado ao R.I.

O Cmt. do R.I., ao desejar empregar o batalhão reserva do grupamento, não o pôde fazer, pois este estava muito afastado e não foi possível trazê-lo a tempo.

Nosso desejo é que os leitores não vejam intuito de crítica neste sincero artigo, pois visamos apenas com esta detalhada descrição, vivida por nossos heróicos patrícios em sólido italiano, deduzir e apreender ensinamentos que para o futuro sejam mais vantajosos.

Alguns fatos dignos de menção deixaram de ser relatados, apesar de por certo terem existido, em virtude do autor os desconhecer. Aos prejudicados nossas desculpas.

# O CANHÃO SEM RECUÓ

Major ANTONIO DE MENDONÇA MOLINA

A maior dificuldade para aumentar o calibre do material capaz de agir no âmbito táctico, isto é, em condições de possuir a mobilidade necessária para acompanhar a infantaria em todos os terrenos, com uma rápida entrada em posição e um rápido manejo, tem sido o peso.

Tornando-se maior o calibre, aumenta-se o peso do projétil e a força que sobre ele têm que exercer os gases, tornando-se maior, consequentemente, a ação suportada pela culatra.

Isto determina a majoração do esforço a que é submetido o reparo, obrigando a um tal aumento de peso que, nos grandes calibres, se é forçado a decompôr o canhão (conjunto cano-reparo) em duas ou mais viaturas.

Regra geral, o reparo pesa além de duas vezes mais que o cano com aparelho de pontaria.

Em consequência do que se vem dizendo, nos grandes e medios calibres, a mobilidade táctica é restrita ou nula, e a demora para entrar em posição pode atingir várias horas.

Os técnicos têm se esforçado para resolver essa situação, seja por meio de novas ligas metálicas, seja por meio de um sistema elástico de suspensão.

Os resultados até então obtidos não haviam sido muito grandes.

Mas, agora, a solução parece ter sido encontrada.

Os americanos, e dizem que os alemães também, conseguiram obter um canhão cujo cano não recúa.

Durante a campanha da Italia, precisamente no começo de 1945, só nos foi mostrado tal material até o calibre 75mm, mas sabemos que o mesmo resultado foi obtido com o 105mm.

Sem entrar em minúcias técnicas, que ignoramos, a solução encontrada foi a de perfurar o estojo em muitos pontos, ao mesmo tempo que se abriam seteiras na culatra, por onde escapam os gases.

Assim sendo, os fatos devem se passar da seguinte maneira: a culatra é submetida a dois esforços, um resultante do impulsionamento do projétil para a frente, outro do escapamento dos gases pelas seteiras; mas, a culatra não se move, porque as duas ações são simultâneas, da mesma intensidade e de sentido contrários.

Há, pois, equilíbrio.

Vimos, na demonstração que nos foi feita, um canhão de 57 e um de 75 mm, suspensos sobre cabos, não se moverem quando da partida do tiro, enquanto um fuzil comum era atirado para traz, ao deflagrar-se a carga.

Mas a solução encontrada apresenta vantagens e desvantagens.

Quais os inconvenientes?

1.<sup>a)</sup>) O atirador é obrigado a ficar deitado transversamente ao cano, a-fim-de evitar que sobre ele ajam os gases que escapam pela culatra;

2.<sup>a)</sup>) O sistema exige estojo, o que não é prático para os calibres superiores ao 155 mm;

3.<sup>a)</sup>) Há uma diminuição na cadência de tiro;

4.<sup>a)</sup>) O alcance é menor;

5.<sup>a)</sup>) Parece que é menor a precisão.

6.<sup>a)</sup>) A necessidade de um amplo espaço livre à retaguarda, a-fim-de evitar a ação dos gases que escapam pela culatra.

Note-se que tais inconvenientes parecem provisórios, pois devem desaparecer com o aperfeiçoamento do material.

Quais as vantagens?

1.<sup>a)</sup>) A diminuição do peso do canhão, pois o reparo de 75 ou 105 mm não será muito diferente de uma metralhadora atual.

Isto acarreta uma tão grande mobilidade, que um jeep ou um tiro hipomovel talvez consiga rebocar as 4 peças de uma Bia. de 105:

2.<sup>a)</sup>) Dotar a Artilharia Divisionária de calibres superiores ao 155 mm;

3.<sup>a)</sup>) Modificações nos efetivos, pela diminuição de sérventes e condutores;

4.<sup>a)</sup>) Tornar rápida a entrada em posição dos materiais de grande calibre, pela desnecessidade de duas ou mais viaturas e pela diminuição de peso;

5.<sup>a)</sup>) Permitir o emprego sobre ferrovia de qualquer calibre, uma vez que os trilhos não suportarão novos esforços por ocasião do tiro;

6.<sup>a)</sup>) Facilitar o trabalho da Engenharia, pelo menos inicialmente, quando da transposição de cursos d'água, porque o material de artilharia não exigirá tão grande capacidade de resistência das pontes.

Da comparação que se estabeleça entre as vantagens e inconvenientes resalta, nitidamente, que as vantagens preponderam e, consequentemente, será uma questão de tempo a adoção desse material pelos Exércitos modernos.

E essa adoção importará em uma transformação na organização e nas restrições de emprego do material de artilharia.

Os homens indicados para conduzir tropas, deverão preparar-se para resolver, diante de horizontes cada vez mais amplos, problemas cada vez mais variados. E' ainda pelo estudo que conseguirão desenvolver seu poder de análise, depois, de síntese, isto é, de conclusão, num sentido puramente objetivo, valendo-se, para tanto, dos casos vividos encontrados na história, a fim de evitar o falseamento do estudo. Sómente assim adquirirão a capacidade de firmar uma decisão pronta e judiciosa, e ainda mais, pela convicção do saber, a confiança suficiente para tomar essa decisão no terreno da ação. (*Foch*).

# OS SERVIÇOS DA D. I. NOS MOLDES AMERICANOS

T. Cel. A. J. SENNA CAMPOS

(Continuação)

Demos, em números anteriores, uma rápida idéia da organização dos Serviços de Intendência e Material Bélico no âmbito divisionário e hoje encerramos o assunto, abordando o Serviço de Saúde.

O Serviço de Saúde, tem como missões precípuas, a preservação dos efetivos, a evacuação e a hospitalização.

Na Divisão a sua incumbência é simplificada porque não lhe cabe hospitalizar, normalmente.

Isso não constitue motivo capaz de impedir a retenção de alguns indisponíveis, de recuperação muito curta, no órgão de tratamento do Batalhão de Saúde — "Posto de Tratamento Divisionário".

No período de estabilização da 1.<sup>a</sup> D.I.E., na linha em que Monte Castelo e Soprassasso constituiam dois marcos adversários de imorredouras recordações, o nosso Orgão de tratamento, em Porreta Terme, manteve um certo número de leitos, em proveito dos baixados, acometidos de afecções do aparelho respiratório.

As baixas, por efeito do frio e principalmente da humidade, em dias chuvosos, aumentavam, cada vez mais os claros nas fileiras das tropas em posição.

Ali quasi que permaneciam os casos suspeitos de pé de trincheira e de resfriados mal definidos, que o interesse próprio agrava, nos sintomas relatados aos médicos das formações regimentais.

A preservação dos efetivos impõe ao S.S., por intermédio do Inspetor Sanitário Divisionário, um cuidado perma-

nente e ativo, vasado em prescrições de medidas higiênicas individuais e coletivas, cujo rigor, em sua observação, exige atividade fatigante dos médicos de todos os escalões, principalmente quando se trata de uma tropa pouco afeita aos conhecimentos e prática de medidas de asseio particular e geral.

O combate às epidemias pela vacinação, tratamento da água, eliminação de insetos nas camas, vestuário, cozinhas, refeitórios, depósitos de lixo, privadas, etc. é preocupação de todo momento e de todos aqueles que têm uma parcela de *responsabilidade*.

A evacuação é uma das principais missões do S.S. Divisionário, senão a maior, e toda a atividade dos órgãos de saúde durante a luta é quasi que inteiramente dedicada ao preparo do ferido para ser retirado da frente e encaminhado aos órgãos de tratamento dos escalões superiores.

Desde a ação do enfermeiro que socorre o homem no âmbito do pelotão, através da assistência que lhe presta o P. S. de Btl. ou Grupo, e os P.S.D. até o Posto de Tratamento (P.T.D.), nada mais é feito que, melhorar as condições do ferido para uma evacuação em favoráveis condições físicas e uma boa situação para sua entrada nos Hospitais de Evacuação.

Quando o estado geral do ferido não permite um deslocamento de maior vulto e torna-se necessária uma assistência imediata e eficiente, o seu encaminhamento é feito ao Hospital de Campanha (Field Hospital) distante, muito pouco, do P.T.D. E' um órgão de amplitude reduzida que o Exército lança em apoio aos órgãos divisionários, para atender os casos graves, de socorro quasi que imediato.

A assistência ao combatente é prestada, dentro da Divisão, pelos órgãos regimentais e órgãos divisionários.

O papel dos órgãos regimentais é o seguinte :

*Fóra do combate:* Preservação; recuperação parcial dos indisponíveis ligeiros.

*Durante o combate:* Busca e transporte dos feridos até os postos de socorro; seleção, primeiros socorros.

E' incumbência dos Órgãos Divisionários :

*Fóra do combate :* Preservação; recuperação dos indisponíveis ligeiros.

*Durante o combate :* Evacuação, a fim de liberar rapidamente os postos de socorro; triagem; tratamento de urgência; colocação em estado de evacuação; reforço e suprimento dos órgãos de saúde regimentais.

Cada Unidade dispõe de um Destacamento de Saúde cuja constituição varia com a importância e emprêgo tático de Unidade a que pertence.

Dispõem de Destacamentos de Saúde. Os Regimentos de Infantaria, a Artilharia Divisionária, o Batalhão de Engenharia e o Quartel General.

Os Destacamentos têm a seguinte constituição :

R1 : Chefia

Seção de Comando
3 Seções de Batalhão
Total — 9 oficiais
130 praças

AD : Chefia

Seção de Comando
4 Seções de Grupo
Total — 6 oficiais
50 praças

BE — Total 2 oficiais

14 praças

QG — Total 2 oficiais

13 praças

O Serviço de Saúde Divisionário tem a seguinte organização :

Chefia — Ten. Cel. Chefe :

- Major Inspetor Sanitário Divisionário.
- Major Chefe do Serviço Odontológico.
- Capitão Farmacêutico.

Total 4 oficiais

5 praças

O Batalhão de Saúde, órgão de Execução do S.S. é composto de :

- a) — Destacamento de Comando
- b) 3 Companhias de Evacuação
- c), Companhia de Tratamento.

a) O *Destacamento de Comando* tem :

- Seção de Comando
- Seção do Pessoal
- Seção de Suprimentos
- Seção de Manutenção dos Motores
- Seção de Destacamento de Comando

b) *Companhia de Evacuação* (3 iguais) com :

- Seção de Triagem Primária
- Seção de Padoleiros
- Seção de Ambulância

c) *Companhia de tratamento*

Comando — Major Médico.

2 Pelotões de Tratamento

Total do BE. — 35 oficiais

431 praças

30 Ambulâncias.

Rapidamente exposta a constituição dos Órgãos de Saúde, passemos ao seu funcionamento.

No âmbito regimental, as companhias e baterias dispõem de *refúgio* de feridos, onde os homens recebem os pri-

meiros socorros de urgência que os preparam para serem evacuados. Isso em situação estabilizada.

Na ofensiva, as Cias. de Infantaria dispõem, junto a cada pelotão, de um enfermeiro que marcha, nos deslocamentos à altura do 2.<sup>º</sup> Escalão dos Pelotões.

Os feridos das Companhias e Baterias são evacuados para os Postos de Socorros de Batalhão e Grupos.

Os feridos vão aos P. S. de Btl. e Grupos, por seus próprios meios ou conduzidos pelos padoleiros das suas respectivas Seções.

Desses Postos de Socorro vão ter aos P. S. D. levados pelos meios de evacuação das Companhias de Evacuação do Batalhão de Saúde.

Os RI, podem instalar um P. S. para atender ao E.M., órgãos regimentais e unidades de reserva que não estejam na zona dos batalhões.

DPS. de RI funciona como um PS. de Btl, não entrando, portanto, na cadeia de evacuação entre os PS de Btl e P.S.D.

O PS de R.I. pode reforçar em material e pessoal os PS. de Btl, quando a situação exige.

O Destacamento de Saúde da AD age identicamente ao Destacamento de Saúde do R.I.

O Batalhão de Saúde instala, normalmente, um PSD. à retaguarda de cada RI empenhado.

As Companhias de Evacuação encarregam-se da evacuação dos feridos, dos órgãos da frente para os PSD e destes para os P.T.D.

O Batalhão de Saúde, valendo-se dos dois pelotões da Companhia de Tratamento, pode instalar dois Postos de Tratamento.

As ambulâncias, divisionárias fazem o transporte de feridos dos PSD para os PTD. Si a situação eo terreno permitem, esse serviço poderá ser prolongado aos PS Btl e Grupo.

As ambulâncias, em seu deslocamento para a frente levam material sanitário e no início do funcionamento dos postos, transportam o pessoal de saúde para a sua instalação.

Entre os P.S.D. e P.T.D. são colocados Postos de Muda de Ambulâncias, reserva que permite a substituição, nos PSD, das viaturas que passam cheias para a retaguarda.

Si da frente vêm duas ambulâncias com feridos, ao passarem pelo Ponto de Muda, duas outras vazias dirigem-se aos P.S.D. de onde vieram aquelas ambulâncias.

Assim haverá sempre disponibilidade de ambulâncias nos P.S.D. para atender à evacuação.

A evacuação entre o P.T.D. e os hospitais de Exército é feita pelas ambulâncias daquele escalão.

O Serviço de coleta e socorro dos feridos no campo de batalha não depende unicamente dos conhecimentos profissionais dos seus executantes. É necessário que os enfermeiros e padoleiros tenham uma formação moral bem sólida, capaz de dominar o instinto natural de defesa, nos momentos difíceis que tem de enfrentar.

Muitas vezes os elementos de saúde, valendo-se unicamente dos seus braçais e da bandeira branca com a cruz vermelha, lançam-se para frente num gesto humanitário de salvar a vida de um companheiro que tombou no cumprimento do seu dever.

E muitas situações dessas foram enfrentadas pelos nossos homens dos órgãos de saúde.

Não tiveram a formação moral indispensável ao desempenho de tão arriscada missão, porque as circunstâncias que presidiram a organização do Batalhão de Saúde da 1.<sup>a</sup> D.I.E., falharam nesse particular. Eram no entanto homens corajosos que se dispuseram ao cumprimento de uma obrigação sagrada apesar dos estilhaços e das armas traiçoeiras do adversário.

Houve verdadeiras missões de sacrifício e grande foi o desprendimento de alguns que se sacrificaram pelo amor ao próximo.

A campanha da Itália pôz em evidência, o quanto pode o brasileiro, quando se dispõe ao cumprimento do dever.

# Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte-Americano nos Teatros de Operações

Cap. Médico Dr. SAULO TEODORO PEREIRA DE MELO

## CAPITULO 15

### UNIDADES DE SAÚDE DE NAVIO-HOSPITAL

#### SEÇÃO I

##### GENERALIDADES

189. GENERALIDADES. Há três tipos de unidades de saúde no Exército para guarnecer navio hospital.

a. *Pelotão de saúde independente de navio hospital*. Esta sub-unidade destina-se a guarnecer navios transportes ou de carga, que não disponham de meios hospitalares de maior amplitude que a normal, para a assistência de pacientes que possam aproveitar a viagem de retorno ao porto de origem desses navios.

b. *Guarnição complementar de navio hospital*. Esta unidade é o complemento de saúde do navio hospital. Este navio só pode ser empregado no serviço de saúde, devendo ser bem assinalado com a cruz de Genebra (V. fig. 117). É desarmado e deve ser registado tanto pelas potências amigas como pelas inimigas, de conformidade com a Convenção de Haia de 1907.

#### SEÇÃO II

##### PELOTÃO DE SAÚDE INDEPENDENTE DE NAVIO HOSPITAL

190. ORGANIZAÇÃO. (V. TOE 8-534). É organizado para atender a dotações variáveis de 25, 50, 75, 100, 250 e 500 leitos. Os efetivos variam de um oficial e quatro praças, para pelotão de 25 leitos, a seis oficiais e quarenta e cinco praças, para o de 500.

O pelotão conta com órgão de comando, seção de intendência e seções técnicas (V. fig. 114). Nos pelotões menores uma ou mais seções serão acionadas pelo mesmo pessoal. Os pelotões temporários podem ser organizados no teatro de operações com o pessoal de rodízio, em trânsito de licença que deva ser gosada na zona do interior, onde se dissolvem, concedidas as licenças e dispensas, reorganizando-se com pessoal pronto apresentado, por terminação de licenças.



Fig. 114. Organização do pelotão de saúde indep. de navio hospital

**191. FUNÇÕES.** *a. Generalidades.* Este pelotão presta socorros de saúde aos pacientes que forem evacuados em navios transportes ou de carga, em viagem de volta ao pôrto de origem. Cada navio poderá contar com um ou mais pelotões, conforme o número de pacientes a transportar. Estes navios não dispõem de equipamento especial hospitalar, visto que realmente não são navios hospitalares. A evacuação é feita da zona de comunicações para a do interior. O pelotão não é guarnição permanente do navio, mas órgão suplementar do seu serviço de saúde permanente.

*b. Particularidades.* (1) *Comando.* O comandante do pelotão é oficial médico. Nos pelotões menores, éle é o único oficial, encarregando-se tanto dos encargos técnicos como dos administrativos; nos maiores, há outros oficiais, com encargos técnicos privativos, podendo auxiliar a administração. As atribuições do comando consistem na supervisão do pelotão inteiro, na administração e na elaboração dos documentos de saúde.

(2) *Seção de intendência.* O próprio comandante, nos pelotões menores; éle, outro oficial e praças escreventes, nos maiores, são encarregados da aquisição, armazenagem e distribuição de todos os suprimentos da subunidade.

(3) *Seções técnicas.* (a) *Seção médica.* Esta seção trata dos casos de clínica médica que estão sendo evacuados. É dirigida por oficial médico, que, nos pelotões menores, pode também dirigir outras seções ou ser mesmo o próprio comandante do pelotão. Praças de saúde substituem as enfermeiras e os serventes de enfermaria. Em certos casos, pode a seção dispor de enfermeiras, que não são, contudo, computadas na TOE.

(b) *Seção cirúrgica.* Esta seção trata dos casos de clínica cirúrgica que estiverem sendo evacuados. É dirigida por oficial médico, que, nos pelotões menores, pode também dirigir outras seções ou ser mesmo o próprio comandante do pelotão. Nos pelotões maiores, esta seção pode comportar um oficial dentista, que se encarrega dos casos da especialidade, os que necessitem intervenções maxilo-faciais e outros indicados pelo comandante. Praças de saúde substituem enfermeiras e serventes de enfermaria. As vezes, podem existir enfermeiras, que não são computadas, entretanto, na TOE. Podem ser executados curativos e intervenções de pequena e grande cirurgia; esta última, porém, só em casos de muita urgência.

(c) *Farmácia.* Exceto nos menores pelotões, há técnico de farmácia, que, sob as ordens de oficial indicado pelo comandante, é encarregado de armazenagem das drogas, avitamento de receitas e escrituração dos registos correspondentes.

(d) *Laboratório.* Exceto no pelotão de 25 leitos, há técnico de laboratório, que, sob as ordens de oficial indicado pelo comandante do pelotão, é encarregado dos exames comuns, tais como hematometria, urinálises, etc.

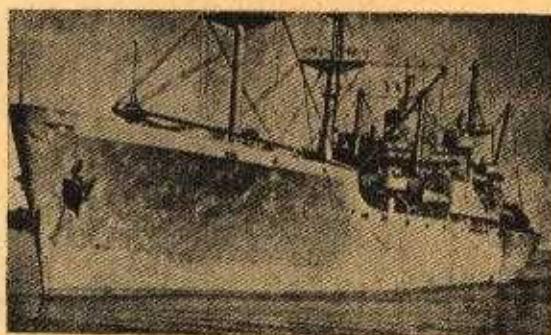
192. EQUIPAMENTO. O equipamento especial consta do "Equipamento de saúde de navio transporte, 9N809" e, nos pelotões maiores, uma ou más "Unidades de manutenção de material de saúde, 9N809-10". A última é distribuída a razão de uma por cem pacientes; e consiste em material de consumo, tal como pijamas e artigos suplementares para ampliar os meios, para maior número de pacientes. O primeiro contém o material básico para a instalação de pequeno hospital, a saber :

a. Coleção de instrumental cirúrgico básico e gênito-urinário, para grande cirurgia, mesa de operação articulável, lâmpada de operação, autoclave, gorros e aventais, máscaras, aparelho elétrico de sucção, aparelhagem para inoculações e transfusões, material para aparelhos gessados, inhalador de oxigênio e outros artigos de cirurgia.

b. Comadres, pijamas, bandejas, louças de doentes, lavadores a quente, compressas elétricas, aparelhos de contenção e outros artigos de enfermaria.

c. Balança, centrifugador, almofariz e pistilo, microscópio e outros aparelhos de laboratório e farmácia.

d. Máquina de escrever e outros utensílios de escritório.



**Fig. 115 — Tipo de navio de carga**

193. TRANSPORTE. A unidade não tem viaturas motorizadas.

194. INSTRUÇÃO. *a. Individual.* Além da instrução básica e técnica, os especialistas devem ser treinados em escolas técnicas dos hospitais permanentes onde esteja estagiando a sub-unidade; ou em cursos especiais nela organizados. As especialidades são para enfermeiros médicos e cirúrgicos, manipuladores de farmácia e laboratório e esclarecentes. O adestramento deve ser intenso.

*Conjunto.* Quando a instrução individual estiver bastante adiantada, o pelotão inteiro deve treinar conjunta e coordenadamente a bordo ou em navio simulado.

195. ADMINISTRAÇÃO. *a. Pessoal.* As partes diárias e a demais documentação referente a pessoal são encaminhadas segundo as normas regulamentares.

*b. Saúde.* As fichas de evacuação (modelo WD AGO 8-26) e o registo médico de campanha (modelo WD AGO 8-27 e 8-28) são mantidos com os pacientes. A fólha de informações (modelo WD AGO 8-23), junto com os modelos anteriores dos mortos e dos pacientes aptos retornados às unidades, são encaminhadas mensalmente ao chefe do serviço de saúde do escalão superior. O mapa estatístico (modelo WD AGO 8-122) é enviado ao chefe do serviço de saúde do escalão superior, segundo as disposições vigentes. As listas de expedição de pacientes compiladas pelos hospitais de origem são cuidadosamente guardadas, delas tirando-se cópias para os chefes dos serviços de saúde do teatro de operações e do porto, bem como para o hospital de destino. Os demais documentos informativos são encaminhados segundo as diretrizes em vigor. Os modelos usados no expediente interno são discriminados pelo comandante.

c. *Aproveitamento.* (1) Os suprimentos de classe I não são recebidos pela subunidade.

(2) O material de saúde e os demais suprimentos são requisitados pelo oficial aprovisionador, antes da partida do navio, dos depósitos do teatro de operações ou do pôrto de embarque.

d. *Assistência a doentes e acidentados.* O pelotão instala o seu próprio dispensário para o pessoal da subunidade.

### SEÇÃO III

#### GUARNIÇÃO COMPLEMENTAR DE NAVIO HOSPITAL

196. ORGANIZAÇÃO (V. TOE 8-537). A TOE computa tabelas separadas para navios hospitalares de 200, 300, 400, 500, 600, 700, 800, 900 e 1.000 leitos. A organização, o regimento interno e as variações de efetivos desta unidade são semelhantes aos do hospital de guarnição (V. sec. II, cap. 17). Será descrita a guarnição para navio hospital de 500 leitos (V. fig. 116). A unidade compreende estado-maior, grupo de seções administrativas e grupo de seções-técnicas.

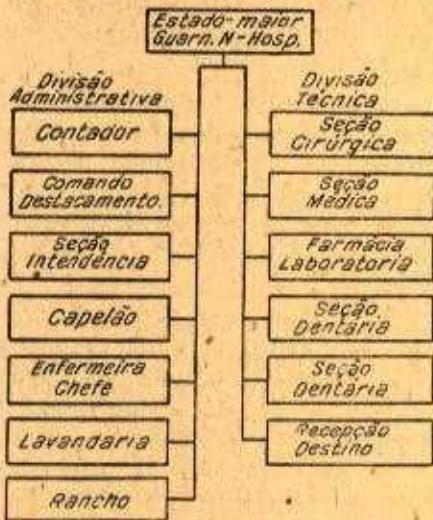


Fig. 116. Organização de guarnição complementar de navio hospital.

197. FUNÇÕES. a. *Generalidades.* Esta unidade garante permanentemente navio hospital. Funciona como hospital, prestando socorro médico completo, durante as primeiras fases das operações terrestres de desembarque; e como transporte de pacientes, do teatro de operações para a zona do interior.

*b. Particularidades.* (1) *Estado-maior.* (a) O comandante é o responsável pela administração, disciplina, instrução e pelo funcionamento da unidade; classifica o pessoal e estabelece os princípios básicos da execução do serviço.

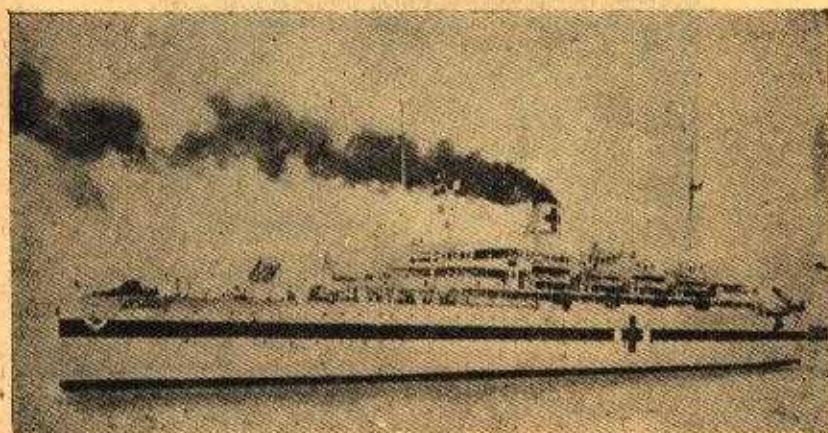


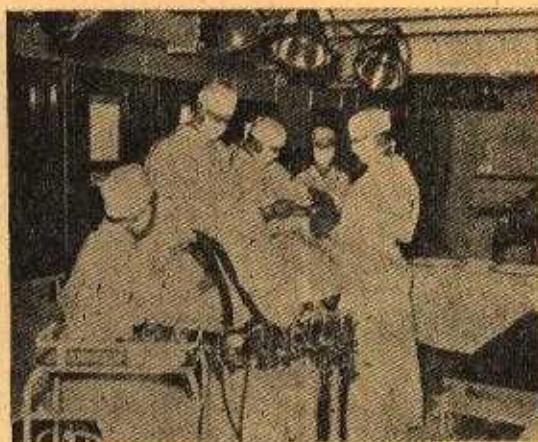
Fig. 117 — Navio hospital

(b) *Subcomandante.* Este oficial, que pode também chefiar uma das seções importantes, é o auxiliar principal do comandante; supervisão o estado-maior e, de conformidade com o critério adotado pelo comandante, toma decisões e por ele responde em sua ausência.

(c) *Ajudante.* Este oficial encarrega-se da correspondência rotineira do estado-maior, compreendendo a expedição e o recebimento de ordens; trata do expediente do pessoal e exerce outros encargos designados pelo comandante. Nas guarnições maiores, conta com outro oficial que pode encarregar-se de seção de pessoal à parte.

(2) *Divisão administrativa.* (a) *Contador.* O oficial contador, ajudado por subtenente, chefa a seção encarregada dos documentos e informações referentes à saúde, inclusive o mapa de feridos e doentes; e do comando do contingente de pacientes, si for organizado, de cujos valores e registos cuida.

(b) *Comando do destacamento.* Esta seção, comandada por oficial designado pelo comandante, secundado por primeiro sargento, trata do expediente do pessoal, si não houver seção de pessoal; e é responsável pela administração, pelo aprovisionamento e pela classificação das praças da guarnição do navio hospital.



**Fig. 118 — Sala de operações em navio hospital**

(c) *Seção de intendência.* Esta seção, chefiada por oficial, é encarregada da aquisição, armazenagem e distribuição dos suprimentos, (exceto alimentação) usados pela unidade, inclusive material de saúde. Um sargento encarrega-se dos trabalhos da seção, que pode subdividir-se em duas subseções, geral e de material de saúde.

(d) *Capelão.* Um ou dois capelões, conforme o efetivo da guarnição, são nela classificados. Vejam-se as suas atribuições no TM 16-205.

(e) *Enfermeira chefe.* Uma enfermeira chefe é responsável pela classificação das enfermeiras nas várias seções, conforme a necessidades; trata da parte administrativa a elas referentes; controla a técnica de enfermagem nas enfermarias e na sala de operações.

(f) *Lavandaria.* É acionada por técnico sob as ordens do oficial aprovacionador; atende ao pessoal da unidade e aos pacientes, inclusive a lavagem de roupa branca.

(g) *Rancho.* Esta seção, sob a direção de técnica em dietética, prepara as dietas dos pacientes e a alimentação do pessoal em serviço noturno. Trabalha no rancho da tripulação do navio, cujos utensílios de cozinha utiliza. A alimentação normal da guarnição de saúde é preparada pela cozinha de bordo da tripulação.

(3) *Divisão técnica.* (a) *Seção de cirurgia.* Esta seção é chefiada por oficial médico especializado em cirurgia. Vários oficiais médicos, enfermeiras e praças técnicas completam a seção; nas guarnições maiores, especialista em oftalmo-otorrinolaringologista faz parte dela. Executa qualquer intervenção cirúrgica e os cuidados pré e postoperatórios, o tratamento do choque, a enfermagem e a administração das

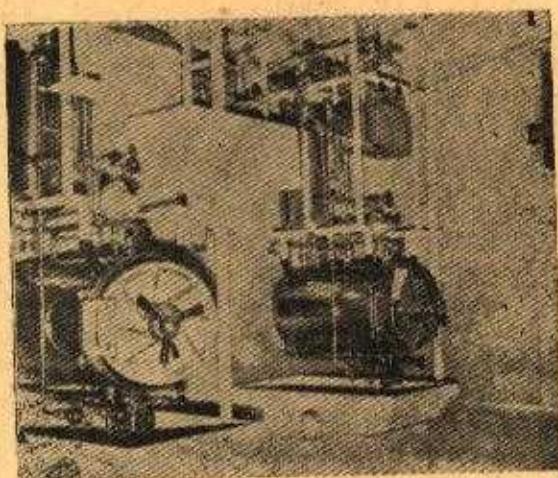


Fig. 119 — Instalações de esterilização em navio hospital

enfermarias de cirurgia. O chefe desta seção pode também ser o sub-comandante da unidade.

(b) *Seção de medicina.* Esta seção é chefiada por oficial médico especializado em medicina geral. Vários oficiais médicos, enfermeiras e praças técnicas completam a seção. Atende a todos os casos de doenças, inclusive as contagiosas. Executa o tratamento, a enfermagem e a administração das enfermarias de medicina (V. fig. 120).

(c) *Farmácia e laboratório.* Nas guarnições maiores, oficial médico laboratorista é o encarregado direto da seção; nas menores, ela é



Fig. 120 — Enfermaria de navio hospital

apenas supervisionada por oficial médico, que desempenha estas funções cumulativamente. A seção divide-se em duas subseções.

1. *Farmácia*. Esta subseção, de que é encarregado um sargento técnico, armazena, prepara e distribue drogas, avia as receitas e mantém em dia a escrituração e registos correspondentes.

2. *Laboratório*. Desta subseção é habitualmente encarregado um sargento técnico, que realiza hematimetria, urinálises, provas serológicas e outras; esfregaços de pús, fezes; as necropsias necessárias.

(d) *Seção de radiologia*. Nas guarnições maiores, oficial médico radiologista é o encarregado direto da seção; nas menores, ela é apenas supervisionada por oficial médico, que desempenha estas funções cumulativamente. É encarregada de tirar as radiofotografias; de fazer fluoroscopias, localizar corpos estranhos, interpretar radiografias e manter os registos correspondentes (V. fig. 121).

(e) *Seção dentária*. Esta seção, chefiada por oficial dentista, é encarregada de executar todos os trabalhos odontológicos, protéticos e clínicos, e os de cirurgia maxilo-facial, ferimentos e fraturas.

(f) *Seção de recepção e destino*. Esta seção, sob as ordens de oficial médico designado pelo comandante, é encarregada das seguintes atribuições :



Fig. 121 — Equipamento de Raio X em navio hospital

1. Exame, triagem e classificação de todos os pacientes entrados; e o seu encaminhamento às diversas enfermarias.
2. Banhos e desinfecção dos pacientes, quando indicados.
3. Recolhimento do fardamento e pertences dos pacientes; distribuição da rouparia do navio hospital. z
4. Instauração dos registos de saúde de campanha, que não tiverem ainda sido iniciados.
5. Registo de todas as baixas em fichário próprio; e a conferência das folhas de evacuação dos hospitais de origem.
6. Câmbio do material-carga, à entrada e à saída.
7. Durante o desembarque, a conferência das folhas de evacuação, o recolhimento da rouparia do navio, a entrega do fardamento e dos pertences dos pacientes e a própria transferência dos pacientes.
8. instalação de dispensário, para atender ao pessoal da guarnição.

**198. EQUIPAMENTO.** Conforme o efetivo da guarnição de navio hospital, o material de saúde constará do equipamento para 200, 500 ou 1.000 leitos, correspondentes às listas 97 239-05, 97 239-10 e 37 239-15 respectivamente; e mais do constante das unidades de ampliação hospitalar de 100 leitos, de 0 a 4, correspondentes à lista 97 239-20. Este material de saúde comprehende :

- a. Equipamento cirúrgico para todos os tipos de operações de alta cirurgia, mesas de operação, lâmpadas, autoclaves, meios para anestesia inalante, intravenosa, raquidiana e local, aparêlho para tração do esqueleto, aeventais, máscaras e meios para aplicação de injeções (infusões) e transfusões.
- b. Centrifugador, microscópio, estufa, geladeira e aparelhagem para bioquímica hematológica, serologia e necropsias.
- c. Balança granatária, almorariz e pistilo, copos e provetas graduados e outros utensílios de farmácia.
- d. Equipamento completo de radiologia geral e dentária, de fluoroscopia, de localização de corpos estranhos, de revelação e de estudo de filmes.
- e. Equipamento dentário completo, inclusive oficina de prótese.
- f. Pijamas, roupas de cama, bandejas, compressas, tambores de gase, mesinhas-suportes, comadres e outros utensílios de enfermaria.
- g. Máquinas de escrever, cofres, mesas e outros artigos de escritório.
- h. Máquinas de lavar e outros aparelhos de lavandaria.
- i. Pequena biblioteca médica.
- j. Material de consumo, como drogas, pensos, etc.

199. TRANSPORTE. Não há veículos motorizados na organização desta unidade.

200. INSTRUÇÃO. Sendo a unidade organizada e equipada sobretudo para tratamento hospitalar, com transporte secundário de pacientes, o preparo do pessoal em enfermagem e técnica cirúrgica deve ser primordial. Os técnicos de laboratório e de odontologia deverão adquirir amplos conhecimentos da especialidade.

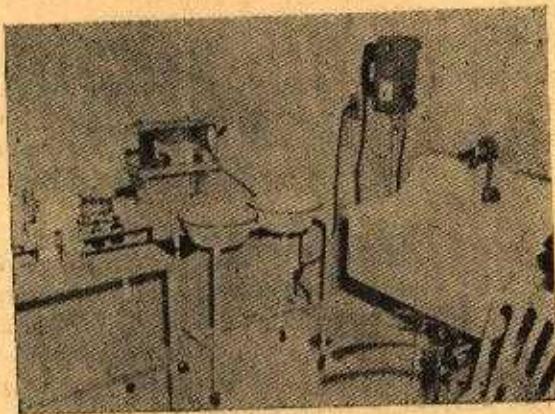


Fig. 122 — Dispensário de navio hospital

200. ADMINISTRAÇÃO. A administração do pessoal é da saúde é a mesma que a do pelotão de saúde independente de navio hospital.

a. *Aprovisionamento.* (1) Os suprimentos de classe I são retirados dos pontos de aprovisionamento dos portos, previamente indicados, pelos oficiais aprovigionadores, antes da partida.

(2) O material de saúde e os suprimentos são requisitados antes da partida dos depósitos correspondentes do teatro de operações ou dos portos.

b. *Assistência a docentes e acidentados.* A seção de recebimento e evacuação instala dispensário para o pessoal da guarnição complementar do navio hospital.

## CAPITULO 16

### GRUPO DE SAÚDE DE EVACUAÇÃO AÉREA

202. GENERALIDADES. a. O grupo (*squadron*) de saúde de evacuação aérea é órgão que serve a um ou a vários comandos-bases das Forças Aéreas do Exército, para fornecer pessoal de saúde

As unidades de transporte aéreo de tropas e de carga, empregadas na evacuação de doentes e feridos. Além disso, esquadrilhas (*flights*) de evacuação de grupos de saúde de evacuação aérea podem ser classificadas ou destacadas sem elementos integrantes de alas (*wings*) de Comandos de Transporte Aéreo ou em grupos de transporte de tropas.



Fig.123. Organização do Grupo de saúde de evacuação aérea

b. São os seguintes os Comandos em que o grupo de saúde de evacuação aérea pode ser classificado :

- (1) Diretamente no Comando de Transporte Aéreo.
- (2) Diretamente no Comando de Transporte de Tropas.
- (3) Diretamente em Fôrça Aérea.
- (4) Em divisão de Comando de Transporte Aéreo.
- (5) A comando de apoio aéreo de Fôrça Aérea.
- (6) A alas de transporte de tropas de Fôrça Aérea.
- (7) A regimentos (*groups*) de transporte de tropas.

203. ORGANIZAÇÃO. (V. TOE 8-447 e fig. 123). A unidade consiste em estado-maior de grupo e quatro esquadrilhas de evacuação.

a. *Estado-maior de grupo*. É constituído de duas seções: seção de comando e seção de intendência.

(1). *Seção de comando*. Esta seção é composta de médico-chefe de esquadrilha que é comandante do grupo, de enfermeira-chefé, de praças suficientes ao funcionamento da seção. A seção de comando pode subdividir-se em três subseções: administrativa, rancho e transporte.

(a) *Subseção administrativa*. Compreende o comandante do grupo, a enfermeira-chefé, o escrevente-chefé que é também sargento de saúde e representante de serviço especial, o sargento de administração e praças escreventes e ajudantes.

(b) *Subseção de rancho*. Compreende o sargento do rancho e cozinheiros e ajudantes de cozinheiros.

(c) *Subseção de transporte*. Compreende um sargento, sargento de motores, mecânico de automóvel e motorista para os veículos da seção de comando.

(2) *Seção de intendência.* Compreende oficial de administração do serviço de saúde, que é também o oficial de estatística e relações sociais; sargento aprovisionador de material de saúde; escreventes técnicos e administrativos; e motoristas de caminhão para os veículos da seção.

b. *Esquadrilha de evacuação.* As quatro esquadrilhas de evacuação da unidade são idênticas. Cada uma comprehende normalmente oficial médico, seis enfermeiras e oito praças, repartidos entre uma seção de triagem e seis turmas de evacuação aérea.

(1) A seção de triagem comprehende habitualmente médico-chefe de esquadrilha, escrevente e sargento aprovisionador.

(2) Cada turma de evacuação aérea comprehende habitualmente uma enfermeira e um técnico de saúde.



**Fig. 124 — Carregamento de feridos em aeronaves de transporte, na Nova Guiné**

**204. FUNÇÕES.** A finalidade principal do grupo de saúde de evacuação aérea é fornecer pessoal de saúde às unidades de transporte aéreo de tropas e de carga, empregadas na evacuação de doentes e feridos, aos quais deve prestar socorros de saúde durante o voo, assistindo-os e tratando-os. O grupo mantém ligação com hospitais gerais, de campanha, de evacuação, pontos de embarque, etc., acessíveis aos aérodromos. Geralmente evacua os pacientes dos hospitais gerais numerosados; e destes para a zona do interior.

a. *Estado-maior do grupo.* Encarrega-se das funções administrativas e de aprovisionamento do grupo.



**Fig. 125 — Sob controle de enfermeira, carregamento de avião-ambulância, na Algéria, África do Norte**

(1) *Seção de comando.* Encarrega-se das funções administrativas e de comando do grupo, inclusive de rancho e de manutenção de motores.

(a) *Comando.* O médico-chefe de esquadrilha do estado-maior do grupo, na qualidade de oficial médico mais antigo, é o comandante do grupo. É diretamente responsável perante o comandante da unidade em que estiver classificado ou destacado o grupo.

(b) Nos teatros, nas bases ou nas zonas de defesa, a seção de comando do grupo de saúde é responsável pelos planos de evacuação aérea, que se devem fundamentar em estimativas prováveis de perdas saudáveis (baixas) e em informações obtidas dos órgãos de saúde, das chefias dos serviços de saúde e dos próprios comandos dos teatros, das bases ou das zonas de defesa referidos. Compete-lhe propor ao chefe do serviço de saúde e ao comandante da unidade a que estiver subordinado o emprego tático total ou parcial do grupo, o qual ficará dependendo da decisão do comandante da força aérea, (teatro, base ou zona de defesa) ou do seu representante, que poderá ser o médico mais antigo da força aérea do teatro, o comandante das forças de apoio aéreo, o comandante da ala de transporte de tropa ou o comandante do regimento de transporte de tropas.

(c) O emprego tático dos grupos de saúde, classificados em Comandos de Transporte Aéreos, dependerá da aprovação dos comandan-

tes das divisões integrantes d'estes Comandos em que estiverem destacados os grupos respectivos, a cujos comandantes cumpre, em qualquer situação, formular os planos correspondentes, fazendo propostas específicas sobre a utilização dos meios disponíveis, de forma que sejam aproveitados com o máximo rendimento possível.

(d) A seção de comando compõe minudentemente os registos, presta as informações e organiza os mapas referentes ás baixas evacuadas, por via aérea, da unidade ou das unidades em que estiver classificado ou destacado o grupo.

(e) A seção de comando encarrega-se da administração rotineira do grupo inteiro.

(f) A seção de comando encarrega-se do rancho do grupo. Quando esquadrilhas de evacuação operam isoladamente, cozinheiros e ajudantes de cozinheiros podem ser enviados com elas, para auxiliarem no rancho das unidades em que estiverem destacadas.

(g) A seção de comando executa manutenção de motores de segundo escalão para o grupo inteiro. Quando esquadrilhas de evacuação forem destacadas, podem acompanhá-las elementos da subseção de transporte, si com elas forem veículos.

(2) *Seção de intendencia.* Adquire, armazena e distribue os suprimentos necessários á unidade, encarregando-se da escrituração correspondente.

b. *Esquadrilha de evacuação.* E' constituida por uma seção de triagem e por seis turmas de evacuação aérea. Fornece pessoal para a classificação dos pacientes e para a assistência e o tratamento d'eles durante o voo.

(a) Cada esquadrilha pode ser inopinadamente destacada para operar em posição francamente isolada do comando da unidade.

(b) No teatro, nas bases e nas zonas de defesa, uma ou mais esquadrilhas devem ser destacadas em cada grupo de transporte de tropas da força aérea, para que estejam em condições de prestar incontínuo serviço a bordo dos aeroplanos de transporte, em qualquer parte ou ocasião em que for necessária evacuação.

(c) A serviço dos Comandos de Transporte Aéreo, uma esquadrilha deve ficar estacionada em cada extremidade da rota respectiva da ala em que estiver classificado o grupo de saúde de evacuação aérea; ou fixada em posições, segundo as necessidades da situação. Ao menos uma esquadrilha deve estacionar na séde da ala do Comando de transporte Aéreo.

(d) As esquadrilhas de evacuação emprestam grande flexibilidade á evacuação aérea do serviço de saúde. Cada grupo deve contar com quatro esquadrilhas de evacuação disponíveis, bem treinadas e completas para imediato emprêgo.

(2) A seção de triagem compreende o médico-chefe de esquadriilha, que a comanda e é responsável pela classificação dos pacientes evauáveis. Os seus dois auxiliares, cabos, encarregam-se respectivamente dos registos e documentos dos pacientes; e do câmbio do material-carga, como padiolas, mantas e aparêlhos de fratura, nos locais do recebimento das baixas. Sempre que se tornar necessário, o médico-chefe de esquadriilha acompanha-la-á, para prestar cuidados profissionais e conselhos técnicos.

(3) *Turmas de evacuação aérea.* Há seis turmas destas em cada esquadriilha de evacuação. A enfermeira e a praça de saúde de cada turma são especialmente adestrados em evacuação de saúde.

(a) Normalmente cada turma presta serviço de saúde, durante o voo, em um aeroplano de transporte; cada esquadriilha de evacuação atendendo, pois, a seis aviões. Mas outra aeronave adicional pode ainda ser guarnevida pela seção de triagem; aumentando, assim, para sete os aviões atendidos. A enfermeira controla o carregamento das baixas, que é feito pela tripulação, pelos padoleiros dos hospitais evacuados ou outros elementos disponíveis. A bordo as turmas encarregam-se da enfermagem, do conforto, do ajustamento dos pensos e dos aparêlhos de fratura, da administração de oxigênio e plasma de que necessitem os pacientes. Cada turma conta meios de praticar injeções, aplicar curativos, etc.

(b) Em caso de emergência ou quando o número de baixas distribuído em um avião for pequeno, um só dos membros de cada turma pode atender à cada aeronave; aumentando, então, para doze os aeroplanos guarnecidos. Como a seção de triagem ainda pode atender a outro avião adicional, todos os treze aviões do grupo de transporte de tropas normal podem ser atendidos por uma esquadriilha de evacuação. Sempre que fôr possível, quando as aeronaves do Comando de Transporte de Tropas, tiverem de ser utilizadas em missões específicas de evacuação aérea, cada turma de evacuação aérea, em cada avião, deve dispor de padiolas, mantas, aparêlhos de fratura, para o necessário câmbio de material-carga com os órgãos de que forem recebidos os pacientes; recebendo, por seu turno, de volta, o material-carga correspondente ao que for entregue, com os pacientes, dos órgãos de destino, para restabelecer o equipamento.

205. EQUIPAMENTO (V. TOE 8-447). a. *Individual.* Cada oficial, enfermeira e praça de saúde do grupo de saúde é provido do equipamento individual necessário correspondente ao seu posto ou graduação e atribuições. Suplementarmente, cada um deles, participantes de evacuações aéreas, dispõe ainda de saco tipo A-2 de roupa de cama e abrigo de campanha, acrescido de uniforme e equipamento de voo.



**Fig. 126 — Interior de aeroplano de transporte C-47, carregado de feridos, mostrando as turmas, de saúde e o processo de reter as padiolas com os próprios suspensórios**

*b. Orgânico.* O equipamento orgânico é idêntico ao das demais unidades de saúde em campanha, suplementado de artigos essenciais ao desempenho da missão do grupo de saúde, entre os quais existe canastra-ambulatório de avião para cada turma de evacuação aérea, contendo aparelhamento para injeções, drogas, saquinhos de vômito e outros artigos similares. Uma canastra de serviço de voo para o grupo, contendo artigos de reserva ou de empréstimo provável. Há ainda coleções de mantas, aparêlhos de fratura; canastra MD4, com mesa de campanha e máquina de escrever; e aproximadamente 432 padiolas.

**206. TRANSPORTE.** Os meios de transporte da unidade limitam-se àqueles das duas seções do estado-maior do grupo de saúde. A seção de comando conta com diversos caminhões leves e reboques, inclusive reboque-pipa. A seção de intendência conta também com vários caminhões leves e reboques. Técnico auto-mecânico, da seção de comando, encarrega-se da manutenção de motores de segundo escalão.

**207. INSTRUÇÃO.** *a.* O comandante geral das Forças Aéreas do Exército é o responsável pela instrução de todas as unidades

encarregadas da evacuação aérea das baixas; movimentará, instalará e treinará todos os grupos de saúde de evacuação aérea.

*b.* A cada oficial, enfermeira e praça de saúde será ministrada a instrução necessária à execução das respectivas atribuições previstas. Treinamento especial sobre baropatias será dispensado às enfermeiras e às praças de saúde das turmas de evacuação aérea.

(1) *Enfermeiras.* A instrução das aero-enfermeiras compreenderá conhecimentos peculiares à evacuação aérea, como, por exemplo, enfermagem das baropatias; evacuação, operação e tática aérea; barofisiologia, oxigenoterapia; enfermagem das doenças tropicais; carregamento de pacientes em aeronaves; disciplina de vôo; emprego do equipamento de emergência e do paraquedas.

,2) *Praças de saúde.* Os técnicos de medicina das turmas de evacuação aérea devem ser rigorosamente treinados nos encargos atribuíveis ao sexo, durante a evacuação aérea. Devem contar com todos os conhecimentos enumerados em (1), acima, desde que muitas vezes terão de atuar sózinhos.

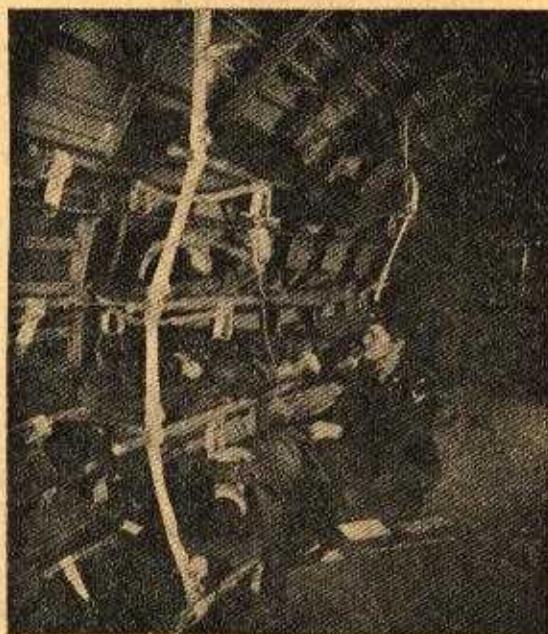


Fig. 127 — Administração de plasma e oxigênio por enfermeira do ar, em aeroplano de evacuação, em vôo

## 208. ADMINISTRAÇÃO E APROVISIONAMENTO. a.

*Administração.* (1) Os encargos administrativos habituais do grupo (companhia) são desempenhados pela sua seção de comando. Geralmente duas praças bastam para estas atribuições e a escrituração dos registos e fichários.

(2) Deve ser escriturada minudentemente a evacuação das baixas. É dever de cada enfermeira ou, em sua ausência, de cada praça de saúde, manter em dia os registos de equipamento e de pessoal, inclusive as listas de passageiros; e registar os fichários de evacuação de cada esquadrilha. Estes documentos são encaminhados ao comandante do grupo, sob cuja direção a seção de comando compila registos e mapas concernentes às baixas evacuadas pela unidade ou pelas unidades, em que estiver classificado ou destacado o grupo de saúde. Copias destes mapas serão encaminhados semanalmente, pelos trâmites legais, ao Comandante Geral da Força Aérea do Exército (Repartição do Chefe do Serviço de Saúde Aéreo).

*b. Aprovisionamento.* A seção de intendência do estado-maior do grupo encarrega-se da aquisição, armazenagem e distribuição dos suprimentos necessários à unidade. Normalmente, oficial de administração e sargento aprovisionador dirigem as atividades da seção.

(1) Os suprimentos da classe I são automaticamente recolhidos, todos os dias, pelo oficial aprovisionador, dos pontos de aprovisionamento (distribuição) previamente indicados. São logo entregues ao sargento do rancho.

(2) O material de saúde é obtido do mais próximo pelotão de aviação de material de saúde; ou do depósito de material de saúde do exército mais acercado.

(3) Os outros suprimentos são obtidos, pelos canais competentes, por pedidos, do mais próximo depósito correspondente.

(4) O material de saúde é cambiado, tanto quanto possível, com os órgãos de saúde de que são recebidos os pacientes. As esquadrilhas de evacuação ou as turmas de evacuação aérea integrantes transportam, para a frente, o mais avançadamente possível, todo o material de saúde que puderem, afim de facilitar o câmbio de material-carga, quando as aeronaves do Comando de Transporte Aéreo ou das unidades de transporte de tropas forem empregadas em missões de evacuação de saúde adrede planejadas.

(Continua)

# O Regimento de Infantaria no Combate

Ten. Cel. J. B. DE MATTOS

## ORGANIZAÇÃO - EFETIVOS - MEIOS DE COMBATE

### ORGANIZAÇÃO

O Regimento é a maior unidade de Infantaria. Existe em todos os Exércitos das Nações mais importantes do mundo e entre nós a sua criação data de 1908 (Lei 1860 de 4 de Janeiro de 1908).

Afim de bem cumprir a sua finalidade deve :

- ter uma personalidade moral, isto é possuir uma bandeira e uma tradição para que no seu interior se desenvolva o espírito de corpo, garantia do valor moral da tropa — que é a base de todo o sucesso;
- ser dotado de meios, cuja potência permita exercer ação em profundidade e participar dum combate de certa duração.

A atual organização desta unidade é muito completa e complexa, mas necessária para cumprir as missões da Infantaria moderna :

— *conquistar ou defender e conquistar e defender.*

Eis porque possúe organicamente uma gama de meios em pessoal e material.

Nos estudos a empreender será adotada a organização dos R.I. que integraram a F.E.B. por ser a mais indicada para melhor exploração dos ensinamentos da última guerra.

Sobre esta organização que é idêntica a do Exército Norte Americano do vade-mecum de 1943, o Ten. Cel. de

Infantaria C. P. Stone, Instrutor da Escola de Comando e Estado Maior dos Estados Unidos, teceu os comentários abaixo, num artigo sob o título "*Um oficial do E.M. olha a Infantaria.* (Da Military Review — Edição Brasileira — Dezembro de 1945 — N.º 9 — página 21).

"Durante a "Blitz" lançada pela Alemanha, através dos Países-Baixos e na França, alguns peritos acreditam que as forças blindadas apoiadas pela aviação tinham-se tornado o elemento básico de combate e que a infantaria fôra relegada a segundo plano. Porém, com a continuação da guerra nas montanhas da Itália e nas selvas do Pacífico, verificou-se que as possibilidades dos carros de combate eram limitadas e que êles nem sempre atingiam os pontos desejados. Além disso, viu-se que uma infantaria bem treinada e equipada, sob condições favoráveis, era capaz de defender-se contra os engenhos blindados. Tudo isso serviu para reafirmar que, apezar da moderna motorização e mecanização, a infantaria ainda continua a ser o elemento básico do combate.

Talvez o fator mais importante que permitiu à infantaria manter o nome de Rainha das Armas", foi sua grande mobilidade. O terreno pode-se apresentar difícil, em virtude de desfiladeiros, montanhas rochosas, selvas densas, pântanos, gêlo ou neve; ou, então, ter sido dificultado com campos de minas, organizações do terreno para canhões e abrigos para armas (organizações de pequeno vulto de aço, concreto ou saco de areia) instalados pelo inimigo. Todos êstes fatores tendem a se apresentar como obstáculos invencíveis para os mecanizados. A infantaria, pelo contrário, tem aptidão e organização que lhe permitem adotar pequenas formações fáceis de fugirem às vistas que podem seguir com grande vantagem itinerários desenfiados, utilizando os menores acidentes do terreno, afim de atingir uma posição donde possam manter o inimigo sob a eficácia máxima de seus fogos e, ao mesmo tempo, proteger-se a si mesma. Compreende-se logo que, se a infantaria pode, pelo movimento e apesar do aspecto do terreno, ir ao encontro do inimigo

em quaisquer circunstâncias ou condições, a ela deve ser atribuída a missão do combate aproximado, cabendo-lhe aproximar-se e destruir o inimigo. A mobilidade da infantaria, por si mesma, é limitada, quando se trata de operação que exige movimentos rápidos por longas distâncias. Contudo, como ficou provado na Campanha da Sicília e depois da ruptura em França, o emprêgo de transporte automóvel para pessoal e reaprovisionamentos aumentou muito a mobilidade do "pé de poeira". Assim, julgamos que a infantaria adaptou-se às exigências da guerra moderna, fazendo as necessárias modificações em sua tática e material.

Falando de um modo geral, a organização depende de nosso armamento e da tática empregada para obter deste o rendimento máximo, além da questão de controle, que é importante. Embora possa parecer um paradoxo, para se obter controle empregamos a descentralização. Baseia-se isto na premissa de que um homem só pode controlar efetivamente pequeno número de subordinados. Em nossa organização, este princípio só não foi seguido no caso do G C, onde encontrámos 12 homens.

O leitor terá alguma dificuldade em entender a organização de pessoal e distribuição de armamento na infantaria, se esquecer-se que, em cada escalão, há a repetição de três elementos idênticos. Esta repetição não é acidental, pois, dá ao comando um elemento para fixar o inimigo, um segundo de manobra e um terceiro para ser empregado, inicialmente, como reserva. Um quarto elemento, o de apoio, fornece os meios orgânicos para apoiar de perto a manobra dos outros três.

A organização se baseia no indivíduo ou grupo de vários indivíduos trabalhando em conjunto. O G C é constituído de 10 soldados, 1 cabo e 1 sargento, sendo o sargento o Cmt do G C e o cabo auxiliar deste. É uma unidade de muita mobilidade, cujo armamento mais pesado é o F.M. Seu armamento consiste em 11 fuzis e 1 F M. A organização do G C baseia-se na mobilidade e no moral. Como uni-

dade, o G C tem duas missões: defender-se a si mesmo como um grupo e progredir no ataque como um todo único.

O Pel de Fuzileiros compreende 3 G C e um Grupo de Comando. Visto que o Pel. dispõe sómente do armamento de seus G C, sua mobilidade é a mesma daqueles — uma unidade compacta e maneável, cuja missão é o combate aproximado.

A Cia de Fuzileiros compõe-se de 3 Pel de Fuzileiros e, além disso, dispõe de 1 Pel de Petrechos. Pela primeira vez, encontramos aqui armas servidas por guarnições que, embora indispensáveis, diminuem a mobilidade da unidade. O Pel de Petrechos tem duas Seções: a de Metralhadoras Leves e a de Morteiros de 60 mm. Este é o apôio de fogo orgânico de que dispõe a Cia, dando a seu Cmt os meios necessários para apoiar de perto a ação dos pelotões. Se desejarmos ser bem sucedidos, o ímpeto do ataque deve ser mantido, sendo este apôio de fogo o meio empregado pela infantaria para isso conseguir. Geralmente, as posições das mtr e dos morteiros ficam bem separadas uma da outra, dadas as características inerentes a cada arma. Portanto, para haver contrôle foram separadas em duas seções. Com o Pel. de Petrechos, o Cmt da Cia pode apoiar de perto os seus pelotões, desde que sua reserva já tenha sido empregada.

No Blt, além das 3 Cias de Fuzileiros, encontramos uma Cia de Petrechos Pesados e uma Cia de Comando. A Cia de Petrechos Pesados tem três pelotões: dois de mtr leves, cada um com 4 peças e um de 6 morteiros de 81 mm. Este é o apôio de fogo orgânico do Btl. A designação de "Petrechos Pesados" não quer dizer que não possam ser deslocados a braços a grandes distâncias e com razoável rapidez. Entretanto, são mais pesados e menos móveis do que os da Cia de Fuzileiros. Aqui encontramos, novamente, três elementos idênticos — as três Cias de Fuzileiros — o elemento de apôio e, pela primeira vez, um apôio adicional orgânico nos Pel Anti-carro, Pel de Remuniciamento e Pioneiros e Pel de Transmissões e Secção de Saúde, todos da Cia de Comando.

O Pel Anti-carro dispõe de 3 canhões anti-carro de 57 mm e sua organização é idêntica à dos pelotões da Cia Anti-carro do RI. O Pel de Remuniciamento e de Pioneiros, além de manusear a munição, pode fazer para o Btl pequenos trabalhos de engenharia. Fornecida pelo Destacamento de Saúde do Regimento, encontramos a Seção do Btl, que fornece o posto de socorro e padoleiros às Cias. Graças aos seus elementos de apôio, aqui também o Cmt do Btl pode influir na ação quando sua reserva já tenha sido engajada.

O RI compõe-se de 3 Btis, três elementos idênticos e dispondo, também de elementos de apôio — a Cia de Canhões Anti-carros e a Cia de Obuzes de 105 mm. A Cia A C tem 3 Pel A C de 3 canhões de 57 mm cada um e 1 de Minas Anti-carros. A de obuzes de 105 mm tem 3 Pel, cada um com 3 peças do tipo M3. Estes dois elementos, embora com a missão principal de darem apôio ao RI, devido a sua organização, podem ser prontamente consignados aos Btis. É possível e muitas vezes recomendado dotar um Btl com um ou mais pelotões da Cia A C. A mesma coisa se faz com respeito aos de obuzes de 105 mm. Na ÁFRICA e também na SICÍLIA, os Btis se achavam, muitas vezes, tão separados uns dos outros que não podiam ser apoiados simultaneamente, tornando-se frequente a distribuição dos elementos de apôio, criando de fato, fôrças-missão e agrupamentos táticos do escalão Btl. Do mesmo modo quando não dispõem desses elementos, sua organização permite a realização de missões de apôio diréto, sob contrôle centralizado. Quando os Btl estão tão próximos uns dos outros que podem ser reciprocamente apoiados, estes mesmos elementos constituem o meio de que o Cmt do RI dispõe para influir na ação, desde que sua reserva já tenha sido engajada. Encontramos também no RI, a Cia de Comando que fornece o Pel de Transmissões e o Pel de Reconhecimento e Informações. Este último constitue o órgão de informações do Regimento, sob a direção do S-2 (Oficial de Informações do Reg.), cabendo-lhe a instalação e funcionamento do P O regimental e ou-

tras missões de informações determinadas pelo S-2. A Cia de Serviços, como diz o nome, fornece transporte para os vários reaprovisionamentos e para o pessoal da administração.

Em conclusão. A infantaria tem uma organização ternária, que dá ao seu comandante um elemento de fixação, outro de manobra e um terceiro para ser empregado, inicialmente, como reserva. Outros elementos orgânicos foram introduzidos, afim de fornecer um apôio de fogo imediato e facilitar o controle. Terceiro, a infantaria é extremamente móvel e dispõe de um tremendo poder de fogo e ação de choque, estando perfeitamente adaptada e equipada para desempenhar o papel do combate aproximado. Quarto, a infantaria como qualquer outra arma, não pode destruir sozinha o inimigo. Para vencer uma batalha, é preciso que haja a cooperação de todos — armas e serviços, cada um desenvolvendo o seu papel dentro das possibilidades máximas.

Finalmente, na infantaria como em nenhuma outra arma ou nenhum outro serviço, o comando é primordial. Para cumprir a missão de aproximar-se e destruir o inimigo, mesmo que esteja bem organizada e equipada, uma unidade só a levará avante se for bem comandada. Uma unidade de infantaria bem organizada, bem equipada, bem treinada e bem comandada é invencível".

## COMPOSIÇÃO DE UNIDADES

### A) — ELEMENTOS DA CIA. FUZILEIROS

#### GRUPO DE COMBATE (G. C.)

— 3.º Sgt. Cmt.	1
— 1 Cabo auxiliar	1
— 1 Soldado atirador (F. M.)	1
— 1 " municiador	1
— 1 " remuniciador	1
— 7 " volteadores	7
<b>Efetivo</b>	<b>12</b>

**Pelotão de Fuzileiros**

— 1. <sup>o</sup> ou 2. <sup>o</sup> Ten. Cmt.	1
— Grupo de Cmdo.	4
— 3 Grupos de combate	36
Efetivo	41

**GRUPO DE CMDO. DO Pel. de Fz.**

— 2. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar	1
— 3. <sup>o</sup> Sgt. orientador	1
— Sold. mensageiro	2
Efetivo	4

**Peça de Metralhadora Leve (Mtr. 30,1919)**

— Cabo chefe de peça	1
— Soldado atirador de metralhadora	1
— " municiador	1
— " remuniciador	2
Efetivo	5

**Secção de Metralhadora Leve (Mtr. 30,1919)**

— 3. <sup>o</sup> Sgt. Cmt. da Sec.	1
— Soldad. mensageiro	1
— 1. <sup>a</sup> Peça	5
— 2. <sup>a</sup> Peça	5
Efetivo	12

**Peça de Morteiro de 60 m/m**

— Cabo chefe de peça	1
— Soldado atirador de morteiro	1
— " municiador	1
— " remuniciador	2
Efetivo	5

**Secção de Morteiro de 60 m/m**

— 3. <sup>o</sup> Sgt. Cmt. da Sec.	1
— Sold. mensageiro	1
— 1. <sup>a</sup> Peça	5
— 2. <sup>a</sup> Peça	5
— 3. <sup>a</sup> Peça	5

Efetivo	17
---------	----

**Pelotão de Petrechos da Cia. de Fz.**

— 1.º Ten. Cmt.	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 2.º Sgt. Auxiliar	1
— Cabo motorista	1
— Soldado motorista	1
— Mensageiro	2
— 1 Secção de Mort. 60 m/m	17
— 1 Secção de Mtr. Leve	12
 Efetivos	 35

**Secção de Cmdo. e Serviços da Cia. de Fz.**

— Eub-Ten. Cmt.	1
— 1.º Sgt. Sargenteante	1
— 2.º " do Rancho	1
— 2.º " Furriel	1
— 3.º " das Transmissões	1
— Cabo escrevente	1
— Cabo armeiro	1
— Cabo cozinheiro	1
— Soldado corneteiro	1
— " cozinheiro	3
— " ajudante cozinheiro	2
— " mensageiro	3
— " reserva	13
 Efetivo	 30

**Companhia de Fuzileiros**

— Capitão Cmt.	1
— 1.º Ten. Sub-Cmt.	1
— Secção de Cmdo.	30
— 3 Pelotões de Fuzileiros	123
— Pelotão de Petrechos	35
 Efetivo	 190

**B) — ELEMENTOS DO ETL. INFANTARIA****Peça de Metralhadora pesada (Mtr. 30, 1917)**

— Cabo chefe de peça	1
— Soldado atirador de Mtr.	1
— " municiador	1
— " remuniciador	4
 Efetivo	 7

**Secção de Metralhadoras pesadas (Mtr. 30, 1917)**

— 3. <sup>o</sup> Sgt. Cmt. de Secção .....	1
— 1. <sup>a</sup> Peça .....	7
— 2. <sup>a</sup> Peça .....	7
<b>Efetivo .....</b>	<b>15</b>

**Pelotão de Metralhadoras pesadas (Mtr. 30, 1917)**

— 1. <sup>o</sup> ou 2. <sup>o</sup> Ten. Cmt. Pel. ....	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 2. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar .....	1
— Cabo instrumentos .....	1
— Cabo das viaturas .....	1
— Soldados mensageiros .....	2
— 1. <sup>a</sup> Secção .....	15
— 2. <sup>a</sup> Secção .....	15
<b>Efetivo .....</b>	<b>36</b>

**Secção de Morteiro de 81 m/m**

— 2. <sup>o</sup> Ten. Cmt. da Secção .....	1
— 3. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar .....	1
— 1. <sup>a</sup> Peça .....	8
— 2. <sup>a</sup> Peça .....	8
<b>Efetivo .....</b>	<b>18</b>

**Pelotão de Morteiros de 81 m/m**

— 1. <sup>o</sup> Ten. Cmt. Pel. ....	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 2. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar .....	1
— Cabo instrumentos .....	1
— Cabo das viaturas .....	1
— Soldado mensageiro .....	2
— 1. <sup>a</sup> Secção .....	18
— 2. <sup>a</sup> Secção .....	18
— 3. <sup>a</sup> Secção .....	18
<b>Efetivo .....</b>	<b>60</b>

**Secção de Cmdo. da Cia. Ptar. Pesados**

— Sub-tenente Cmt. ....	1
— 1. <sup>o</sup> Sgt. Sargenteante .....	1
— 2. <sup>o</sup> Sgt. do Rancho .....	1
— 2. <sup>o</sup> Sgt. Furriel .....	1
— 3. <sup>o</sup> Sgt. das Transmissões .....	1
— 3. <sup>o</sup> Sgt. de Reconhecimentos .....	1
— 3. <sup>o</sup> Sgt. das Viaturas .....	1
— Cabo escrevente .....	1
— Cobo armelro .....	1

## O.R.I. NO COMBATE

— Cabo cozinheiro . . . . .	1
— Cabo mecânico de automóvel . . . . .	1
— Soldado corneteiro . . . . .	1
— " cozinheiro . . . . .	2
— " ajudante cozinheiro . . . . .	2
— " mensageiros . . . . .	3
— " reserva . . . . .	11
 Efetivo . . . . .	 30

**Cia. de Petrechos Pesados**

— Capitão Cmt. . . . .	1
— 1.º Ten. Sub-Cmt. e Of. de Reconhec. . . . .	1
— Secção de Cmdo. . . . .	30
— 1.º Pel. Mtr. P. . . . .	36
— 2.º Pel. Mtr. P. . . . .	36
— Pel. de Morteiro de 81 m/m . . . . .	60
 Efetivo . . . . .	 164

**Peca de Canhão anti-carro (57 m/m)**

— 3.º Sgt. chefe de peça . . . . .	1
— Cabo apontador (C—1) . . . . .	1
— Soldados Artilheiros:	
— Atirador (C—2) . . . . .	1
— Conteirador (C—3 e C—4) . . . . .	2
— Municiador (C—5) . . . . .	1
— Remuniciadores (M—1, M—2, e M—3) . . . . .	3
— Motorista . . . . .	1
 Efetivo . . . . .	 10

**Pelotão de Canhão anti-carro**

— 2.º Ten. Cmt. do Pel. . . . .	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 2.º Sgt. auxiliar . . . . .	1
— Soldado mensageiro . . . . .	1
— 1.ª Peça . . . . .	10
— 2.ª Peça . . . . .	10
— 3.ª Peça . . . . .	10
 Efetivo . . . . .	 33

**Secção de Cmdo. da Cia. Cmdo.**

— Sub-tenente Cmt. . . . .	1
— 1.º Sgt. sargenteante . . . . .	1
— 2.º Sgt. do rancho . . . . .	1
— 2.º Sgt. furriel . . . . .	1
— 3.º Sgt. das viaturas (chefe dos mecânicos) . . . . .	1
— Cabo escrevente . . . . .	1

— Cabo armeiro . . . . .	1
— Cabo cozinheiro . . . . .	1
— Cabo mecânico de automóvel . . . . .	1
— Soldado corneteiro . . . . .	1
— " cozinheiro . . . . .	2
— " ajudante cozinheiro . . . . .	1
— " reserva . . . . .	8
— " ordenança . . . . .	1
 Efetivo . . . . .	 22

**Pelotão de Cmdo. de Btl.**

— 2.º Sgt. de operações . . . . .	1
— 2.º Sgt. sargeanteante do Btl. . . . .	1
— 2.º Sgt. de informações . . . . .	1
— Cabo da Secção Química . . . . .	1
— Cabo datilógrafo . . . . .	1
— Cabo motorista . . . . .	1
— Soldado motorista . . . . .	1
— " esclarecedor . . . . .	6
 Efetivo . . . . .	 13

**Pelotão de Transmissões**

— 1.º Ten. Of. de Trans. . . . .	1
— 2.º Sgt. Chefe de Trans. . . . .	1
— 2.º Sgt. Chefe de Sec. (rádio e sinal.) . . . . .	1
— 3.º Sgt. Chefe do Centro de mensagens . . . . .	1
— 3.º Sgt. Chefe telefonista e telegrafista . . . . .	1
— Cabo instalador e conservador de linhas . . . . .	1
— Cabo rádiotelegrafista . . . . .	2
— Cabo telefonista de central . . . . .	1
— Cabo reparador de rádio . . . . .	1
— Cabo criptógrafo . . . . .	1
— Soldado instal. e conservador de linha . . . . .	4
— " mensageiro . . . . .	4
— " rádio-telegrafista . . . . .	2
— " telefonista de central . . . . .	1
— " criptógrafo . . . . .	1
 Efetivo . . . . .	 23

**Esquadra de Remuniciamento e Sapadores**

— Cabo chefe de esquadra . . . . .	1
— Soldado remuniciadores . . . . .	7
 Efetivo . . . . .	 8

**Pelotão de Remuniciamento e Sapadores**

— 2. <sup>o</sup> Ten. Of. de remuniciamento .....	1
— 2. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar .....	1
— 3 Esquadras de remuniciamento .....	24
— Soldado motorista .....	1

Efetivo ..... 27

**Cia. de Cmdo. de Btl. I.**

— Capitão Cmt. Cia. e Ajudante do pessoal	1
— 1. <sup>o</sup> Ten. Of. de motores e chefe Serv. Viat.	1
— Secção de Cmdo. ....	22
— Pel. de Cmdo. do Btl. ....	13
— Pel. de Transmissões ....	23
— Pel. de Remuniciamento e Sapadores .....	27
— Pel. anti-carro .....	33

Efetivo ..... 120

**Batalhão de Infantaria**

— Estado-Maior:	
— Major Cmt. Btl. ....	1
— Cap. Sub-Cmt. ....	1
— Cap. Oficial de operações .....	1
— 1. <sup>o</sup> Ten. oficial de informações .....	1
— Cia. de Cmdo. ....	120
— Cia. de Petrechos Pesados .....	164
— 3 Cias. de Fuzileiros .....	570

Efetivo ..... 858

**C) — ELEMENTOS DO REGIMENTO DE INFANTARIA****Peça e Pelotão de Canhão Anti-carro (57 m/m)**

- Igualis aos da Cia. de Cmdo. do Btl. apenas o motorista da 1.<sup>a</sup> Peça é cabo, e os motoristas são também remuniciadores.

**Esquadra de minas anti-carro**

— Cabo cmt. de esquadra .....	1
— Soldados sapadores .....	7

Efetivo ..... 8

**Pelotão de minas anti-carro**

— 1. <sup>o</sup> Ten. Cmt. do Pelotão .....	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 2. <sup>o</sup> Sgt. auxiliar .....	1
— Cabo desenhista topógrafo .....	1
— Cabo motorista .....	1

— Soldado auxiliar de levantamento .....	1
— " motorista .....	2
— 3 Esquadras de minas anti-carro .....	24
Efetivo .....	31

**Secção de Cmdo. da Cia. C. A. C.**

— Sub-tenente cmt. ....	1
— 1. <sup>º</sup> Sgt. sargenteante .....	1
— 2. <sup>º</sup> Sgt. do rancho .....	1
— 2. <sup>º</sup> Sgt. furriel .....	1
— 3. <sup>º</sup> Sgt. das viaturas .....	1
— 3. <sup>º</sup> Sgt. das transmissões .....	1
— 3. <sup>º</sup> Sgt. de reconhecimento .....	1
— Cabo datilógrafo da Cia. ....	1
— Cabo armeiro .....	1
— Cabo cozinheiro .....	1
— Cabo mecânico de automóvel .....	1
— Cabo rádio-telegrafista .....	1
— Soldado corneteiro (mot. da viat. rádio) .....	1
— " cozinheiro .....	2
— " ajudante cozinheiro .....	1
— " mensageiro .....	2
— " rádio-telegrafista .....	1
— " reserva .....	10
Efetivo .....	29

**Cia. de Canhões anti-carro**

— Cap. Cmt. da Cia. ....	1
— 1. <sup>º</sup> Ten. Sub-Cmt. da Cia. ....	1
— 2. <sup>º</sup> Ten. Of. de Reconhecimento .....	1
— Secção de Cmdo. ....	29
— 3 Pelotões Anti-carro .....	99
— Pelotão de minas anti-carro .....	31
Efetivo .....	162

**Peca de Obuz de 105 m/m**

— 3. <sup>º</sup> Sgt. chefe de peça .....	1
— Cabo apontador (C—1) .....	1
— Soldados artilheiros:	
— atirador (C—2) .....	1
— conteirador (C—3; C—4) .....	2
— municiador (C—5) .....	1
— remuniciador (M—1; M—2; M—3) .....	3
— Soldado motorista .....	1

Efetivo .....

10

**Pelotão de Obuz de 105 m/m**

— 1.º ou 2.º Ten. Cmt. Pel.	1
— Grupo de Cmdo:	
— 2.º Sgt. auxiliar	1
— cabo agente de ligação	1
— cabo motorista	1
— cabo mecânico de artilharia	1
— soldado da munição	1
— " mensageiro	1
— " operador de instrumentos	1
— " operador de rádio-telefone	1
— 1.ª Peça	10
— 2.ª Peça	10
Efetivo	29

**Secção de Cmdo. da Cia. Obuzes de 105 m/m**

— Sub-tenente Cmt.	1
— 1.º Sgt. sargenteante	1
— 2.º Sgt. do rancho	1
— 2.º Sgt. de reconhecimento	1
— 2.º Sgt. furriel	1
— 3.º Sgt. das transmissões	1
— 3.º Sgt. das viaturas	1
— Cabo datilografo	1
— Cabo armeiro	1
— Cabo cozinheiro	1
— Cabo motorista	1
— Cabo mecânico de automóvel	1
— Soldado corneteiro	1
" cozinheiro	1
" ajudante cozinheiro	2
" mensageiro	2
" operador de rádio-telefone	2
" reserva	6
Efetivo	26

**Cia. de Obuzes de 105 m/m**

— Cap. Cmt. da Cia. (Of. de Artilharia)	1
— 1.º Ten. Oficial de reconhecimento	1
— Secção de Cmdo.	26
— 3 Pelotões de Obuzes	87

Efetivo	115
---------	-----

**Secção de transporte de Btl.**

— 1.º Ten. Cmt. de Sec. (do Q. Int-aprovil-	
sionadores)	1
— 2.º Sgt. furriel	1
— 3.º Sgt. encarregado das viaturas	1
— Soldados motoristas	7

Efetivo	10
---------	----

**Secção de manutenção**

— Sub-tenente chefe geral dos transportes	1
— Cabo arquivista	1
— Cabo mecânico de automóvel	5
— Cabo soldador	1
— Soldado mecânico de automóvel	6
 Efetivo	 14

**Pelotão de Transporte (Cia. de Serviços do R. L.)**

— Cap. Cmt. Pel. (Of. de motores do RI, especializado)	1
— 1.º Ten. Adjunto	1
— Grupo de Cmdo.:	
— 1.º Sgt. das viaturas	1
— 3.º Sgt. encarregado das munições	1
— 3.º Sgt. encarregado das viaturas	1
— Soldado motorista	1
— 3 Secções de Btl.	30
— Cabo da Cia. Anti-carro (motorista)	1
— Cabo da Cia. de Obuzes ( " )	1
— Cabo da Cia. de Cmdo. RI ( " )	1
— Secção de manutenção	14
 Efetivo	 53

**Secção do Estado-Maior regimental**

— 1.º Sgt. auxiliar de operações	1
— 1.º Sgt. ajudante	1
— 2.º Sgt. auxiliar do pessoal	1
— 3.º Sgt. munitor de educação física	1
— 3.º Sgt. diretor de diversão	1
— 3.º Sgt. estenógrafo	1
— Cabo auxiliar do Capelão	1
— Cabo escrevente	2
— Cabo escrevente do Correio	1
— Cabo encar. das alterações do pessoal	1
— Cabo arquivista	1
— Soldado auxiliar do capelão	2
— " escrevente	2
— " escrevente do correio	2
— " mensageiro	1
 Efetivo	 19

**Secção do Almoxarifado**

— 1.º Ten. Oficial das munições	1
— Sub-ten. assistente do of. das munições	1
— 1.º Sgt. auxiliar do almoxarife	1
— 2.º Sgt. auxiliar do almoxarife	1
— 3.º Sgt. encarregado das munições	1
— Cabo auxiliar do almoxarife	1

— Soldado escrevente .....	2
— " arquivista .....	2
— " mensageiro .....	1
— " motorista .....	1
<b>Efetivo . . . . .</b>	<b>12</b>

**Pelotão de Cmdo. Regimental**

— Cap. Ajudante do pessoal .....	1
— Cap. Of. de Serviço especial .....	1
— Cap. Tesoureiro do RI .....	1
— Secção do E. M. regimental .....	19
— Secção do Almoxarifado .....	12

<b>Efetivo . . . . .</b>	<b>34</b>
--------------------------	-----------

**Secção de Cmdo. da Cia. de Serviços**

— 1.º Sgt. sargenteante .....	1
— 2.º Sgt. do rancho .....	1
— 2.º Sgt. furriel .....	1
— Cabo escrevente .....	1
— Cabo cozinheiro .....	1
— Cabo armeiro .....	1
— Cabo mecânico de automóvel .....	2
— Soldado corneteiro .....	1
— " carpinteiro .....	1
— " cozinheiro .....	1
— " ajudante cozinheiro .....	1
— " mecânico de automóvel .....	1
— " mensageiro .....	1
— " motorista .....	1
— " reserva .....	7

<b>Efetivo . . . . .</b>	<b>22</b>
--------------------------	-----------

**Companhia de Serviços**

— Major Chefe do Serviço de Suprimentos .....	1
— Cap. Cmt. da Cia. de Serviços .....	1
— Sub-ten. auxiliar do chefe de Suprimentos .....	1
— Secção de Cmdo. ....	22
— Pel. de Cmdo. Regimental .....	34
— Pel. de Transporte .....	53

<b>Efetivo . . . . .</b>	<b>112</b>
--------------------------	------------

**Grupo de Reconhecimento**

— 3.º Sgt. Cmt. do grupo .....	1
— Cabo auxiliar do Cmt. do grupo .....	1
— Cabo ou sold. rádio-telegrafista .....	1
— Soldado observador .....	3
— " motorista .....	3

<b>Efetivo . . . . .</b>	<b>9</b>
--------------------------	----------

**Pelotão de Reconhecimento e Informações**

— 1.º Ten. Cmt, do Pel.	1
— Grupo da Cmdo.:	
— 2.º Sgt. auxiliar	1
— Cabo desenhista topógrafo	1
— Cabo rádio-telegrafista	1
— Cabo motorista	1
— Soldado observador	2
— 2 Grupos de reconhecimento	18
 Efetivo	 25

**Pelotão de Transmissões (Cia Cmdo. de RI)**

— Cap. Cmt. do Pel. (Of. de Trans. do RI)	1
— Sub-ten. assistente do oficial das Trans.	1
— 1.º Sgt. chefe técnico das Trans.	1
— 2.º Sgt. das trans. rádio e à vista	1
— 2.º Sgt. chefe do centro de mensagens	1
— 2.º Sgt. chefe dos telef. e telegrafistas	1
— Cabo criptógrafo	1
— Cabo rádio telegrafista	5
— Cabo telefonista da central telefônica	1
— Cabo motorista	1
— Cabo telefonista e telegrafista	4
— Cabo reparador de rádio	1
— Soldado criptógrafo	3
" mensageiro	3
" rádio-telegrafista	10
" telefonista de central telefônica	3
" telefonista e telegrafista	11
 Efetivo	 49

**Secção de Cmdo. de Cia. Cmdo. de R. I.**

— Sub-tenente (figura no Pel. Trans.)	
— 1.º Sgt. sargento-ante	1
— 2.º Sgt. do rancho	1
— 2.º Sgt. furriel	1
— 2.º Sgt. de transporte	1
— Cabo escrevente	1
— Cabo armeiro	1
— Cabo cozinheiro	2
— Cabo motorista	1
— Cabo mecânico de automóvel	1
— Soldado corneteiro	1
" cozinheiro	1
" ajudante cozinheiro	1
" ordenança	2
" reserva	7
 Efetivo	 22

**Companhia de Comando do R. I.**

— Cap. Cmt. da Cia.	1
— 1.º Ten. Sub-Cmt. (encarregado da guerra química)	1
— Secção de Cmdo.	22
— Pelotão de Transmissões	49
— Pelotão de Reconhecimento e Informações	25
<hr/>	
Efetivo . . . . .	98

**Secção de Saúde de Btl. I.**

— Cap. médico chefe	1
— 1.º Ten. médico adjunto	1
— 2.º Sgt. de saúde	1
— 3.º Sgt. enfermeiro de cirurgia	2
— Cabo de saúde	1
— Cabo enfermeiro de cirurgia	2
— Soldado padioleiro	12
— Soldado padioleiro	12
— " enfermeiro de medicina (1 po-	
de ser cabo)	4
— " enfermeiro de cirurgia	10
<hr/>	
Efetivo . . . . .	34

**Secção de Cmdo. do Dest. Saúde**

— 2.º Sgt. de Saúde (chefe geral dos enfermeiros)	1
— 3.º Sgt. de Saúde	1
— 3.º Sgt. enfermeiro de cirurgia	3
— Cabo arquivista	1
— Cabo auxiliar de odontologia	1
— Cabo enfermeiro de medicina	1
— Cabo enfermeiro de cirurgia	3
— Cabo motorista	1
— Cabo enfermeiro ortopédico	1
— Soldado auxiliar de odontologia	1
— " sanitaria	1
— " enfermeiro de cirurgia	4
— " reesrva	11
<hr/>	
Efetivo . . . . .	30

**Destacamento de Saúde**

— Major médico chefe	1
— Cap. dentista	1
— 1.º Ten. dentista	1
— Secção de Cmdo.	30
— 3 Secções de Btl.	102

Efetivo . . . . .	135
-------------------	-----

Além dos elementos acima há ainda:

**REGIMENTO DE INFANTARIA**

— Cel. Cmt. do Regimento .....	1
— Estado-Maior:	
— Ten. Cel. Sub-Cmt. ....	1
— Maj. Oficial de operações .....	1
— Maj. Oficial de informações .....	1
— Cap. ajudante do RI .....	1
— Cap. chefe do Serviço religioso .....	1
— 1.º Ten. Oficial de ligação .....	3
— 1.º Ten. do Serviço religioso .....	2
— 3 Batalhões de Infantaria .....	2.574
— Destacamentos de Saúde .....	135
— Companhia de Comando .....	98
— Companhia de Serviços .....	112
— Companhia de Canhão Anti-Carros .....	162
— Companhia de Obuzes de 105 m/m .....	115
 Efetivo .....	 3.207

**MATERIAL DIVERSO**

Possui ainda o R. I.:

- Munição.
- Viaturas.
- Material de Engenharia.
- Material de Transmissões.
- Material de Observação e Contra Gazes.
- Material diverso.

A dotação pormenorizada do material acima especificado será arbitrada durante os casos de aplicação.

(Continua)

**EDIFÍCIO BARÃO DE CAMPO BELO**

EM CONSTRUÇÃO A RUA PAULA FREITAS

Construção adiantada excelentes apartamentos, confortáveis e com acabamento de primeira, contendo ampla varanda de frente, comunicando-se com um grande living-room, vestíbulo, quatro grandes dormitórios, sala de jantar, três banheiros, dois quartos para empregados, rouparia, copa, cozinha e demais dependências e garage. — Preço a partir de Cr\$ 800.000,00 — entrada à vista Cr\$ 240.000,00, a combinar

**INFORMAÇÕES SEM COMPROMISSO NA SEÇÃO  
DE VENDAS**

**Banco Hipotecário Lar Brasileiro S. A.**

Rua do Ouvidor, 90 — Telefone: 23-1825

# ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

"Ao Exército tóca, no Brasil, a parte mais importante da tarefa enorme de auto-colonização que nos falta realizar".

(Cel. Juarez Tavora)

"Problema dos mais prementes, é esse da rivalização dos brasileiros e do resguardo da sua normal multiplicação, utilizados para tanto os tres instrumentos que devem agir conjugada e sincronizadamente — assistência sanitária, assistência educativa e assistência ao trabalho. Mas, no seu aspecto geral e primário, de uma primeira e fundamental assistência às classes mais desfavorecidas, o problema pôde ser atacado especificamente e com grande intensidade e eficiência por dois recursos. Um dêles é o Exército do Trabalho (unidades de trabalhadores) em cujas fileiras algumas centenas de milhares de brasileiros serão reajustados em um elevado nível social, com sua saúde refeita e resguardada, a sua educação realizada e sua forma profissional assegurada; o segundo recurso é o das Colonias-Escolas.ú

(Anexo à revolução 279 de 19-7-45 do I. B. G. E.).

## O POTENCIAL DEMOGRÁFICO

Cel. RENATO B. NUNES,

da Reserva de 1.<sup>a</sup> classe

Um chefe militar pode ser diretamente responsável pelo fracasso de uma batalha, como pode também tê-la provocado por sua deliberação pessoal. Mas um homem só nunca será o único responsável pelo desencadeamento de uma guerra, nem poderá fazer cessar a luta quando quiser. No campo de ação de uma batalha impera exclusivamente a vontade do chefe, que tudo domina e dirige. No âmbito de uma

guerra, êle atua como simples ator, subordinado a um conjunto de circunstâncias políticas, sociais, econômicas, etc. às quais não lhe é dado dominar e dirigir únicamente por seu livre arbítrio. Si desejar uma guerra, êsse desejo só se concretizará quando o meio fôr favorável à germinação e desenvolvimento da idéia e, uma vez iniciada a luta, não será mais senhor de suas consequências e de seus destinos.

Entretanto, é comum, depois de uma derrota de amplitude nacional, buscar-se, desde logo, o chefe militar, responsável único, pelo desastre, e a êle se atribuem todos os erros, falhas e deficiências, humanas e materiais, como se elas não proviessem muito mais de uma coletividade de homens, do que da falênciâ de um indivíduo só. Ao chefe militar cabe, sem dúvida, a responsabilidade inerente ao seu posto e função, mas a onipotência, é causa dos deuses, não se incarna num mortal. Não é, portanto, concebível nem justo que se imponham ao chefe militar, ou que se confundam, êsses dois atributos tão distintos : responsabilidade e onipotência.

Os erros, falhas e deficiências da coletividade nacional podem, sem dúvida, ser conhecidos, corrigidos e eliminados, se a vontade e a ação dos responsáveis pelos destinos da nação, oportunamente alertados e orientados pelos chefes militares, se conjugarem tenaz, metódica e continuadamente para saná-los ou, pelo menos, diminuir-lhes os efeitos funestos; então, o chefe militar só poderá ser acusado se não houver previsto e definido as deficiências militares e nacionais perante os detentores do poder civil da nação. Si o exército deve ser mudo no jôgo da política interna, seus chefes, entretanto, devem ter uma voz sempre ouvida e acatada por aquêles aos quais incumbe a prerrogativa de orientar a política exterior da nação, não, é claro, no sentido de impor-lhe determinada direção, mas de definir com precisão o que deve ser o exército e o que é preciso fazer para satisfazer suas imensas necessidades de toda a espécie, decorrentes do cumprimento da missão que essa política lhe impõe.

O problema da preparação militar e civil para a guerra, em todos os seus múltiplos e complexos aspectos, é hoje mais vasto do que nunca; portanto, mais do que nunca, também, é irracional apontar um responsável único, pelos desastres militares de uma nação. ,

É mister distinguir entre causas militares dos desastres e razões de ordem nacional. As causas propriamente militares são de fácil identificação. Na paz, são a organização defectuosa e a instrução deficiente das forças armadas, que não correspondam às realidades do campo de batalha, nem leve em conta o equipamento militar e seu fornecimento em tempo oportuno e em quantidade suficiente, no quadro da guerra moderna. Na guerra, é o mau emprêgo dos meios de que o chefe dispõe, meios humanos e meios materiais, quando todos êles existem em qualidade e quantidade evidentemente bastantes. Os outros meios, econômicos, financeiros, industriais, políticos, sociais, diplomáticos, científicos, os de inter-comunicação, etc., escapam à competência do chefe militar, porque incumbem essencialmente aos detentores do poder civil, aos governos.

E, dentre aquêles meios, há um, cuja importância é decisiva e que, entretanto, é muitas vezes esquecido, ou ao qual não atribuem o justo valor: é o *potencial demográfico*.

A guerra, cada vez mais se executa com o material, com a máquina; mas, nem um, nem outra substituem o homem. Este, será sempre o fator primordial, na guerra como na paz. É ele quem dá alma à máquina que destrói; no interior, dá vida à máquina que produz. Faltem os soldados combatentes, escasseiem os soldados da produção, e a guerra estará perdida, e com ela, a nação.

O soldado que combate é um destruidor de riquezas. Tudo quanto atira sobre o inimigo se perde, como toda a maquinaria de que se utiliza, para isto, representa despesas improdutivas. A essa destruição tem o soldado-produtor, o homem-econômico, de prover com largueza e oportunidade, sem prejuízo das demais necessidades vitais da nação, que não pode perecer à mingua de recursos.

Basta atentar essa circunstância para compreender nitidamente o valor essencial que o potencial demográfico representa nos destinos de uma guerra. Não se poderá, entretanto, afirmar que o número, por si só, tenha valor absoluto e bastante, pois o homem e o trabalho são os dois fatores desse produto que é o potencial econômico-militar. Mas, o número é condição essencial, e será sempre decisivo quando todas as demais circunstâncias forem iguais ou equivalentes às do adversário. Sem o homem são e instruído, não pode existir potencial econômico nem intelectual, e, sem este potencial não pode haver potencial militar.

Utilizar-se de todos os recursos da ciência e da previsão, a fim de aumentar o índice de natalidade, e reduzir ao mínimo o índice de mortalidade infantil, é, especialmente para o caso do Brasil, o magno problema da defesa nacional e de seu reerguimento econômico.

Nossa gente do interior, notoriamente, é prolífica, mas de nada valem as vidas que desabrocham, se elas vão povoar os cemitérios, em vez de se encaminharem para as escolas, as oficinas e os campos. A assistência social, neste particular, é ainda uma utopia que tem servido, apenas, como motivo para festas caridosas promovidas pelo mundanismo elegante e artigos laudatórios na imprensa, tão gratos a certos figuras sem valor real.

É dos campos, entretanto, que vem a massa maior dos conscritos para o serviço militar, gente menos culta, sem dúvida, que a dos centros populosos, porém mais afeita à vida rude e laboriosa do soldado, mais resistente aos esforços físicos, ao trabalho braçal, às longas marchas e aos rigores do tempo. Esta seria a regra, mas a realidade é outra. Mas os quadros, os que têm de exercer funções de mando e de direção em todos os escalões da hierarquia militar, êsses, geralmente, são recrutados nas cidades, onde o nível cultural é mais elevado, e o acesso, portanto, às escolas de formação é mais fácil.

Si nas cidades o índice de mortalidade infantil é menos devastador do que nos campos, o mesmo não se dá com relação ao segundo daquêles perigos que ameaçam a segurança da defesa nacional: — o índice de natalidade começa a decrescer. Tornam-se cada vez mais numerosos os casais jovens e robustos que "não conseguem" gerar filhos. Seja como fôr, de um lado a espantosa mortalidade infantil ceifa os futuros soldados no interior, e, de outro, o decréscimo da natalidade nas cidades começa a ameaçar a fonte principal de formação dos quadros dirigentes. Nos centros populosos mais densos, a carestia sempre crescente e desenfreada da alimentação, do abrigo, da vestimenta e da instrução atua em muito maiores proporções do que a falta de assistência sanitária, não sendo, entretanto, estranho ao fenômeno, a vaidade ou o egoísmo dos que vêm na mulher antes uma função decorativa, preferível à de procriadora de filhos e perpetuadora da família.

Quando o índice de mortalidade e o de natalidade variam em ordem inversa, surge, então, uma outra causa de enfraquecimento das energias vitais de um povo: — o envelhecimento da população. No decorrer de algumas gerações, o número de velhos em relação ao de moços, pode ir num crescendo tal que, ao fim de mais alguns anos, tem-se um povo envelhecido, virtualmente vencido econômica e militarmente diante de outro, talvez demograficamente inferior, mas em pleno florescimento de suas energias vitais, moças e saudáveis.

Fernand Boverat (1), num consciencioso estudo relativo às causas fundamentais das provações que se abateram sobre a França atual, "as maiores que sofreu desde a Guerra dos Cem Anos", põe em evidência a importância dessa "causa remota" de tamanho infortúnio que é o decréscimo de

(1) — *Natalité et Défense Nationale. Revue des Questions de Défense Août de 1945.*

natalidade, e à qual parece, não se dera até então o valor e a atenção que merece, de vez que quasi todas as críticas e investigações visaram sempre as "causas imediatas" do desastre.

Assinala aquêle escritor a enorme diferença existente entre a situação demográfica da França e da Alemanha no princípio do século XIX, e em 1914. Em 1830, a França e a Alemanha tinham em seus territórios de 1939, populações quasi equivalentes: 33 milhões para a primeira, e 35 milhões para a segunda. Em 1940, porém, havia 80 milhões de alemães, para 40 milhões de franceses: "éramos, diz, um contra dois." Em 1914, como em 1939, nasciam 5 alemães, para 2 franceses. Em 1914, a inferioridade numérica em relação à Alemanha, era extrema: 39 milhões de franceses contra 67 milhões de alemães. Foi esta, acentua o escritor, a causa de ter a guerra durado quatro anos, e custado o sacrifício de 1.240.000 vidas humanas.

Em meados do século XVIII, a média da natalidade era, na França, de 5 nascimentos por casal, pois não eram raros os que tinham dez e doze filhos, (tal como acontece nas famílias nortistas do Brasil). Mas essa média caiu sempre, em virtude das práticas anti-concepcionais; em 1830, era de 4; em 1890, de 3; e, em 1938 apenas ultrapassa 2, no conjunto do país, e era de 1, em Paris.

O aumento da longevidade, conseguido "graças aos progressos da medicina e da higiene, e ao melhoramento das condições de vida", apenas mascara o perigo e as consequências da queda da natalidade, porque eleva a percentagem de velhos, com prejuizo da nupcialidade e, consequentemente, da reprodutividade, sómente possíveis entre casais jovens. De 1860 a 1930, o número de sexagenários, na França, passou de 4 para 6 milhões, isto é, um aumento de 50 %, ao passo que, no mesmo período, a população cresceu, apenas de 12 %.

Estas considerações daquêle escritor, aqui resumidas, merecem a meditação dos responsáveis pelos destinos do Brasil. Si entre nós a esterilidade artificial e a prática do abôr-

to ainda não atingiram um grau alarmante (?), é, entretanto, evidente que o índice de mortalidade infantil já é catástrofico, e suas consequências são facilmente previsíveis.

Junte-se a essas perdas o depauperamento de sucessivas gerações nos inúmeros lares em que a alimentação magra e escassa e o café preto com pão sem manteiga constituem o repasto de crianças e jovens de ambos os sexos, e mais o desamparo higiênico e sanitário em que vive uma população corroída por males hereditários e adquiridos, e ter-se-á um quadro vivo e real de um futuro próximo, que é preciso ser enfrentado e combatido com honestidade corajosa e tenaz, por todos quantos exerçam uma parcela do poder público.

A tarefa é longa, complexa, mas não exige gastos superiores às possibilidades do erário público. Bastará, talvez, que se suspenda a execução de obras mèramente suntuárias e decorativas, e se apliquem em escolas primárias e profissionais, em centros de saúde e hospitais esparsos por todo o Brasil, as sobras do imensos encaixes dos institutos de aposentadorias e pensões, ora invertidos na construção de uma floresta de edifícios bancários e de apartamentos sumptuosos, numa ganância de lucros sem limites nem objetivos e práticos, e que sejam executados com rigor e tenacidade inflexíveis.

Tais planos, entretanto, que devem abranger todos os problemas atinentes à eugenia, à instrução primária e profissional, só lograrão êxito real, e isto ao fim de dois ou três decênios, se forem elaborados por técnicos de notória e comprovada competência em cada um dos ramos dos conhecimentos científicos em aprêço, e que estejam ao par das realidades brasileiras. E os há, felizmente, e em número suficiente, no Brasil; bastará buscá-los fóra da órbita das atividades e competições da política partidária.

Em rigor, essa tarefa devia caber aos Ministérios especializados, se não fôssem êles antes de tudo, pesadas máquinas burocráticas e fontes de concepções teóricas, que asfixiam

e tolhem a ação eficaz e prática que se poderia esperar de alguns técnicos de real valor profissional nêles existentes.

Quando se pensa que um quarto de século é o prazo mínimo após o qual se poderão colher os primeiros frutos de tais empreendimentos, de cujo êxito resultará, sem dúvida nenhuma, o renascimento do Brasil, não se consegue compreender a demora, a indecisão, o recurso às soluções fragmentárias de emergência, a falta de continuidade e de coragem no atacar desassombradamente, sem vacilações nem perda de tempo com meias-medidas, problemas de tamanha magnitude. Nem sequer se poderá apelar para a confissão comodista e pusilânime de que a "complexidade" e o vulto de nossos problemas vitais ultrapassam a capacidade intelectual e realizadora de nossos homens, porque êstes existem. Basta querer encontrá-los e querer resolver os problemas.

---

O Exército emana da nação. É o espelho em que se refletem tôdas as qualidades boas ou más de um povo, sejam elas de ordem física, moral ou intelectual. Nêle podem exaltar-se umas e corrigir-se outras, mas não lhe é dado criar de nada alguma cousa. Não pode ser um hospital nem um sanatório. É uma escola de atletas de alma forte.

Tudo quanto se relate, portanto, com a eugenia da raça, é assunto que lhe interessa visceralmente, e tem seu lugar próprio nas colunas desta revista. Que nossos camaradas meditem, estudem, o quanto possível objetivamente em cada uma de suas particularidades, êsses problemas nacionais de cuja solução dependem o desenvolvimento econômico e a segurança do Brasil. Outro não é o intuito das considerações gerais que aqui ficam.

Ninguém pode prever até quando o Brasil poderá esperar impunemente que todos cumpram integralmente o seu dever.

# Colonização Alemã, Problema da Nacionalização no Sul do Brasil

RUI ALENCAR NOGUEIRA (1)  
Cap. de Inf.

## I

### CONSIDERAÇÕES ESPECIAIS

"A infantaria é o povo em armas, vale o que vale o povo, o que vale a raça", dizia o Cel. Abadie, ilustre oficial francês. Ampliando esta expressão, bem poderíamos dizer: o exército é o povo em armas! "A força de um exército nacional, está, acima de tudo, nas qualidades morais, espírito, fé patriótica do povo que o forma. Apesar de crescente desenvolvimento da arte militar, não brigam entre si aviões, tanques, metralhadoras: — é o homem quem luta, é o homem quem mata. É pois, o homem o instrumento primacial do combate."

A guerra moderna não fica circunscrita aos campos de batalha, não atinge únicamente o combatente: — vai muito além.

Dilata-se pelos campos, atravessa cidades, invade países e absorve continentes! Guerra do ar, do mar, de terra, guerra industrial, guerra química, guerra econômica, enfim, guerra em todos os setores da atividade humana.

Eis porque, o Exército moderno é o povo em armas!...

Nestas condições, sinto-me perfeitamente à vontade para vos falar, e extremamente honrado com o convite que me foi feito e a elle não devia faltar, principalmente, partindo de moços estudantes, porque não pertenço a uma classe ou a uma casta especial: — o soldado, é um cidadão integrado no convívio da sociedade, pronto a defender as suas instituições, sempre vigilante em todas as ocasiões, disposto a todos os sacrifícios para garantia absoluta da integridade territorial do Brasil. Assim tem sido e assim será.

(1) — Palestra realizada na "Faculdade de Direito da Bahia" em 5 de Julho de 1942, a convite do "Centro Acadêmico Ruy Barbosa". Deixou de ser publicado em tempo independente da Redação da Revista. Sua oportunidade entretanto permanece, como advertência. — N. da R.

Propusemo-nos a falar sobre "Colonização alemã." Problema da nacionalização no sul do Brasil.

Devo esclarecer que vamos relembrar fatos passados nos anos de 1939-1940 e parte do ano de 1941. Naturalmente que a situação já deve ter sido modificada em parte. Vamos nos referir a fatos concretos observados, para que tudo nos possa servir de lição de modo a que, qualquer admiração, por acaso ainda existente, ao poderio nazista, seja transformada em receio, em alerta, porque toda a sua força será lançada contra nós, tenhamos a certeza.

## II

Antes de abordarmos o assunto propriamente da nossa palestra, vamos fazer ligeiras considerações iniciais e que julgamos oportunas, para maiores esclarecimentos sobre a questão da imigração e suas modalidades. Após, então, estaremos áptos a uma explanação mais objetiva, que procuraremos fazer.

## III

### MIGRAÇÃO

A emigração e a imigração são as duas faces do mesmo fenômeno — o fenômeno migratório. Todo emigrante é, ao mesmo tempo, um imigrante, diz Júlio de Revoredo. "O fato de um indivíduo deixar o seu país com ou sem preocupações de regresso (emigrante) para fixar-se em outro ponto de um país e aí viver por espaço de tempo durável ou não, entregue a um trabalho (imigrando)" é o que caracteriza perfeitamente a migração.

As migrações podem ser, segundo o mesmo autor, individuais, coletivas, espontâneas, assistidas e subsidiadas.

Com estas definições, vamos encarar o problema migratório sob o ponto de vista demográfico, econômico, social, intelectual e moral.

Para um país de grandes extensões territoriais como o nosso, de formidáveis possibilidades econômicas, visto sob a forma de um verdadeiro celeiro, o problema migratório apresenta certa transcendência, devendo merecer o mais dedicado cuidado, pois os países imperialistas modernos, adotando política expansionista, como estamos vendo, não se pejam em adotar os processos mais escabrosos e as atitudes mais descabidas com fim de lançarem mão de zonas prodigiosas que lhes dêem, na balança comercial, a compensação sistematizada do esforço empregado.

Demograficamente, a imigração concorre para a valorização dos países novos, aumentando-lhes a população, dando-lhes melhor distribuição de riquezas e de habitantes.

No entanto, será de bom alívio para um país novo, permitir a localização de cidadãos estrangeiros em pontos diversos, sem o controle rigoroso das autoridades locais, sem direitos restringidos? Parece, lógicamente, que não.

No que diz respeito ao fator econômico, a imigração transporta o braço do operário às Nações que dele carecem, acionando a manivela das indústrias e movimentando os capitais.

Meditemos, contudo, que o emprêgo de capitais estrangeiros desdenadamente, implica tacitamente no controle estrangeiro sobre a indústria nacional e o tutelado consequente desta ação, acarreta sérios prejuízos para a própria defesa nacional.

Socialmente, diz René Gonard, constitue o exútrio das classes pobres. A entrada no país de classes sem privilégios que possam aumentar a produtividades das várias modalidades de trabalho trás, sem nenhuma dúvida, vantagens apreciáveis, mormente em se tratando de raças afeitas ao trabalho.

Mas, convenhamos, não deve um país novo servir de fonte de exploração para determinadas castas. Surge a necessidade de uma subdivisão de todo imigrante em núcleos esparços, amalgamados e dirigidos pelos elementos nacionais, evitando-se os conglomerados homogêneos que fazem conservar os sistemas, os costumes e até a própria língua do país de origem.

Intelectualmente, a imigração favorece a troca de conhecimentos científicos, aprendisagem de processos técnicos modernos, o intercâmbio de idéias e o entrelaçamento das civilizações.

A inteligência utilizada pelo bem da humanidade — eis o sonho eterno dos sábios e cientistas, desde os tempos da alquimia. Graças a ela desfrutamos o conforto característico do nosso século, onde tudo é quase possível, mesmo aquilo que se julgava químérico e irrealisável, no domínio material. Graças a ela, também, surgiram muitas outras concepções exóticas que trabalham para alienação do gênero humano, conduzindo-o à derrocada final.

Dai o expurgo da intelectualidade malsã, sem uma medida irreverquirível em benefício da nacionalidade.

Finalmente, sob o ponto de vista moral, a imigração cria a unificação da espécie humana, consolida e solidariza as difentes raças que povoam o universo.

Os princípios morais reprimem excessos, retêmperam caracteres, refreiam e disciplinam desejos e dão, enfim, a noção da verdadeira fi-

nalidade da vida. São o alicerce da família que, por sua vez, é a célula máter das pátrias.

Eis porque a entrada no país de imigrantes de procedências duvidosas, constitue uma calamidade pela degenerescência subsequente que o caldeamento poderá trazer a um povo.

## IV

## COLONIZAÇÃO

Um outro fenômeno ligado ao da imigração, embora de aspecto diferente, é o da colonização. Demos a palavra a Leroy Baulieu, para nos dizer: "a imigração é um fato instintivo que pertence a tôdas as idades das sociedades; a colonização é um fato refletido, submetido a regras que só podem provir de sociedades avançadas".

Colonização é fruto de preparação estudada meticulosamente, obedecendo a interesses variados e somente pode surgir de povos mais adiantados.

Avancemos em um outro conceito de George Hardy: "As colônias dividem-se em colônias de povoamento e colônias de exploração". Numa, há o arraigamento, o entrelaçamento do nativo e do imigrante, dando-se a fusão com o perpassar do tempo; na outra, nada faz desaparecer a vontade de dominar, permanecendo vivaz a idéia da pátria distante.

Há pois, uma diferença entre imigração e colonização: enquanto uma pode ser temporária, a outra tem o caráter definitivo; uma é filha do instinto aventureiro, a outra é obra de meditação profunda; uma nasce com o espírito de curiosidade, a outra surge da procura codificada de meios de vida fáceis. (2).

A colonização, portanto, pelo seu duplo aspecto, precisa ser planejada. Transplantarem-se levas de indivíduos de outros países para uma colonização, é obra que solicita de todos estudos depurativos dos caracteres raciais para impedir a absorção perniciosa e preconcebida do nativo por aqueles.

Com as idéias expansionistas de certos povos, a colonização é uma válvula aberta para a infiltração no país de agentes assalariados que outro objetivo não têm senão, a formação de uma mentalidade exclusivamente anti-nacionalista, pela conservação a todo custo, da totalidade dos princípios que regem os destinos da Pátria distante.

(2) N. da R. — É difícil e perigoso fazer essa distinção na conceituação moderna desses problemas, que são conexos.

Há a considerar que, muito dificilmente se processa a assimilação do imigrante adulto, ainda mesmo que, para isto, seja favorável. Esta observação, feita por um sociólogo norte-americano, ao verificar que "em muitas regiões dos E. Unidos a terceira geração de alienígenas não se expressa em idioma inglês" nos permite um alerta, uma vigilância severa e constante para com as crianças que despontam em centros de colonização de qualquer espécie, sujeitas que ficam aos ensinamentos doutrinários e irretorquíveis dos progenitores.

Como as impressões primeiras são as que melhormente sedimentam e permanecem latentes no espírito, fácil será aos pais imigrantes incutirem aos seus descendentes as teorias dos "jus sanguinis".

Num país como o nosso, cujas leis prescrevem o direito dos "jus solis", fazer a criança sentir-se brasileira é obra de educação cívica persistente e bem orientada, dirigida por cidadãos que sejam missionários de brasiliadade.

Uma das formas perigosas de imigração é a adotada pelas ordens religiosas, que infestam o país de estrangeiros de todas as origens, onde exercem cargos relevantes, inclusive em colégios, cuja influência nem sempre é salutar.

As raças que preconisam o direito dos "jus sanguinis" ou seja, dar ao filho a nacionalidade do pai, são de tal modo intransigentes que se não excusam de preferir nas ligações matrimoniais, mulheres da mesma origem. Embora isto pareça, à primeira vista, sem nenhuma importância é, em última análise, a utilização de um processo forçado para a criação das chamadas "minorias estrangeiras".

Oliveira Viana, um dos eminentes sociólogos patrícios, estudando a assimilação das raças, assim se expressa: "Não nos iludamos. Estes altos coeficientes de homogeneidade revelados pelas diversas colônias; esta preferência dos imigrantes aqui fixados pelos descendentes das mesmas étnias, esta polarização em torno das étnias afins pela cultura e pelo tipo; tudo isto representa recursos sutis e invisíveis de defesa, de que as étnias transmigrantes lançam mão para reagir contra a reação assimiladora dos novos meios".

"Os antropo-sociólogos dos países de colonização só agora estão comprehendendo como é frágil e superficial o verniz da chamada "nacionalização dos estrangeiros" e como as étnias fixadas nestes novos campos de imigração da América são organismos vivazes, autônomos, longamente resistentes ao sistema de fôrças que importam na destruição da sua originalidade nativa.

Há, portanto, processos de seleção e adaptação cultural, como há processos de seleção e adaptação biológica, agindo sobre as étnias aqui affluentes e que cumpre investigar".

Neste caso, como reprimir tais excessos?

Pela adoção de medidas restritivas à imigração. (3).

Os Estados Unidos da A. do Norte foram o foram o primeiro país a adotar essa medida em 1921. No Brasil há muito que, igualmente, foram introduzidos processos teóricos oficiais. A constituição de 1934, no seu art. 121 apresentava uma restrição à entrada de estrangeiros para garantia da integridade étnica, não excedendo de 2% a cota de cada país. Até 1930, possuía o Brasil 42.000.000 de habitantes e tinha 4.520.000 imigrantes, segundo o Bol. do Dep. do Trabalho do E. de S. Paulo e isto representava 5,17% sobre a população total.

Várias correntes formaram-se em virtude da adoção das medidas restritivas impostas pela legislação: umas favoráveis, outras contrárias. Sobre o assunto, encontramos um parecer do Dr. José Américo, nestes termos: "ao envez de centros, de campos experimentais, custeados pelo governo, os centros de atividades dos japoneses poderão ser, em alguns estados de economia incipiente, verdadeiros modelos de produção agrícola". Contudo, Júlio de Reveredo nos traz este outro: "o nosso cearense já se revelou na Amazônia, o mais impávido e heróico dos colonizadores, o trabalhador nordestino dispõe de todos os atributos morais para vencer: falta-lhe apenas, para que o seu trabalho seja mais produtivo, a educação agrícola". A nossa eterna bondosidade concorreria para que despresássemos o perigo. Aliás, em 1921 Goulart de Andrade, membro da Academia Brasileira, comentando o livro "História Militar do Brasil", de autoria do Cap. Genserico Vasconcelos, escrevia: "Por felicidade, as esplêndidas conferências traem-nos a convicção de que, no Ex. Nacional, há quem vele pelos nossos destinos, enquanto a nação dorme a bom dormir".

Cremos que o nosso problema não é de imigração. Temos braços ardorosos para o trabalho, possuímos energias invencíveis mas necessitamos de educação e de meios. Com a educação sistematizada das populações rurais, com a adoção de medidas sanitárias, com a introdução de processos técnicos modernos, teremos obtido os maiores resultados.

## V

### COLONIZAÇÃO ALEMÃ

A colonização alemã no sul do Brasil é fruto do descaso de alguns anos de Império e mais de quarenta anos de República.

(3) N. da R. — Seria temerária essa afirmação em país com fraca densidade demográfica como o nosso e em franco desenvolvimento. Cuidado com as comparações.

Procurando local mais sozinho, onde pudessem desfrutar uma vida bucólica e despreocupada, fugindo ao ambiente agitado do continente europeu, elementos teutões imigraram e vieram aportar ao E. de S. Catarina. Para aqui vieram, ávidos de paz e de tranquilidade e ali encontraram todos os requisitos indispensáveis: salubridade, fertilidade do solo, riquezas do sub-solo e uma paisagem poética.

Quais os motivos que levaram os alemães imigrantes a procurarem o E. de S. Catarina? Haveria nisto idéia preconcebida. Porque não procurara mêsles, para colonização, zonas do nordeste ou de outro ponto qualquer do país?

Não encontrámos explicações satisfatórias. Durante nossa permanência em Blumenau, procurámos investigar detalhadamente o assunto, revolvendo alfarrábios do "Museu Fritz Müller", lendo outros documentos e nada de positivo encontramos.

Contudo, no nosso fraco modo de entender julgamos premeditada esta escolha, esposando as considerações já emitidas. Tomado o E. de S. Catarina, estará seccionado o sul do Brasil, dadas as dificuldades de vias de comunicação e as características do relevo do solo. Região de solo ubérmino, cortada de rios nos quais a força hidráulica é quasi sempre aproveitável, com um sub-solo riquíssimo, onde o lençol carbonífero tem grandes extensões e o chisto betuminoso ocupa uma faixa avantajada, oferece inúmeros benefícios à proliferação de uma colônia.

Orientados pelo Dr. Hermann Blumenau, que ali chegara por volta do ano de 1848, os colonos primitivos entregaram-se ao trabalho e dentro em pouco, a Nova Alemanha estava sendo formada.

Desde 1824, afirma Ferreira da Silva, já existiam colonos alemães em terras do Rio Grande, Paraná e S. Catarina. Blumenau viera em missão da "Sociedade de Proteção aos Emigrantes alemães", com sede em Hamburgo e, desta forma, percorreu grande parte daquelas províncias, vindo depois em 1848, empreender a subida do rio Itajaí-assú, ao ser informado da fertilidade daquele vale e guiado pelo caboclo Ângelo Dias. Ao encontrar a parte da cachoeira do rio parou, vindo a fundar a cidade de que hoje tem seu nome.

Ao envez de serem os colonos absorvidos pelos nacionais, foi justamente o contrário que se deu: estes foram tragados por aqueles e, em breve, os costumes, os processos de trabalho e até a própria língua eram alemães.

Quem percorria a região do vale do Itajaí, encontrava populações inteiras falando a língua alemã e encontrava ainda jovens que desconheciam por completo, a língua nacional. A desculpa para o caso era sempre invariável: — o governo as deixava abandonadas e sem escolas. Mas nada disto justificava porque eram abertas escolas alemãs, custeando-

das por aquelas mesmas populações que ignoravam a língua nacional devido à falta de escolas oficiais.

Não achamos que o progresso do vale do Itajaí — zona caracteristicamente assolada pela imigração teuta — seja devido exclusivamente ao espírito empreendedor dessa gente. Seria renegar a um plano inferior o nosso sertanejo, sempre explorado e que tanto impulso tem dado ao desenvolvimento do mesmo.

Sem escolas que lhes ensinassem a língua nacional, sem recursos e sem assistência, desconhecendo as fases mais elementares da nossa História Pátria, abandonado e despretigiado, o nativo começou a admirar a organização alemã, preconizada como sendo a mais perfeita, passou a acreditar nas suas lendas arrebatadoras e a sentir a necessidade imperiosa de uma proteção e de um amparo.

Entraram em cena os demagogos perspicazes, solertos, perigosos e vivazes para a formação de um espírito germânico. Ruiu o princípio legislativo do "jus solis" e os filhos de alemães nascidos no Brasil e, até mesmo os filhos de brasileiros de descendência teuta, pasearam a ser considerados alemães. Os vultos da História Pátria foram esquecidos enquanto as figuras proeminentes da Alemanha eram endeusadas, mistificadas e até glorificadas. Uma prova eloquente desta nossa afirmativa temos no fato de existirem dois monumentos erguidos em praças públicas, na cidade de Blumenau, em homenagem à *Fritz Müller* e *Hermann Blumenau*, enquanto que não existe, nem a lembrança, de o mesmo se fazer com relação a brasileiros, que para nós tem muito mais valor que aqueles dois exploradores, pelos inúmeros serviços prestados à Pátria.

As ruas e logradouros públicos não ostentam nomes que lembrem o Brasil. Eram usados outros desta natureza: Salto Weissbach, Badefurth, rua Wendeburg, rua Hering Senior, rua Paul Zimmerman e como denominações de bairros: Blumenau Velho, Itoupava, Pomerode, Vale do Selke, Morro do Spitzkopf, — conforme se poderá ler no fascículo intitulado "Blumenau", de autoria de José Ferreira da Silva, ex-prefeito municipal — e publicação do Departamento de Estatística do E. de Santa Catarina.

Embora tenham sido tomadas medidas por parte do nosso governo, a obra de nacionalização está na sua infância, pode-se dizer, e muito há que fazer. A fraude existe tanto quanto é possível. Tivemos oportunidade de entrar em contato com diversas freiras e enfermeiras do "Hospital Santa Isabel", daquela cidade, por sinal um estabelecimento hospitalar de primeira, ordem, tendo sido dado observar que, a língua usada normalmente naquela casa é a alemã. Certa vez, quando uma delas, com dificuldade se expressa em português para nos atender, embaracando nosso entendimento uma outra, mais audaciosa, nos disse

que precisávamos aprender o alemão para conversarmos melhor, ao que retrucamos ser justamente o contrário: ela é que devia aprender a falar a língua da sua Pátria. Constatámos ainda que a pequena biblioteca para recreio dos doentes e pessoas acompanhantes é, na sua quasi totalidade, composta de livros alemães.

O mesmo acontecia nos colégios, nas escolas e no "*jardim da infância*." Covardemente tramava-se contra o Brasil formando jovens para a derrota da própria terra que lhes servira de berço e que tão bondosamente recebera os seus ancestrais. Havia o desplante de se uniformizar a juventude semelhantemente à mocidade alemã, tal como podemos constatar na cidade de Brusque.

As autoridades policiais têm pouca atividade e, na sua maioria, os casos são solucionados sorrateiramente pelo consul alemão. Assim tivemos ocasião de apreciar com relação a desfalques verificados em casas comerciais, desfalques vultuosos aliás, onde a intervenção policial não foi solicitada, mas tudo foi resolvido pelo próprio consul.

Encarada demográficamente, a colonização alemã apresenta o inconveniente da formação de um "quisto" nocivo aos interesses nacionais, pois o germânico conserva tôdas as idéias trasidas, cultuando e fazendo cultuar pela descendência, a tradição de uma raça diligente e irrequieta.

Há cerca de 20 anos, Silvio Romero, já falava do "*enquistamento*" alemão em S. Catarina, enquistamento este livre da ação das autoridades, manobrado apenas por chefetes políticos impatriotas que, em troco de votos que lhes garantissem os êxitos das eleições e a ascenção ao poder público, permaneciam impávidos ou favoreciam a desnacionalização gradativa.

Escolas alemãs eram fundadas e mantidas até com dinheiro vindo da Alemanha. A juventude sentia os efeitos da influência nazista e os varões eram arregimentados para a propagação das idéias germanófilas. As três forças conjugadas, igreja, lar e escola, estavam inteiramente ao serviço do anti-nacionalismo. No colo da mamãe a criança recebia a mais eficiente educação moral — aquela que só uma mãe sabe ministrar — aprendia a balbuciar as primeiras palavras em alemão, ouvia o sacerdote — outro elemento perigoso pela influência que exerce — também em alemão e, finalmente, na escola o professor lhe ensina que o Brasil foi descoberto pelos alemães, que se não fosse o Dr. Blumenau tudo aquilo era mata virgem e outras histórias dessa natureza e, assim, se ia ela formando na convicção de que estava na pequena Alemanha.

Tudo era muito fácil, de inculcar e os resultados antecipadamente seriam promissores, porque as influências mesológicas concorriam para o perfeito desenvolvimento do anti-nacionalismo, maximé

em se tratando de crianças pois, segundo Alfred Adler, "as impressões recebidas pelos indivíduos nos primeiros tempos de sua infância influenciam-lhe a atitude através da vida inteira".

Sob o ponto de vista econômico, a colonização alemã favoreceu o desenvolvimento das várias indústrias, ampliando a capacidade de trabalho e dando maior progresso, pela inversão de capitais avantajados. Tudo se faz em Blumenau, desde o tecido de malha e a sela até brinquedo para crianças, tudo perfeito e bem acabado. Basta citar uma ligeira estatística elucidativa; existem em Blumenau; — fábricas de bombons 6; de brinquedos 3; caixa de papelão 2; de canos de cimento 3; de artefatos de cimento 7; de conservas 8; de cerveja 6; de chapéus 6; de carroças 4; de escovas 2; fechaduras 1; de gaitas de bôca 1; de gasosas 2; de graxa 2; de massas alimentícias 1; de meias 1; de mostarda 4; de móveis 6; objetos de arame 2; de tintas 1; de trincos 2; de motores elétricos 1; de artigos para presentes 6; de gases hidrófilas e material sanitário 1; etc. etc. As grandes fábricas existentes, aliás onde se faz até mesmo material bélico, tal como acontece com a "Cia. Eletro-Aço", são organizadas sob a forma de "sociedade anônima", nas quais há grande cota de capital nacional. Mesmo assim, o brasileiro é sempre absorvido, preponderando a vontade germanófila. Quem visitasse as fábricas "Hering", muito conhecidas nossas pela fabricação de tecido de malha, teria observado que todos os disticos, avisos, etc., eram escritos em língua alemã.

As leis trabalhistas não tinham aplicação real, mormente na parte referente ao emprêgo de menores e mulheres. O próprio horário das 8 horas de trabalho era um mito.

Os sindicatos não existiam por força dos patrões. Os poucos que alguns brasileiros tentaram fundar depois da chegada do 32.<sup>o</sup> B. C., fenerceram sob a vigorosa imposição dos empregadores e no desfile operário organizado quando da passagem do então Presidente Vargas não tivemos ocasião de ter uma só destas organizações associativas.

Socialmente, referida colonização muito deixa a desejar. Vemos uma perfeita diferenciação dos costumes da gente do vale do Itajaí para a dos demais pontos do país. O chamados "casamentos por contrato" tinham existência real, segundo formas as mais variadas e eram até a cousa mais comum. O próprio modo de viver do povo era "sui generis". As festas de Natal e Ano Bom, bem como os festejos juninos apresentavam aspectos diferentes e fugiam, por completo, dos nossos sistemas.

Embora nos dias feriados a cidade estivesse sempre espontâneamente embandeirada, as nossas comemorações cívicas eram monospressadas e tôdas as nossas leis eram ridicularisadas.

No cinema era grande a agitação quando se focalisavam filmes de procedência alemã, enquanto as películas nacionais serviam de alvos de pilhérias.

A vida em sociedade apresentava aspectos diâmetralmente opostos aos do país inteiro e as próprias músicas brasileiras eram pouco executadas pelas exóticas orquestras que, geralmente, tocavam valsas e principalmente "poloneses" — música esta que dava lugar a uma contra-dança com a mesma denominação.

Funcionavam no vale do Itajai sociedades esportivas, musicais de ginástica e de atiradores, as quais constituíam terrível quartel para a arregimentação dos homens, das mulheres e das crianças. Os homens atiravam, as mulheres exercitavam-se e as crianças disciplinavam-se todos sob a bandeira alemã, jurando fidelidade absoluta ao III Reich. Senão, vejamos alguns dos seus nomes: "Sociedade Tell", "Sociedade Eintrachi", "Sociedade Gute Kamerad", "Sociedade Harmonie", "Sociedade Liederfal", "Atiradores do Testo", "Sociedade Itoupava Rêge", "Sociedade Enigkeit", "Sociedade Pomerôda", etc., e podemos perguntar: — seria possível falar sobre o Brasil em casas com estes nomes?

O teatro, construído quasi que exclusivamente com o dinherio alemão, constituía uma sociedade cuja denominação exterior de "Carlos Gomes" adotado para fugir mais facilmente aos rigores da lei, nenhuma significação nacional possuia, embora participassem brasileiros, pois seu verdadeiro nome era "*Teatro Frohsinn*".

A igreja católica, que em todo o Brasil pelo menos não se manifesta anti-nacionalista, ali irradiava germanismo sob a direção de frades intransigentes e onde até após a chegada do 32." B. C. os sermões eram feitos em língua alemã, conservando avisos escritos na mesma língua.

Nos colégios falava-se o alemão. Verificámos isto no Colégio Sagrada Família destinado à moças e no "Ginásio S. Antônio" onde a começar pelo seu diretor — elemento dos mais intransigentes e encabeçador da campanha anti-nacionalista naquele educandário, até os demais professores — na maioria radicados ao germanismo — todos cultivavam e exigiam o uso da língua alemã. E a prova desta afirmativa está na terrível campanha movida contra o escotismo que, infelizmente, tiveram o prazer de ver desaparecer completamente da cidade e na perseguição movida contra o filho de um Oficial que ali estudava, perseguição esta que não conseguiu abater a altitude do jovem brasileiro o qual mesmo reprovado, sabia protestar contra tudo, denunciando o que ali se passava. E o jovem teve de deixar o colégio para ir estudar em Curitiba, longe da sanha dos nazis.

Intelectualmente, a colonização alemã não veio trazer também grandes benefícios. O nível cultural dos germanizados não atingiu o grau de adiantamento que a princípio parece ostentar. Um núcleo insignificante, imperceptível mesmo, possue conhecimentos mais elevados. Em princípio os indivíduos poucos inteligentes, não gostam destes assuntos e alheiam-se completamente a tudo quanto diz respeito à cultura, mesmo geral.

Este isolacionismo cultural provém, sobretudo, do acentuado espírito nazista que, embora para fins altruísticos, não quer o menor contato com o brasileiro, senão para tirar partido na sua obra devastadora de desagregação nacional.

A introdução de conhecimentos científicos ou de processos técnicos modernos não houve absolutamente. Via de regra, os conhecimentos científicos ali estão em repressão dos demais centros do país. Haja vista o que se passava nos hospitais da cidade. Dirigidos exclusivamente por médicos alemães, sem a intromissão de um só brasileiro de coração, pois o único que nasceu no Brasil e exerceu misteres profissionais num deles, teve de ir freqüentar cursos na Alemanha, são adotados processos de tratamento antiquado e em desuso, segundo a opinião do chefe do S. S. do 32.<sup>º</sup> B. C.

Nas ciências e nas artes, para não falar nas letras, não existe desenvolvimento que possa caracterizar, precisamente, uma influência benéfica capaz de se tornar digna de maiores encômios.

A inteligência ali foi trabalhada no sentido de apagar de vez as idéias de brasiliidade. Até mesmo os jornais eram publicados em língua alemã. Os calendários e tudo quanto pudesse ser lido pelo povo, devia ser escrito em língua brasileira — eis o lema. Havia em tudo, uma tergiversação, uma atitude hipócrita exteriorizada em fatos cotidianos, somente percebida por quem convivia com tôda aquela gente. Enquanto as casas conservavam as fachadas engalanadas de bandeiras brasileiras, no seu interior falava-se o alemão, ridicularisava-se o Brasil.

Há fatos indicativos da ação contrária a tudo que diz respeito ao que é nosso. A estação de rádio local, após a chegada do 32.<sup>º</sup> B. C. passou a sofrer terrível campanha, a ponto de não conseguir anúncios ou outro auxílio que a pudesse manter, pelo fato de ter organizado em colaboração com o comando daquela Unidade, a "Hora cívica" da semana. Para não chegar à falência a Prefeitura local encampou-a e passou a explorá-la. Com pouco proveito para a grande obra enctetada, por quanto o prefeito — demitido há pouco tempo — era germanófilo e a própria Prefeitura Municipal, falava-se o alemão.

## VI

## NACIONALIZAÇÃO

Entendemos que a nacionalização daquela região é um problema complexo e avassalador, até agora insolúvel e necessitando de um trabalho meticuloso e bem orientado. Sem plano de ação delineado nada poderá ser resolvido, porque é bem conhecido o adágio: "*cada coteça, cada sentença*".

O problema comporta a solução de outros entrelaçados: um educacional, outro de força. O primeiro, mais delicado, consiste em cuidar da juventude, educando-a dentro dos saos princípios de brasiliade, dando-lhe colégios gratuitos dirigidos por brasileiros dedicados e que não se desviam, congregando-a sob diversas modalidades, tornando-a forte para a grandesa do Brasil!

Apesar do decreto da organização obrigatória da juventude brasileira, até nossa saída daquela cidade, nenhum centro cívico havia sido fundado, porque não convinha a êles reunir jovens para falar do Brasil!

Um problema de força caberia, não de arbitrariedades e perseguições, de selvageria ou cabotimismo, porque não somos da Gestapo, mas de autoridade, de energia, para evitar abusos e dirimir vícios, pela intromissão da autoridade onde quer que se torne necessária, pelo controle e fiscalização de quanto possa veicular idéias contrárias à campanha que se tem em vista. Sem autoridade, indiscutivelmente, falharão todos os demais processos empregados.

Seria preciso uma censura rigorosa na correspondência postal telegráfica, um controle nas diversas Sociedades de ginástica e de tiro, uma fiscalização nas diversas agremiações sob denominações variadas que se espalham pela região e uma ação decisiva contra tôdas as publicações que se editam em língua alemã e se espalham por toda parte. Felizmente, sabemos, os jornais foram suspensos e as sociedades de tiro fechadas. Mas para aquela gente sómente poderá ter expressão o "sempre alerta" dos nossos escoteiros.

A nós brasileiros é que cabe defender o que é nosso. Os tratados de amizade são utópicos e duvidosos na sua aplicação.

O Exército, dentro de sua missão, tem feito ali uma obra grandiosa: recebe cidadãos que muitas vezes nem falam o português e consegue transformá-los, tanto quanto possível, em soldados com sentimentos nacionais. Há um trabalho intensivo e depois dos afazeres da caserna, após um dia de trabalho de campo, as escolas de analfabetos das sub-unidades funcionam e tudo é feito para que, pelo menos o con-

tingente que pela caserna passa, tenha um pouco mais de amor ao Brasil.

A muita gente, talvez pareça exagerada esta minha conversa, mas poderíamos dizer muito mais, se não estivesssemos já chegando à proximidade.

Resta não esmorecermos para trabalhar com ardor patriótico a fim de que a nossa missão seja sempre bem cumprida no momento oportuno de modo a podermos conservar intacta a integridade territorial que nos foi legada. Pensemos portanto no Brasil! Meditemos sobre as enormes responsabilidades das nossas Forças Armadas, adotemos ações energicas e decididas. Estejamos prontos para enfrentar todos os perigos, si preciso fôr, não permitindo que a nossa geração venha a sucumbir vergonhosamente. Formemos ômbro a ômbro, transformemos os nossos peitos em uma só muralha, porque o Exército do Brasil é o povo em armas.

N. A. — Chamamos a atenção dos leitores para o fato de ter sido este trabalho escrito em 1943 — antes da declaração da guerra do Brasil.



# HISTÓRIA E GEOGRAFIA MILITAR

"Os comandantes em chefe são guiados por sua experiência ou por seu gênio. A tática, as evoluções, a ciência do engenheiro e do artilheiro, podem ser apreendidas através dos tratados, quasi como a Geometria, mas o conhecimento da parte mais elevada da guerra só se adquire através do estudo das guerras e das batalhas dos grandes capitães. Aprende-se, por acaso, na gramática, a compôr um canto da Iliada ou uma tragédia de Corneille?"

(Napoleão)

## A Amazônia Colombiana

Cap. NELSON WERNECK SODRÉ

Sob o título acima, apareceu, no **Memorial del Estado Mayor**, órgão do Estado Maior Geral da República de Colombia, número 11 e 12, de novembro e dezembro de 1945, um interessante artigo do General J. M. Silva Plazas que, pelo valor próprio e importância particular em relação ao nosso país, transcrevemos, devidamente anotado.

Viajando pelo Amazonas, no trecho compreendido entre a desembocadura dos rios Atacuary e Caquetá, verifica-se o predomínio econômico alcançado pela Colombia nessa região, do qual é indício evidente o volume de moeda colombiana que nela circula e que atinge a 70% sendo o de moeda brasileira de sómente uns 20%, e o da peruana apenas de 10%. (1).

Resulta, pois, que a esclarecida política do Governo, no que se refere ao fomento da navegação fluvial, teve como consequência a recuperação do domínio econômico, já que o

(1) — Consequência da proximidade maior entre o centro de gravidade econômico e político da Colombia dessa região, em contraste com a distância entre o centro econômico e político brasileiro e a mesma. Fenômeno natural em faixas lindadeiras distantes.

político foi cerceado, dos territórios que pretendíamos antes, por desgraçados tratados, nas nossas justas aspirações geográficas, e cancelaram definitivamente nosso direito sobre aqueles trechos tradicionalmente considerados como colombianos. (2).

Em consequência, si o Govérno persistir em sua política e apoiar decididamente a navegação nesses rios, resultará em que o nosso predomínio econômico nessas regiões continuará a ampliar-se e firmar-se até limites incalculáveis, e suas benéficas consequências repercutirão de forma evidente na economia colombiana.

A região amazonica, como é sabido, é em geral pobre, dando a impressão de um mundo em formação e, como tal, sua capa vegetal é muito escassa e não suporta cultivo intensivo de gênero algum. Por muito tempo, ali só poderá prosperar a exploração pastoral e, em algumas regiões, a exploração florestal. De modo que esse mundo vale pelos seus rios, vias amplas e econômicas que, salvo pequeno trecho, ligam os oceanos Pacífico e Atlântico e permitem viajar desde Porto Lopez, nas vizinhanças de Villavicencio, até Buenos Aires, totalmente por via fluvial. (3). De maneira que exercerá predomínio nesses vastos territórios, não nação que os tenha dentro de seus limites geográficos, mas aquela que possua a mais numerosa e melhor organizada frota fluvial, como

(2) — Refere-se o autor, naturalmente, ao incidente com o Peru, em torno da antiga questão de limites, fundamentada na busca do caudal amazônico, via natural de escoamento. Em consequência dos tratados que puseram termo a tal questão, a Colômbia ficou com restrita faixa de acesso direto à margem norte do Amazonas, ao sul do Putumayo, até cuja corrente as fronteiras peruanas se estenderam, abarcando as lindes equatorianas. O problema amazônico, entre o Brasil e a Colômbia, que não chegou felizmente a termos de disputa militar, está resolvido há tempo, desde os debates do século passado, que o Império não chegou a solucionar. Economicamente, o assunto teve resultado justo ao problema da livre navegação do Amazonas e dos seus tributários permitindo, conforme demonstra o autor, o predomínio da navegação colombiana na zona em questão. O problema da livre navegação amazônica, posto em foco desde os trabalhos de Maury, no século passado, foi exaustivamente tratado, em tempo, por Tavares Bastos, na sua obra de 1866, *O Vale do Amazonas*, de que consta o decreto sobre a abertura aos navios de todas as nações dos rios Amazonas, Tocantins e São Francisco.

(3) — Villavicencio, na Meta, a SE de Bogotá.

ocorre, analogamente, no espaço marítimo. (4). Nós, geográficamente, possuímos extenso litoral sobre os dois oceanos mas não somos donos dele porque nos falta marinha mercante.

Os vastos territórios da Amazonia que, para os países que os possuem são uma carga, pela sua improdutividade, comparada à sua vastidão, podem ser, para nós, amplos mercados dos produtos de *tierra fría* (5) que, em épocas normais, chegavam-lhes, da Europa ou da parte sul da América, e que, agora, graças aos caminhos em construção e a uma melhor dotação e organização da nossa frota fluvial, poderiam chegar-lhes da Colômbia, em condições de rapidez e economia que possam competir com os seus antigos provedores, quando se normalizarem as condições do mercado mundial.

Alem disso, a Colômbia pôde abastecer o Brasil de petróleo e carvão, matérias primas de que necessita aquele país sobram no nosso, e naturalmente a via mais direta para levá-los aos centros de consumo é a do Amazonas. (6) A organização de um sistema de oleodutos, combinado com o transporte por via ferrea e por automotriz, permitiria levar, pela via do Caquetá, considerável parte das grandes quantidades de petróleo que será necessário ao desenvolvimento e a exploração de tão dilatados territórios.

(4) — O tema da navegação fluvial, do mais alto interesse, sob todos os pontos de vista, sempre mereceu atenção, desde a época de Tavares Bastos, quando Mauá mantinha uma companhia de navegação amazonica, que mereceu elogios de Agassiz. (*Voyage au Brésil*, Paris, 1869). Tal como aconteceu em relação à navegação marítima, a transição do navio de madeira ao navio de ferro, e o advento do vapor, contribuiram para que o nosso país, então dotado de indústria naval, se atrasasse na produção própria, sendo obrigado a tornar-se cliente de estaleiros distantes, o que levou ao considerável desfalcque da frota dos nossos rios. O reaparelhamento dessa frota, em relação às tres bacias, amazonica, platina e do S. Francisco, é tema de primeira urgência, no plano de viação nacional, fundamentado nos transportes múltiplos e na possibilidade das ligações interiores, cuja necessidade a última guerra demonstrou, dobrando as ligações marítimas.

(5) — A Colômbia se divide, quanto à produção, em tres zonas caracterizadas: *tierra caliente*, *tierra templada* e *tierra fría*, fundamentadas no escalonamento climático. (Wilhelm Sievers: *Geografía de Ecuador, Colonia y Venezuela*, Barcelona, 1931).

(6) — Parece-nos que as ligações económicas entre as diferentes faixas amazónicas, a brasileira, a colombiana, a peruana, a boliviana, etc., terão, tanto quan-

E' conveniente fazer notar, porque em geral se desconhece, que quanto existe em matéria de colonização, no Sul, é obra do Exército, e que ela tem sido possível e o será no futuro, graças sómente às Forças Militares e aos seus serviços de transporte, de saúde e de intendência. E é curioso observar como flutua a população dos diferentes centros segundo o maior ou menor incremento das respectivas garnições militares. (7).

O Exército possui, no Comissariado da 6.<sup>a</sup> Brigada o instrumento mais eficaz e poderoso para o fomento da colonização. Todos os esforços até agora feitos para o incremento da colonização fracassaram devido a que o homem civilizado, e é com ele que se pretende colonizar, ao contrário do indígena, não pode viver sem certos elementos indispensáveis: requer a sociedade de outros homens e necessita de mercados de consumo para seus produtos. Tais são as deficiências que o Comissariado deve suprir.

Foi para mim muito grato e interessante observar como se modificaram as condições sanitárias dessa região e como a presença do homem pode influir na atenuação dos rigores desse clima proverbialmente malsão. Tarapacá, por exemplo, que conheci muito bem durante o conflito e que era um perfeito *cemitério*, onde a vida se tornava impossível pela quantidade de pragas, mudou tanto que é hoje um lo-

---

to se possa prever, na base do estado atual da produção e do intercâmbio entre as nações sul americanas, um caráter puramente local, ou regional, não chegando a interessar ao conjunto dos países. O problema do petróleo, de que a parte mais interessante, quando ao comércio, é a de refinação, parece impôr ainda o primado incontestável do transporte marítimo, já especializado e com capacidade de carga considerável, esse sim interessando ao conjunto dos países.

(7) — A solução brasileira do problema alicerçou-se, desde algum tempo a esta parte, na constituição dos territórios. Fundamentou-se tal constituição, aparentemente esdruxula, no desenvolvimento político do nosso país, na necessidade de fornecer a zonas fronteiriças afastadas, diretamente, os elementos de progresso que os Estados não estavam em condições de fornecer, pela precariedade da capacidade econômica de todos eles e do alcance da capacidade administrativaposta a longa distância. A administração direta, por parte do governo federal, leva a tais zonas um numerário que não está, como no caso da administração estadual, subordinado nem à sua reprodutividade imediata, base em que via de regra, absente a discriminação da aplicação da receita estadual. O Exército, naturalmente, na sua organização territorial, acompanha transformações desse alcance, na distribuição da tropa e sté no tipo de unidade a sediar nos territórios.

gar perfeitamente habitável e onde não se experimenta a contínua e insuportável adversidade de outros tempos.

A questão das habitações que, no Sul, constituiu um sério problema devido a que a madeira, único material barato e ao alcance da mão, é de duração curta e a construção de outros materiais fica demasiado cara devido ao transporte e à escassez de mão de obra, pôde ser resolvida, agora, com o emprego do *eternit*, do *levianit* e outros materiais que se prestam facilmente ao transporte e aos mais variados empregos. Vi, no Brasil, igrejas, escolas e outros edifícios construídos quasi exclusivamente desses materiais. É o caso de aproveitarmos, no caso, a experiência de nossos vizinhos, optando definitivamente por esses materiais, nas construções de todo gênero, necessárias no Sul. Com isso economizar-se-á dinheiro e, principalmente, tempo. Desse modo, o monumental quartel de Letícia, por exemplo, cuja construção demorou perto de seis anos, estaria em serviço há muito tempo.

As condições peculiares dos territórios das Comissarías requerem leis especiais e disposições correspondentes. Sei de colonos e de empregados que tiveram de perder mais de dois meses em viagens, para obter um certificado ou caderneta de serviço militar e, como estas, há inúmeras disposições evidentemente impraticáveis.

Já que as *Comissarías* do Caquetá, Putumayo e Amazonas constituem uma unidade geográfica indivisível, parece lógico que todas elas constituíssem uma só unidade política, a exemplo do que ocorre com a Amazonia brasileira, que forma o Estado do Amazonas, e no Perú, com o Departamento de Loreto, que encerra, dentro de seus limites, a unidade geográfica de sua Amazonia (8). As vantagens de todo

(8) — A repartição política do território colombiano, em departamentos, intendências e comissarías, difere totalmente da repartição política do território brasileiro, em que as antigas províncias geraram os atuais estados e o aparecimento do território, com o Acre, foi circunstancial. A estrutura tradicional colombiana permite uma ação mais direta do governo central nas zonas fronteiriças. A nossa mantida a repartição do estado, não facilita essa ação direta. A criação, dos territórios, ato recente, encontrou não poucas resistências, de vez que já se criava uma tradição estadual acentuada. Ao contrário dos Estados Unidos, for-

genero e a economia que representaria a administração dessa região são evidentes. (9).

mados pelo processo de integração sucessiva, passando os territórios a estados, o Brasil formou-se por diferenciação progressiva, separando-se os estados mais recentes dos mais antigos.

(9) — A importância da Amazonia Colombiana é relativamente recente. Tavares Bastos, estudando, na época da luta contra o Paraguai, o problema da livre navegação do vale amazonico, não chegou a detestar na apreciação dessa faixa fronteiriça, estendendo-se em considerações em torno do que se referia às faixas peruana, boliviana e venezuelana. O tema, pois, exige novos estudos, e o depoimento da testemunha direta é dos mais interessantes. Tanto mais interessante quanto se apreciar a posição relativa da Colômbia e do Brasil, no comércio sul-americano, bem inferior ao que a vizinhança faria prever. Porque a faixa de vizinhança era zona morta. Hoje, que ela é viva, conforme se verifica do artigo acima, novas condições foram criadas para esse tráfico, restando incrementá-las.

## Companhia Docas de Santos

O relatório da Diretoria da Companhia Docas de Santos, apresentado, com o respectivo parecer do Conselho Fiscal, à Assembléia geral de 30 de abril último, enumera as dificuldades que aquela Administração enfrentou no exercício de 1945, todas elas oriundas ainda da guerra mundial e suas consequências nos setores de transporte, quer marítimos, quer terrestres, com reflexos no tráfego do porto de Santos.

A irregularidade na chegada de navios, que viajam sempre em comboios, e a deficiência de combustíveis, motivaram falhas e atropelos inevitáveis, apesar da atenção da Administração da Companhia, que, para bem servir ao público, prosseguiu na realização de obras novas, tais como: o alargamento da faixa do cais para 30 metros, cuja segundo trecho, entre a curva de Páquetá e o canal do mercado, foi concluído; a conclusão e consequente utilização do trecho de 150 metros do novo cais de Sábio e o inicio da construção de outro trecho de 150 metros; a aprovação finalmente pelo governo, de uma relação-programa das aquisições e obras novas consideradas indispensáveis ao movimento que se pode esperar em futuro próximo.

Pelos demais elementos fornecidos pelo relatório, verifica-se que a Diretoria das Docas de Santos apresentou resultados devêras auspiciosos no exercício de 1945.

# A Importância Continental das Ferrovias Bolivianas

Cap. NELSON MAURELL SALGADO

Terminada a Guerra do Pacífico (1789-93), ficara a Bolívia com a sua estrutura geo-política completamente modificada. Fôra-lhe arrebatado todo o litoral oceânico, com os portos de Antofogasta, Mejillones, Cobija e Tacopilla, e mais o rico território de Atacama, um dos motivos da riqueza atual do Chile (é só olhar as estatísticas chilenas, para ver o que o salmeiro de Atacama representa na sua economia).

Transformada assim em um Estado mediterrâneo, tal como o Paraguai, sem acesso direto ao mar, a Bolívia só restava um único recurso: desenvolver ao máximo o seu sistema ferroviário, de forma que, uma vez realizado o enlace das suas linhas com as dos países vizinhos, pudesse chegar às vertentes do Pacífico e do Atlântico.

Surge aqui, mais uma, o interesse econômico, ou melhor a luta pela hegemonia do comércio boliviano, para facilitar a realização do seu plano ferroviário.

Isso porque, se compararmos o estado atual do mundo com os períodos anteriores, o que primeiro salta à vista é a interdependência de suas partes. E esse resultado foi obtido pelas vias férreas e oceânicas, que unindo, mais ou menos, estreitamente, distintas regiões do globo, umas com as outras, estabeleceu o princípio de dependência econômica materializado no intercâmbio de produtos como sóe ser as matérias primas, petróleo, alimentos.

Na América do Sul, tal como em outros continentes, não há país algum que se baste a si próprio. Se as relações comerciais não são mais ativas, têm sido unicamente pela deficiência dos meios de transporte, pois as vezes é mais compensador o intercâmbio extra-continental, do que aquele que se poderia levar a efeito no nosso próprio hemisfério.

Dispõe a Bolívia de grandes ocorrências petrolíferas, ainda nos primórdios de sua exploração, e sendo o Petróleo imensamente necessário a maioria dos países sul-americanos, é natural que para ela tenham se voltado a atenção dos seus vizinhos, onde reparam o Brasil e a Argentina.

Esse interesse, no entanto, demonstrado pelos seus vizinhos, não tem entibeadado a Bolívia. Até pelo contrário, tem se mostrado extremamente sagaz em sua política externa. Sem denotar preferências, concorda com os demais países acôrdos que lhe são imensamente vantajosos. E, assim procedendo, aos poucos vai recuperando o muito que perdeu desde que se viu alijada das costas do Pacífico. Hoje graças à visão política dos seus dirigentes, dispõe, através territórios do Perú, Chile, Argentina e Brasil de bons portos sobre os dois oceanos que banham a América.

A um simples golpe de vista sobre uma carta da Bolívia, constata-se que o feixe principal de suas comunicações diz respeito ao Altiplano, o que está em concordância com o atual valor econômico dessa região onde vivem 4/5 da população boliviana.

Após estodarmos as ferrovias que se desdobram na parte ocidental da cordilheira, voltaremos nossa atenção para Santa Cruz de La Sierra, região por excelência do petróleo boliviano, e que por estar quasi no limite do altiplano com a planice, próximo a fronteira do Brasil, merecerá de nossa parte maior estudo devido a importância de que se reveste para nós.

#### Sistema ferroviário.

A linha tronco é a que se desenvolve entre Antofogasta e La Paz, com os seus 1.000 quilômetros de percurso. Desses, cerca de 500 quilômetros, estão em território boliviano, e as principais cidades servidas são Ollague, Uyuni, Oruro, Viacha e La Paz. De grande importância é esse trecho ferroviário, pois põe a Capital a 24 horas do porto Chileno, bem como sobre ele vem entroncar-se os principais ramais das demais linhas existentes.

Assim temos:

1 — O ramal de Tupiza, que começa em Uyuni e corre, para o Sul, indo por Tupiza ao encontro da linha argentina que por La Quiaca veio soldar-se ao sistema boliviano. O projeto argentino é de alcançar mesmo Santa Cruz, via Yacuiba, para servir a parte oriental do país, antes de qualquer ligação desta zona com a rede brasileira. Essa via férrea, após vários avanços e recuos terminou por ser definitivamente assentada em importante acôrdo boliviano-argentino.

2 — O ramal de Potosí (Rio Mulato) que passa a Cordilheira de Los Frailes, a 4.820 metros de altitude, atravessando uma riquíssima região mineira (prata, estanho, etc.). São apenas 174 quilômetros mas custaram mais de um milhão de libras; o prolongamento desta linha já alcançou Sucre.

3 — O ramal de Cochabamba, terminado em 1917, atravessa uma zona difícil, mas muito fértil. O ponto visado pela linha será um porto fluvial no Mamoré. A finalidade econômica deste ramal não pode dis-

tanciar-se muito da drenagem do comércio do nordeste boliviano para bacia amazônica, por um dos tributários do ria Madeira, e para a fronteira matogrossense a que já atingiram os trilhos da E. F. Noroeste do Brasil.

Atualmente, porém, La paz é mais facilmente alcançada pela E. F. Arica-La Paz, construída pelo Chile, em cumprimento de seu acordo de 1904, com a Bolívia. São 439 quilômetros dos quais 233 em território boliviano, que deixou a capital a 12 horas do litoral, em vez das 24 horas que leva a estrada de ferro de Antofogasta.

Outro meio de chegar a La Paz é via Mollendo, Arequipa e Puno, daí pelo lago Titicaca até Quaqui que se acha ligado a La Paz por 100 quilômetros de linha férrea ou utilizando o trecho já construído de Puno a Quaqui, que contorna o Titicaca na direção geral do N. O. para S. E.

Como acabamos de ver, o traçado do sistema ferroviário da Bolívia, na região ocidental do altiplano, caracterizado pela penetrante Quaqui-Tupiza, e pelas transversais La Paz-Arica e Uyuni-Antofogasta, interessa principalmente aos contatos da zona Centro e Sul do País com os portos do Pacífico e com os do Prata, os quais têm merecido, pela facilidade que oferecem, a preferência para o escoamento de sua produção..

Mas, como é evidente, são essas linhas insuficientes ao desenvolvimento da Bolívia.

Outras regiões do País, de acentuado interesse econômico, até hoje, nada significaram em sua balança comercial, devido a falta exclusiva de transporte.

Eis porque, a fim de propiciar o desenvolvimento dessas regiões, as pontas dos trilhos do ramal de Cochabamba já chegou a Arancí e os do ramal de Potosí a Sucre e, no momento, leva-se a cabo a construção da ligação Corumbá-Santa Cruz de La Sierra, de que ultimamente voltaremos a falar.

Não podemos deixar de mencionar a ligação Yacuiba-Santa Cruz, ora em fase de realização, para que melhor se compreenda o objetivo em vista, que outro não é senão o de incorporar o Oriente à vida econômica da Nação.

Vê-se, assim, que a Bolívia apesar de contar apenas com 2.300 quilômetros de estrada de ferro, está ligada, no momento, ao Peru, Chile e Argentina e, em futuro próximo, disporá de mais uma ligação de caráter continental com o Brasil, quando os trilhos de Corumbá atingirem Santa Cruz.

Ademais cumpre ressaltar a importância que o sistema ferroviário boliviano representa nas comunicações continentais, pois as liga-

ções da Argentina com o Perú e, dentro em breve, as do Brasil, com aquele País e o Chile, far-se-ão através de suas linhas.

Seria incompleto o estudo da viação boliviana sem a menção dos 366 quilômetros de nossa E. F. Madeira-Mamoré (resultante do tratado de Petrópolis), estrada exclusivamente brasileira, que vencendo enormes obstáculos e dificuldades, permite à região do Beni ter uma saída pela Amazônia, evitando as quedas e os rápidos do Madeira (Vila Bela-Santo Antônio).

Quando fôr construída a linha boliviana ligando La Paz ao Madeira, essa Capital ficará a 26 dias da Europa, via Madeira, Amazonas e Pará.

A importância dessa ferrovia brasileira resulta do fato de oferecer uma saída pela bacia amazônica dos produtos bolivianos, em particular, da borracha, e contrapôr-se e ação polarizadora que a bacia platina exerce no comércio da Bolívia, através das ferrovias argentinas.

Propositadamente, como aludimos acima, deixamos para encerrar o nosso trabalho o estudo da ligação Brasil-Bolívia, que por ser de interesse nacional, bem merece, destaque especial, no quadro das comunicações bolivianas.

A ligação Brasil-Bolívia, materializada pela estrada Corumbá-Santa Cruz de La Sierra, é uma das nossas mais expressivas realizações em matéria de comunicação. A projeção econômica e política dessa estrada de penetração, é pela sua própria expressão — Continental, pois ela não interessa sómente os países que diretamente vão se beneficiar da sua construção. Interessa, também, vários outros países sul-americanos, que poderão, para o futuro, ligarem-se com os pontos do Atlântico, estabelecendo assim um mais íntimo intercâmbio entre os centros produtores das duas vertentes oceânicas.

Veio a guerra, com a consequente perda dos mercados de ultramar, provar, mais uma vez, a necessidade de uma maior cooperação econômica entre os países sul-americanos.

Sómente um intensivo intercâmbio comercial compensará, em parte, a exclusão do comércio exportador e importador dos outros Continentes, em virtude da eclosão de um conflito mundial.

Dai, o valôr sem par, da obra ora em conclusão, e que virá aproximar ainda mais, duas das nações americanas, que pela diversidade das suas produções estão destinadas a realizarem um entendimento comercial, altamente expressivo para as suas economias.

A Bolívia, necessita para o bem estar da sua população, muitos dos artigos por nós produzidos em larga escala, e o Brasil carece do petróleo boliviano para a movimentação do seu parque industrial e do seu sistema de transportes.

Este o lado econômico do problema.

Mas o político não deixa de ser, no entanto, imensamente interessante, dada a sua repercussão no sistema das comunicações americanas.

La Paz, capital da Bolívia, liga-se pelas suas ferrovias com o Peru, Chile e Argentina, que por este motivo exercem grande influência sobre a produção boliviana.

Como porém a vertente atlântica é a mais importante, a ligação ferroviária de Tupiza, onde os trilhos argentinos se unem às linhas da Bolívia, concorre como é natural, para o predominio das comunicações platinas sobre as demais.

Exerce, assim, a República Argentina, uma certa preponderância nas necessidades de ligações da Bolívia com os mercados de ultra-mar.

Se por um lado, é esta ligação com o Prata um bem e um impreparativo que lhe foi imposto pela sua situação geográfica, não deixa, por outro, de lhe ser um tanto prejudicial à sua economia, dada a dependência que se encontra das estradas argentinas, para lançar sobre o Atlântico, a produção do país.

Isto porque, as ligações que a Bolívia mantém com o Peru e o Chile, afora o intercâmbio comercial que lhe facilita com êsses países, não lhes são as mais interessantes.

Estão aqueles países vinculados à vertente do Pacífico, quando à Bolívia interessa também a ligação com a vertente atlântica, dada a sua importância como feixe de circulação marítima.

Depreende-se, por isso, as razões da ação carreadora da bacia do Prata, que abaixo do Capricórnio, lança-se no Atlântico.

Apezar do artificialismo da ligação da bacia do Prata com o planalto boliviano em face de espontaneidade da bacia amazônica, que está em condições de levar diretamente os produtos da Bolívia para o Atlântico, não há negar, o predominio da primeira sobre a segunda, em virtude da incipiente das comunicações desta última.

Não obstante, a Bolívia deseja ter outros portos do Atlântico para o seu comércio mundial, além do bem aparelhado porto de Buenos Ayres. E nesse sentido tem empenhado todo o esforço de sua política de comunicações, hoje, satisfatoriamente, em parte, resolvido, com a ligação Corumbá-Santa Cruz de La Sierra, que completada pela de Santos a Corumbá, já existente, permitirá a Bolívia a utilização do mais importante porto brasileiro.

Santa Cruz — Sucre — Cochamba constituem o chamado triângulo econômico da Bolívia, dada a riqueza do planalto sobre o qual se assentam estas três cidades.

No momento, apesar de Santa Cruz ser pelos seus recursos econômicos a região naturalmente indicada para se tornar o maior empório comercial do nordeste boliviano, é Cochabamba quem desfruta a

situação de verdadeiro centro polarizador de toda a zona em apreço, em virtude da sua posição central e das ligações ferroviárias que mantém com o Chile, Perú e Argentinâ.

Evidente, portanto, o valor da estrada Santa Cruz-Corumbá, que não só beneficiará a promissora região cisandina de Santa Cruz, como também favorecerá o intercâmbio comercial entre o rico planalto boliviano e o maior centro industrial brasileiro — São Paulo.

São Paulo, está em condições de suprir a Bolívia da maioria dos artigos de que se ressente à produção, que a não ser a mineira, ainda é bastante fraca.

Da Bolívia, receberemos, por outro lado o petróleo de que tanto carecemos, dado o desenvolvimento industrial que vem alcançando o país, nesta última década.

É o petróleo matéria prima imprescindível à civilização hodierna brasileira, tornando-se desnecessário, salientar o que para o Brasil corresponde a aquisição do petróleo da Bolívia.

As prospeções levadas a efeito na região de Santa Cruz e leste do país, são as mais promissoras possíveis. Teremos ahí a fonte supridora das nossas necessidades.

Não é sem razão, que Santa Cruz, é tão visada pelo comércio da Argentina e do Brasil, como se observa, pelo estudo das ferrovias internacionais que alcançam a Bolívia. (Yacuibá-Santa Cruz, Corumbá-Santa Cruz).

A estrada Santa Cruz-Corumbá tem 680 quilômetros de extensão. Destes, 180 já foram entregues aos transportes de passageiros e de carga, através regiões que ainda eram pantanosas e inhóspitas.

Carmem, Santa Ana, Santiago, São José de Chiquitos, localidades bolivianas, hoje, completamente desligadas dos núcleos econômicos da Bolívia, serão largamente beneficiadas pela ferrovia internacional.

É de se esperar que ainda em futuro próximo tenham se transformado em cidades prósperas, dado o papel civilizador das estradas.

O meio capaz de quebrar o moral do adversário, de mostrar-lhe que sua causa está perdida, é a surpresa, no mais amplo sentido da palavra:

— empregar na luta qualquer couça de "inesperada e de terrível" (Xenofonte); "tudo quanto é inesperado, é de grande efeito" (Frederico);

— tirar ao inimigo a possibilidade de refletir e, por conseguinte, de discutir. (Foch).

# SÔBRE GENGIS CAM

Pelo Cel. "J. B. MAGALHÃES

"He was one of the greatest instruments of destiny, one of the most remarkable molders of the fate of nations to be met with in the history of the world." (Boulge, citado por Mary A. Nourse em "A Short History of the Chinese.")

## I

### PREAMBULO

A influência da geografia nos destinos da humanidade foi o fator preponderante no decorrer das eras ainda não industriais. Desde que a indústria se tornou grande produtora e ampliou suas possibilidades, consequentemente à utilização das matérias primas jacentes no solo e da energia carbonifera, o conhecimento geológico tornou-se imprescindível para a compreensão do progresso dos diversos agrupamentos humanos. De resto, a geologia veio juntar-se à geografia e até explicá-la.

Nenhuma interpretação valiosa, portanto, dos fenômenos da sociedade humana poderá ser feita nos tempos modernos sem assentar em tais conhecimentos, mas para a era de Gengis Cam, só a geografia não pode deixar de ser tida em consideração.

No entanto, tanto hoje como ontem, para a melhor compreensão dos diversos aspectos da humanidade, faz-se mistér juntar o conhecimento do que se criou e acumulou na alma dos povos, pelas atividades da vida, isto é, pela luta para a conservação da espécie, as informações da história.

É tendo em consideração tais verdades que vamos nos ocupar de Gengis Cam, a personagem mais impressionante da Ásia e que exerceu lá, e no quadro da civilização universal, um imenso papel histórico, notadamente para o que entende com as relações entre o Oriente e o Ocidente. Sua ação repercutiu sobre o Ocidente, diretamente através da Rússia que seus descendentes conquistaram e onde dominaram cerca de três séculos e, indiretamente, pelo estímulo causado às navegações dos séculos XV e XVI, em virtude das narrativas de Marco Polo, o ousado viajante que, com seu pai e tio, visitou aqueles povos no século XIII, isto é, quando a obra política e militar de Gengis Cam, está em toda a sua florescência.

Até há pouco tempo, Gengis Cam, apreciado sempre envolto em fábulas, não tinha sua compreensão generalizada. Só os versados em cousas orientais o conheciam bem.

A partir da primeira grande guerra mundial, porém, surgiu um maior interesse pelo que fizera, o qual ainda agora se desenvolve.

É que o temor das empresas gigantescas para as tentativas de domínio do Mundo, despertou as atenções para o es tudo dos grandes conquistadores e Gengis Cam foi o maior deles. Foi o homem que impôz o seu poderio na maior extensão de terras à maior população, no decurso de toda a história.

Alexandre e Julio Cesar, a esse respeito ficam-lhe inferiores. Ele, porém, não se mostra menor que nenhum gênio guerreiro, incluindo Aníbal, Frederico e Napoleão, além dos dois anteriormente citados, e do ponto de vista político, realiza obra original a qual só encontra similar na de Roma, terminada por Julio Cesar. O imenso império que soube criar pela amalgama de povos em graus de civilização diferentes, durou cerca de três séculos.

A meditação, portanto, de sua história merece ser feita, pois daí se podem colher os mais uteis ensinamentos.

E' o que justifica êste ensaio. Nêle, depois de havermos fixado as características principais do quadro geográfico e humano da época de Gengis, procuraremos acompanhar as grandes fases de sua vida e de sua ação, para terminarmos citando apreciações de conjunto a respeito de sua obra.

## II

## IDÉIA GERAL SÔBRE A ASIA (1)

O imenso continente asiatico pode ser amarrado, como o faz Renner, a um triângulo que tendo um vertice em Singapura terá os dois outros, no Cabo Norte, a Oeste, a cerca de 10.000 kms; e no cabo Este, ao Oriente, a igual distância. A linha de Singapura ao cabo Cheluskiu, mais ou menos no centro, teria uns 9.000 kms em reta, o que mostra o alargamento maior do continente no sentido Leste-Oeste.

Constitue-se êle da massa de terras mais elevada do mundo, pois sua altitude média, bem maior que a da América, é da ordem de 1.100 ms, duas vezes mais que a da África e três vezes a da Europa, arredondadamente.

No interior, como todos os continentes aliás, apresenta elevações e depressões sem nenhuma coordenação. As altas terras do Tibet e do Pamir dominam as depressões deserticas do Sobi, que lhe ficam ao Norte. Essas suas maiores elevações correspondem também, como nos outros continentes, à vizinhança do mar onde há as maiores profundidades, colocando-se, portanto, para o Sul e Leste.

A Asia parece um continente fechado. Massa de terras muito larga, montanhas muito altas, recortes de costas pouco acentuados. Assim, ao contrário do que se passou na Eu-

(1) — As noções aqui consignadas foram extraídas, principalmente das obras de George T. Renner — *Global Geography*, e de *l'Évolution de la Terre et de l'Homme*, de Lespagnol.

ropa, sua civilização se desenvolveu sem grande influência do mar.

Outra sua característica peculiar é o clima. Regiões geladas nas montanhas e ao Norte, contrapõem-se às do Sul onde imperam os grandes calores. A ação reguladora do clima que o mar exerce, só se manifesta em extensão relativamente muito diminuta de suas terras. Na Ásia Central e mesmo ao Sul, o clima é *excessivo ou continental* com bruscas e grandes variações de temperatura.

Tudo isto contribuiu certamente para que a civilização que aí se desenvolveu fosse diferente e se mantivesse isolada da do Ocidente, até que os interesses econômicos e comerciais levassem a quebrar esse isolamento. No início o comércio centralizava-se no Mediterrâneo e depois no Índico. Com a descoberta da América e o descobrimento do caminho das Índias pelo sul da África, surgiu a importância comercial do Atlântico. Por fim, já em décadas avançadas do século XIX, o Pacífico tornou-se teatro da maior importância para os interesses dos grandes negociantes.

Mas mesmo assim e apesar da penetração pela via ferrea, o interior da Ásia parecia, até ainda há pouco, isolado do resto do Mundo e sem influência na marcha dos acontecimentos terrestres.

Só agora, depois da Revolução Russa, e em virtude da navegação aérea, conhece-se melhor a Sibéria que se integra na civilização industrial e o Oceano Ártico que adquire importância antes insuspeitável.

A região central da Ásia polariza agora interesse estratégico capital, para qualquer plano de domínio mundial, como assinala Renner: *Why —* perguntaria ele a George Washington, se este por acaso ressurgisse, sem que pudesse responder-lhe, em virtude do grau de conhecimentos de sua época — *is the control of the Russo Chinese herthland essen-*

*tial to the success of any plan for world military domination?"*

\* \* \*

As origens históricas da Ásia são profundas e misteriosas. As raças diversas que a habitam, amarelas em grande parte, evoluíram sem ligações com o Mundo Ocidental e desenvolveram civilizações coexistentes em diversos graus de evolução.

Enquanto que já na China, progredia uma enorme população milenarmente sedentária e em avançada civilização, ao Norte e a Oeste, ocupavam vastos territórios numerosos povos de diversas raças, ainda em estado nomada.

No século VI de nossa era, diz H. G. Wells (2), "o Mundo, do Danubio às fronteiras chinesas, era ainda largamente um mundo nomada, com vilas e cidades espaçadas, aqui e ali, sobre as principais estradas comerciais".

Entre êstes povos nomadas interessam-nos aqui os mongois, os antigos habitantes do Gobi, elevado planalto, batido pelos ventos, com seus lagos enfeitados de juncos, seus ares cheios de lendas, sua noite clara e seus dias nôrdicos.

Os filhos do Gobi nasciam e viviam no sofrimento. Alimentavam-se, logo após deixarem o peito materno, com leite de egua e, ainda em tenra idade, já lhes cabia satisfazer as próprias necessidades alimentares, quasi que por si sós.

Não tinham lá os jovens as vantagens que os de hoje desfrutam na sociedade ocidental. Na família, a preeminência cabia aos homens feitos, os guerreiros; dêles era o lugar mais próximo do fogo, em regra, feito pela combustão do escremento do gado. Os jovens acomodavam-se como podiam, depois das mulheres.

Nas refeições, preparadas e servidas em comum na tribo, os guerreiros serviam-se primeiro, os velhos e as mulheres, em seguida, arranjando-se os mais jovens com as sobras, como podiam.

(2) — História Universal — Trad. de Anísio Teixeira.

Nas épocas de bôa caça e fartura de leite, tudo ia bem. No inverno, o sustento era mais difícil. Do muito lhes valia, então, o hábito de guardarem o leite em surrões de couro, e reservas de milho que comiam cosido. Não raro, o recurso era o ataque aos vizinhos para lhes furtarem os meios alimentares guardados, o gado e os equinos. As crianças caçavam ratos e cachorros a pau e flecha; e ovelhas, agarrando-se às lâs.

O lar era uma *tenda* montada sobre rodas. Isto facilitava o deslocamento daquêles povos sempre oscilantes entre as suas pastagens de inverno e de verão.

Nesses deslocamentos os jovens pescavam e cuidavam dos cavalos da *horda*. Cibia-lhes também procurar os caminhos na neve para as incursões o que os forçava, como as caçadas de inverno a passar muitas noites em pleno campo e sem fogo; a comer o que levavam para muitos dias, a passar dias seguidos sem alimentos cosidos e até sem alimento algum.

As diversões nesses povos eram constituidas principalmente de corridas de cavalos em percursos de muitos quilômetros e em jogos equestrês nos quais as vezes uns perdião a vida e outros quebravam os ossos.

Não usavam os nomadas formas cortezes de agradecimentos pelo que se lhes fazia, mas a retribuição do bem ou do mal era entre êles causa sagrada. Para o desfôrço ou vingança, as vezes aguardavam anos a espera de uma oportunidade.

Na sua vida a importância do cavalo era das maiores. Nêle tinham o meio de condução, a arma de combate, o instrumento de seu desporto e até recurso alimentar. Nos grandes apertos da fome em suas marchas ou deslocamentos rompiam-lhe uma veia, sugavam um pouco de sangue e depois fechavam-na.

Vivendo oscilantes entre as suas terras de verão e de inverno não podiam os povos nomadas ser muito numerosos, por isso, tinham o costume de não fazer escravos, liquidando os inimigos que lhes caíam nas mãos.

## III

## NASCIMENTO E INFANCIA DE GENGIS CAN

"The original home of the Mongols is believed to be in what is now Siberia in a region southeast of Lake Baikal, and the Mongols are thought to be descendants of the Huns and thus related to Attila, the Hun, devastator of North Europe in the fifth century". (A Short History of the Chinese — by Mary A. Nourse).

Na região Sudeste do lago Baical, na atual Sibéria foi que nasceu Gengis Cam. Chamou-se então Temujim. Seu pai que fazia um raide feliz contra uma tribo dêsse nome quando élê nasceu, por isto, assim o denominou.

Sua mãe era bela e fôra raptada por seu pai noutra incursão contra outra tribo vizinha.

Temujim vira a luz numa tenda montada sobre rodas que se deslocava puxada por várias juntas de bois e cujo ornamento eram cestas com atavios femininos, armas pendentes das paredes, cimitarras a turca, lanças, arcos, flechas e escudos de couro envernizado.

Creou-se como os de sua idade, pescando, caçando, guardando os cavalos da tribo, pesquisando pistas na neve, etc.. Fez incursões com o seu pai. Adquiriu fama de ser bom para vêr longe e muito se distinguiu por sua resistência e força física.

Nunca possuiu bôas maneiras mas desde cêdo se fez notar por seus corretos procedimentos.

De olhos verdes, o que o ligava a uma famosa origem de nobreza rústica daquelas terras, tinha cabelos vermelhos caídos sobre os ombros.

Cêdo mostrou-se admirador de tudo que era belo. Ainda menino na tenda de um guerreiro, onde com seu pai se hospedara, viu a filha deste, criança ainda de 9 anos, Houtai, e logo perguntou se a podia ter por mulher. O pai de Houtai respondeu satisfeito que ela era ainda muito nova. Mas Temujim replicou que seria bela! . . Mais tarde, quan-

do a idade de ambos permitiu, desposou-a. Foi depois da morte de seu pai. Morte trágica. Envenenaram-no seus inimigos, por traição, abusando da hospedagem que lhe haviam dado.

Chamado, Temujim, que ficara na horda, veio vê-lo sem perda de tempo, mas ao chegar já o encontrara morto. Tinha então trése anos de idade. Era muito jovem para chefiar a tribo.

De regresso à sua tribo, onde a notícia da morte do pai já era conhecida, muitos chefes de família haviam abalado para se acostarem a outro estandarte. Poucos ficaram fieis. Precisavam, diziam, de quem os protegesse e não podiam acreditar que um menino ainda sujeito à sua mãe, pudesse fazê-lo eficientemente, embora Houtai fosse mulher de escól.

Nem esta, porém, nem Temujim desanimaram. Trataram logo de se pôr em segurança, pois sabiam que o momento era asado para as vinganças. Reuniram os que lhe ficaram fieis e ganharam o deserto.

Desde então, iniciou-se luta tremenda que foi para o jovem Temujim arduo mais fecundo aprendizado. Os adversários ou oprimidos por seu pai iam procurar vingar-se, bem sabia él. E isto é cousa sobre que nenhum nomada tinha dúvidas.

Desde o tempo de seu avô que, como seu pai, chefiara os mongois, os melhores campos do Gobi, que se extendem do lago Baical às montanhas que bordam a Mandchuria e ficam entre os ferteis vales do Querulou e do Onom, tinham sido tomados por êles com sujeição ou opressão das tribus que os habitavam.

Os movimentos de reivindicação não se fizeram, pois esperar. Um tal Tagurtai, chefe dos taidjuts, figadais inimigos dos mongois, declarou logo assumir a liderança no Gobi e atraiu a si a maioria dos que outrora obedeciam ao pai de Temujim.

Não tardou a invasão. Milhares de cavaleiros galopam pelo habitat mongólico envolvendo as hordas. Tagurtai em pessoa procura Temujim para livrar-se dêle ou sujeitá-lo.

O menino era caçado. Procura escapar-se com os seus poucos amigos, mas, ao cabo, de algum tempo, Temujim, cuja família tomara rumo diferente em busca de esconderijo nas montanhas, cai prisioneiro. E' cangado e levado para a horda de seu perseguidor.

Ai fica, sob a vigilância de um guarda até a noite, quando aproveitando a oportunidade, esmaga-lhe a cabeça com uma ponta da canga e se evade. Assim mesmo com suas peias, ganha a floresta. Notando que era perseguido procura ocultar-se num rio entre os juncos que o margeiam. Só a cabeça deixara de fóra, mas, apesar disto, um dos perseguidores o percebeu. Não o denunciou, porém. Tudo Temujim notou. Vendo-os afastarem-se seguiu-lhes no rastro e foi ter direito à tenda daquele que o reconheceria mas silenciaria. Era uma dívida de gratidão que se saldava.

Foi por êle acolhido, mas êste, sentindo a situação difícil e perigosa em que ficara, tratou de livrar-se dêle. Liberou-o da canga e o escondeu numa carreta carregada de lã até que o avançado da noite permitisse ao prisioneiro melhor se evadir. Houve um momento de medo. Os guerreiros que se recolhiam de suas infrutíferas buscas sobre o fúgitivo, ao chegar, por desporto, fisgavam as lanças na lã e uma delas feriu Temujim. Este, porém, nem siquer teve um gesto de defesa. Tudo suportou em silêncio.

Depois o seu protetor deu-lhe um cavalo, algum alimento e um arco com duas flechas e o jovem partiu a juntar-se aos seus.

Encontrou sua horda bem organizada. Sem perda de tempo começou a preparar a reação. Visitou as tribus fieis que estavam dispersas e reclamou o tributo que era devido à sua família: ovelhas, gado e cavalos. Não procurou o auxílio de chefes poderosos mesmo seus parentados. Não queria aparecer-lhes como um pedinte sem nada lhes poder ofer-

recer, e assim ficar em situação de absoluta dependência dêles. Não exceptuou mesmo o famoso Prestes João da Ásia.

Entrementes os poucos cavalos que conseguira reunir foram roubados. Partiu logo em pessoa a buscá-los, no que levou vários dias, mas tais cousas fez que, daí em diante, começou a criar fama e a infundir respeito e inspirar confiança.

Esse acontecimento marca o início de sua carreira afortunada. Em breve, suas fôrças começavam a ser temidas. Não era mais o menino de 13 anos. Havia-se feito um intrépido jovem de 17 anos, disposto a desempenhar denodadamente seu papel de chefe e a reconstituir a herança de seu pai, sem nenhuma hesitação ou desfalecimento, usurpada pelos que se rebelaram.

Sentindo-se suficientemente forte vai em busca de Bourtai, a sua mulher, a menina de 9 anos que vira havia quasi um lustro passado. E' bem recebido, com as costumeiras cerimônias e festas. Toma-a consigo, a cavalo, depois de persegui-la e procurá-la conforme a pragmática e a leva envolta pela cintura, raptada simuladamente.

Bourtai era a sua primeira mulher. Outras mais tarde lhe veriam fazer companhia, ela, porém, é que seria a *Imperatriz*, a mãe de três filhos, a quem o pai deixaria o maior império que já houve no mundo, sob uma só corôa, sujeito ao poder absoluto de um só homem.

## I V

### EM MARCHT PARA O DOMINIO DO MUNDO

"... his skill in military strategy and in direction of large armies over long distances ranks him with Alexander, the Great, Hannibal, Julius Cesar." (A Short History of the Chinese — Mary A. Nourse).

Temujim não gosou tranquilamente sua lua de mel. Inesperadamente, uma das tribus vítimas de seu pai, dezoito anos passados, cai certa noite sobre seu arraial e lhe arrebata Bourtai. Era a tribo de onde seu pai roubara sua mãe.

Temujim, passada a surpresa, reune suas fôrças e procura aliados. Juntos atacam o campo dos invasores numa noite de luar e os destroem. Bourtai volta aos seus braços, trazendo-lhe a incerteza sobre a paternidade de seu primeiro filho. Ele porém, procedeu sempre como se cousa alguma de anormal houvesse ocorrido a êsse respeito.

Depois prosseguem as pequenas lutas nas quais leva sempre o melhor partido, embora várias vezes a sua vida haja corrido risco sério. Mas seus êxitos inspiram confiança e trazem-lhe adeptos. Não demora a ter sob suas ordens um pequeno exército de cavalaria de 13.000 homens. Então, trava a sua primeira batalha.

Foi quando em busca de suas pastagens de inverno, o seu pequeno exército viu-se atacado por 30.000 taidjuts guiados por Tagurtai, aquele que primeiro o perseguiu.

Estavam em meio de um vale quando Temujim foi informado de que os seus inimigos surgiam no horizonte. Que fazer? Recuar seria sacrificar as mulheres, os gados, todos os bens das tribus. Avançar seria o risco de ser envolvido por adversários quasi três vezes mais numerosos.

Temujim sabe encarar os acontecimentos e decidir conforme as circunstâncias, adotando a melhor solução. Dispõe-se para a batalha. Escolhe um terreno que lhe facilita apoiar um flanco num bosque. O outro flanco, que fica a descoberto, protege-o com um quadrado feito por suas carretas onde estavam as mulheres e em cujo interior encerra o gado. O todo seria protegido pelos jovens armados de flechas.

No centro da frente de batalha, dispoz os seus guerreiros em linha dupla de esquadrões a dez homens de fundo.

Os adversários confiantes na sua superioridade numérica, aproximam-se impetuosamente. Temujim recebe-os com uma carga furiosa efetuada por formações profundas, numa frente relativamente estreita. Rompe a massa dos cavaleiros inimigos. Esfacela-a. É uma terrível luta de estepe. Cada esquadrão bate-se como se estivera isolado. Dispersos pela galopada infrene, logo se refazem e tornam a carregar.

Assim pelejaram até o cair do sol, sem que o jovem chefe cedesse terreno. O inimigo, ao contrário, foi forçado a recuar deixando no campo seis a sete mil mortos e, prisioneiros dêle, cerca de setenta chefes. Fôra uma explendida vitória.

Temujim dera com isto o segundo passo decisivo na sua carreira de chefe. A vitória retumbando longe no deserto, grangeia-lhe fama e numerosos aderentes.

Suas preces surtiam efeito: "Céu infinito, favorece-me; dá-me a amizade dos espíritos dos altos ares, mas dá-me homens na terra que me ajudem."

E os teve a farta porque se fez forte e os sabia atrair e escolher.

No deserto os clãs vagabundos discutiam os sucessos e os méritos do novo chefe. Sua habilidade guerreira e liberdade os seduziam. Numerosas tribus vem colocar-se sob sua proteção e serví-lo.

Em pouco tempo, grande se tornou o seu povo e, em sua corte, agora constituída, figuravam já nomes famosos naqueles mundos: Borchu e Kassar, Argum, o lutador e cancionero, Boiam e Muhuli, experimentados caudilhos, e Soo o grande arqueiro. Eram no Gobi cognominados a *furia da torrente*.

A êstes e outros, Temujim utilizava e sabia fazê-lo conforme os seus méritos reais. Julgava com acerto e segurança. De Jussitai, um dos mais impetuoso chefes da sua cavalaria, disse certa vez: "Ninguem é mais valente. Mas, porque não se fatiga, nem sofre fome ou sede, não comprehende as necessidades dos subordinados e dos animais. Não sabe poupar as suas fôrças".

Calmo, equilibrado, arguto, energico e juticeiro, dominava com inteligência e facilmente os homens e os acontecimentos. Dia a dia, aumentava seus bandos e disciplinando-os, submetendo-os e instruindo, acrecia o seu poder.

Em pouco, era chefe de cem mil tendas. Atingira os trinta anos na plenitude de suas fôrças, físicas morais e militares... Restaurara a sua herança e até a ampliara.

Agora queria muito mais. De uma feita, externou-se aos do seu conselho: "Nossos antepassados sempre disseram que um corpo não pode ter duas cabeças e diversos corações. Será a minha lei. Minha autoridade se extenderá a meus vizinhos".

Reuniu, então, todos os nomadas sob sua bandeira numa federação de tribus, tornando-os súditos seus. Foi isto relativamente fácil mas exigiu dele muita argúcia. O ponto crítico da questão eram os Caires povo forte, numeroso e rico que obedecia ao Prestes João da Ásia, senhor de várias cidades dispostas ao longo do caminho das caravanas que demandavam o Norte. Temujim, conforme a lenda, pertencia ao grupo racial de origem daquela famosa personagem e tinha a mesma ascendência seleta. Para dominar sem luta tenta insinuar-se. Apela para o parentesco, o que pode agora fazer sem risco de ser tratado como um subalterno, porque é já bastante forte.

Manda ao chefe dos Caires uma mensagem, reclamando que o considerasse como filho adotivo e o tivesse como aliado: "Sem tua assistência não posso viver tranquilo. Tu também não poderás viver em paz sem minha firme amizade. Teus falsos irmãos e primos invadiriam teus domínios e dividiriam entre si terras e campos. Teu filho seria expulso do trono se teus inimigos prevalescessem. Para guardarmos nosso poder, o único meio é mantermos uma amizade inquebrantável. Si me considerasses também teu filho, os negócios seriam conduzidos por nós ambos". (3).

Aquiesceu Prestes João aos seus desejos, pois o admirava e o amava. E fez bem, porque quando os turcos o atacaram não lhe faltou Gengis Cam com o auxílio de suas *hordas devastadoras*.

No entanto, os cortezões conseguiram intrigá-lo, empolgando o filho de Prestes João para que se puzesse a frente dos que haviam de separar Temujim do velho rei. Acabam por obter que este lhe declare guerra.

(3) — Genghis Khan — por Harold Lamb, fonte principal destas notas biográficas.

Não foi, porém, empresa fácil, e tiveram de se valer de procedimento soezes, pois o prestígio de Gengis Cam não cessava de crescer. Justo, pouco antes, quando o ciúme mais se torna irado, ele vinha de conseguir uma vitória, cujas honras deixou para o velho rei e para os chineses.

O Imperador da China determinara a um seu general que saisse das muralhas e recalcasse os tartaros para fóra de sua vizinhança. Ao saber disto Temujim que também tinha contas a ajustar com êles, pôz-se em campanha, pedindo auxílio de fôrças a Prestes João. Bate-os numa batalha atacando-os do lado oposto ao dos chineses, cujo general acreditou ter todo o êxito sido obtido por sua ação. Não o contestou Temujim. Deu, de outro lado, a Prestes João o título de Wang Khan e tomou para si apenas o de Comandante contra os rebeldes.

Mas, em consequência disto, pois a verdade é reconhecida, mais crescem os seus aderentes e aumenta o seu renome, e também se acirram a inveja e o despeito na corte do lendário rei. Atingem o auge quando Temujim anuncia uma visita ao seu *pai adotivo*, o que, para os intrigantes, era cousa muito perigosa.

Temujim não demora em efetuá-la. Aproxima-se dos seus domínios, isto é, do país dos Caraits com bôa escolta mas de pequeno efetivo. Não vai descuidado. Lança na frente agentes que o informem do que ocorre e fôrças avançadas para também o informarem e cobrirem. Ao aproximar-se das fronteiras, sabe que os intrigantes, com o filho de Prestes João, à frente, haviam intrujado o rei e o levado a pôr-se em campanha contra êle.

Era grave, pois os Caraits, que vinham já avançando agressivamente dispunham de muitas e bôas fôrças e Temujim só contava no momento com 6.000 guerreiros.

O chefe mongol, então, recúa. Mas astuciosamente. Deixa no acampamento quasi tudo como estava e gente para manter as fogueiras ardendo. As famílias vão a frente protegidas pelos guerreiros que se retiram lentamente.

Ao atingir, após uma legoa de marcha retrograda, uma corrente dágua serpenteante entre colinas, ultrapassa-a e faz alto.

Enquanto isto se dá, os Caraits alcançam o local do seu primitivo acampamento e o atacam, crentes de que estava ocupado e de que haviam surpreendido o futuro Gengis Cam. Encontraram-no, porém, vazio. Vendo-o abandonado e deixado quasi intacto, acreditaram que os seus ex-ocupantes se haviam posto em fuga precipitada. E sem mais preocupações seguem, mesmo apezar da noite, no seu encalço.

Temujim, porém, os espera em guarda. Escora-os com alguns homens a pé além do rio e logo que os vê chegar dispõe-se para a luta. Não demoram em se empenhar em desesperada batalha. Os combates se desenvolvem ferocíssimos e aquela por longo tempo fica indecisa.

Por fim, os Caraits mais numerosos vão dominando a situação. No momento mais crítico, porém, da jornada, Temujim lança mão de um ardil. Chama um dos seus mais arrojados chefes e manda-o com os seus homens plantar uma bandeira, a esquerda e a retaguarda dos adversários numa alta colina, o que aquele consegue por uma energica penetração em cunha. Isto surtiu efeito. Os Caraits ficaram surpresos, temerosos e confusos e, ao entrar da noite, êles e não os seus adversários haviam perdido terreno.

Estava vitorioso? Temujim melhor que ninguem sabia que não era o vencedor. A noite, continuou a sua retírada para Leste.

Mas Prestes João refletiu... Dirigindo-se aos seus, quando soube do acontecido, disse-lhes: "Combatemos um homem com quem nunca deveramos ter questionado". (4).

Temujim, ganha o planalto de seu habitat e trata de preparar os meios de prosseguir a luta. Tinha que vencer. Reune todas as tribus fieis e manda dizer a Prestes João: "Quando a roda de uma carreta quebra os bois não podem

(4) — Vér nota n.º 3.

avançar. Não era eu uma roda de tua *Kibita*. Porque me atacas agora?" (5).

Aludiu ainda, numa imagem feliz, ao fato de ter sido Prestes João iludido pelos seus conselheiros e recordou os serviços que lhe havia prestado, mostrando assim quanto seu pai adotivo fôra ingrato.

Depois, formado seu exército retornou à luta. Avançou contra os Caraits, surpreendeu-os, atacou-os, derrotou-os e apoderou-se de suas terras. Os que escaparam puzeram-se em fuga para os reconditos do deserto. Aos prisioneiros que aceitaram ficar sob sua bandeira, poupou a vida, aos outros aniquilou. Prestes João que também escapara, morreu pouco depois no refúgio onde se abrigara.

Após esta vitória só ele era senhor absoluto na Ásia Central, a única cabeça daquêle corpo imenso. Estava criada a federação de todos os nomadas e assim forjada a arma necessária às suas ulteriores conquistas. Terminava a primeira fase de sua carreira. Os povos nomadas militarmente organizados sob sua chefia formavam uma arma ofensiva de valor incalculável.

## V

## G E N G I S C A M

Não era Temujim homem que se deixasse adormecer sobre os louros conquistados. Disse ao filho: "O mérito de uma emprêsa está no seu termino". Continuou a agir. Fortaleceu a base de suas futuros operações alargando-a e consolidando-a. Lançou seus cavaleiros já organizados e instruídos a Oeste até o domínio dos turcos e a Leste até as muralhas da China, o velho Catai.

Então, adotou um novo título que passou a ser o seu nome. Temujim transforma-se em Gengis Cam no ano de 1206. Era agora Imperador, o Grande Cam.

(5) — *Idem, idem.*

Nesse ano criou o código *Iassa*, conjunto de regras de procedimento a que todos deviam obedecer. Condenava o furto e o adultério, e desobediência dos filhos aos pais e das mulheres aos maridos, dos irmãos jovens aos mais velhos; exigia dos maridos confiança nas mulheres, dos abastados ajuda aos necessitados, dos inferiores respeito aos superiores; proibia a embriaguês justificando seu rigor com a noção de que a um homem bebedo o discernimento e o saber de nada valem; condenou as superstições, a violência e a querela entre os mongois. Tolerava todas as religiões que julgava equivalentes, exigindo apenas obediência absoluta ao Céu e não só ao céu mas a Ele também e em tudo . . .

Mesmo, porém, com o *Iassa* havia risco de que as tribus se desaviessem entre si. Para mantê-las unidas e obter obediência irrestrita de todas e de todos, o melhor recurso era entretê-las com a guerra. Para isto preparou-as e adotou também um código de deveres militares:

- Nunca abandonar seu camarada; os homens de sua *dezena* (diríamos hoje esquadra, grupo ou equipe de combate); não deixar para trás um homem ferido mesmo de outra dezena;
- Nunca se retirar sem ordem antes do estandarte, nem pilhar sem permissão do chefe;
- Nunca pedir quartel nem poupar um inimigo vivo.

Além disto, deu às suas fôrças uma organização a romana, adotando uma ordem decimal. A *unidade estratégica*, correspondente à *legião romana* e que hoje seria uma divisão, capaz de missões autônomas na batalha ou no curso de operações, era a *tuman*. Mas todas as fôrças eram de cavalaria, dispondo cada homem de dois ou mais cavalos.

Constituiu assim, uma enorme massa de tropas moveis capazes de se deslocarem rapidamente em qualquer terreno.

# ASSUNTOS DIVERSOS

## BOLETIM

A Sociedade Bolivariana da Venezuela abriu um concurso entre e uma Repúblicas Americanas, para a escolha da melhor obra original que trate do tema "O Ideal Pan-americano do Libertador Simón Bolívar"; seu desenvolvimento, evolução e influência". O autor da obra escolhida receberá um prêmio de 1.000 bolívares. As condições são as seguintes:

— Os trabalhos poder ser redigidos em inglês, espanhol, português ou francês. Dyerão ser datilografados, e apresentar, no mínimo, 500 páginas com espaço duplo.

— O concurso encerrará-se no dia 12 de outubro de 1946, não se aceitando trabalhos após essa data.

— O autor não deverá assinar seu trabalho, mas juntará a este um envelope lacrado contendo o seu nome por extenso e o endereço; por fora do envelope escreverá o título do trabalho.

— Na reunião da Sociedade a efetuar-se a 17 de dezembro de 1946, será anunciado o nome do vencedor, de acordo com o julgamento de uma Comissão especialmente designada.

— Os originais devem ser enviados para o seguinte endereço: Centro Principal de la Sociedad Bolivariana de Venezuela, Cuijá a Salvador de León n.º 6, Caracas, Venezuela.

— \* —

Temos o prazer de apresentar a seguir uma tradução completa do ensaio "Panorama del Brasil" do ilustre escritor mexicano ALFONSO REYES, ex-embaixador de seu país, junto ao governo do Brasil. Trata-se de uma interpretação interessantíssima, de originalidade bem definida, transbordante de sincera admiração pela realidade histórica do Brasil, que foi lida pelo grande humanista no "Círculo de Estudios de América" e publicada no "Boletín de la Sociedad Mexicana de Geografía y Estadística", março-abril de 1945:

"Para entender as coisas é necessário partir de suas origens. Quer nos inclinemos a aceitar a tradição bíblica do 'Gênesis' ou a tradição helénica da 'Teogonia' de Hesíodo, todos estamos de acordo em que o Brasil não foi criado desde a origem do mundo, mas um pouco depois: alguns milhões de séculos mais tarde. O deus-miúdo ou o agente mediador, encarregado de governar a obra, era um artista jovem. Como todos os artistas jovens, usava de demasiados materiais e tinha a força da inexperiência. Começou, pois, por dispor de enormes quantidades dos quatro elementos — terra, água, ar e fogo — de sorte que quase desequilibrou a proporção do planeta. Usou de u'a mole de terra tão imensa que, embora tivesse o encargo de fabricar apenas uma comarca, fabricou antes um continente colocado dentro do continente americano; usou de tão exorbitante massa de água que, nas cataratas do Iguaçu, na bacia do

Amazonas e em outras rãdes fluviais, esteve a ponto de sorver toda a umidade atmosférica e todo o líquido dos oceanos, de tal maneira que a desembocadura do Marañon, mais do que uma desembocadura, é um combate de igual a igual entre dois mares; usou de tão enormes zonas de ar que é muito acreditável que tenha precisado servir-se da atmosfera da Lua, embora as autoridades não estejam de acordo a este respeito, pois outros sustentam que o planeta teve que espremer-se como uma esponja para ceder algumas de suas emanacões interiores; usou de tão intensas qualidades de fogo que grandes porções do solo começaram por carbonizar-se e chegaram logo à suprema cristalização do diamante — que não é mais que uma exageração do carvão —, a crosta terrestre empapou-se de suores vegetais, determinando assim uma feracidade natural quase inconcebivel. Não obstante, no verão, sobre o asfalto das avenidas, costumam alguns humoristas preparar ovos fritos ao meio-dia, apenas com o calor do sol. Ao chegar a síntese dos quatro elementos, isto é, ao homem, o resultado foi paradoxal: por combinação e harmonia entre os excessos contrários, resultou a sábia moderação. O brasileiro é o diplomata nato, e o melhor negociante que conheceu a história humana. Não há conflito que resista a seu espírito de concórdia e a sua ardente simpatia. Como possui a aptidão, desdenha a violência. Nasceu para desatar, sem cortá-lo, o nó górdio. E todavia nosso caprichoso demiurgo, ao bater a substância do que havia de ser a gente brasileira, lançou dentro daquele imenso crisol, dotado como nenhum outro para as surpresas da química biológica e da alquimia psicológica, ingredientes variados das mais distintas raças e cõres, desde o louro transparente até o azeviche brilhante, passando pelas tonalidades intermediárias do cacau e do café, de maneira que, naquele forno genitor, se está forjando o metal humano por excelência, feito de todos os metais fundidos, como o que escoria do incêndio de Corinto.

A luz das considerações anteriores, é fácil entender a vida do povo brasileiro.

Os ritmos históricos, ao mobilizarem volumes colossais ao largo de dilatados espaços, assumem a robustez e a lentidão das erosões geológicas. Da colônia passa-se à sede monárquica, daí ao império independente, daí por último à república num compasso majestoso e amplo, numa seqüência necessária, que contrastam com os vai-vens coléricos e um tanto improvisados com que se sucedem as etapas das demais nações ibero-americanas. Os próprios sobressaltos revolucionários parecem oferecer lá certa mansidão relativa. As pugnas com os países vizinhos, após os acidentes bélicos inevitáveis na juventude daquele povo, tendem para a discussão internacional e a conciliação razoável. A expansão de fronteiras sobre os povos vizinhos não tem verdadeira importância na história do Brasil, como logo o explicaremos, porque a expansão, por assim dizê-lo, se sacia e esgota dentro das próprias fronteiras.

Enquanto perfeitamente feliz, o Brasil não teve história. Tudo se reduzia àquele paraíso do bom selvagem que mais tarde inspirará Rousseau, e cujos poetas canibalescos mereceram a honra de ser traduzidos por Montaigne e Goethe. A história começa pelo conflito: a chegada dos povos estranhos. O autóctone vive em simbiose com seu ambiente, e, embora a ecologia, ou permutação entre o ser

e o meio, seja um equilíbrio em movimento, o movimento é tão infável que poderia percebê-lo o microscópio do antropólogo, mas não a vista média do historiador. A chegada dos estranhos é por si mesma um grande desequilíbrio, as correntes ecológicas do ser ao ambiente e vice-versa aceleram-se consideravelmente, e essa aceleração é a história. A história é a pedra que cai no lago adormecido. Esta intrusão não é necessariamente violenta. Se, na primeira época, se trata de verdadeiras lutas militares para apoderar-se da terra "monstrengas" — português antes de tudo, e, depois, espanhóis, franceses, holandeses, e a importação subsidiária de africanos —, na segunda época, trata-se já de infiltrações mais sutis, econômicas, financeiras, industriais e agrícolas, para as quais contribuem de um modo já constitucional os rios de homens e de ação humana vindos da Inglaterra, Estados Unidos, Alemanha, Itália e mesmo da remota Ásia.

E o problema para estes conquistadores ou colonos de vários tipos reduz-se a isto: apossar-se do solo em que se pisa. Já se comprehende que, num território tão imenso, e tão denso e emaranhado por sua própria feracidade natural, é necessário abrir caminho constantemente com o machado e defender-se contra o assalto da selva ou dos desertos, e a urbanização — que isto é a posse do solo — supõe um labor incansável. Donde se aprecia desde já o equívoco dos que afirmam levianamente: "Ao Brasil a natureza deu tudo, o homem não precisou fazer nada". Como se a natureza desse alguma vez os elementos já assimiláveis e adequados à civilização humana! A natureza não dá, o homem lhos arrebata. Quem desfruta daquela admirável segurança do Rio de Janeiro, nunca deve olvidar que ela se mantém numa pugna tenaz e incessante do homem contra a natureza, a qual tem de ser domesticada, minuto por minuto. O simples vizinho da cidade esquece-se de que há exércitos de dossos e braços desnudos que, obscuramente, se afanam para salvaguardar a cidade. O que desfruta daquela salubridade perfeita não deve olvidar que ela foi invenção de um homem, Osvaldo Cruz, e que as legiões de mata-mosquitos se encarregam de conjurar os contágios da febre. Toda esta manutenção do visível está no invisível. Por isso um clássico brasileiro costumava dizer: "O Brasil cresce de noite".

Em suma, encontramo-nos aqui com a célebre controvérsia sobre as origens das civilizações, que pode resumir-se assim: "O Egito é um presente do Nilo", dizia Herodoto. Uma escola de historiadores modernos contesta-lhe: "O Egito fez-se contra o Nilo". A verdade está no meio: "O Egito é uma domesticação do Nilo". Aplique-se o mesmo à obra humana diante da natureza brasileira.

Pois bem, como se opera esta posse do solo por parte do povo que cria o Brasil histórico? Mediante uma exploração e consolidação paulatinas, arranca do litoral sul-atlântico e encaminha-se para o interior, vence aqui os desertos e os bosques, domina além as costas, e, logo, alcançados os altiplanos do Sul, segue penetrando na entranha do território a favor dos rios que correm para dentro, como o Paraná. Toda a história se resume num avançar de bandeirantes, na arremetida para o fundo do país de uma fronteira em marcha, destinada a lograr que o assenhoreamento econômico do solo coincida com toda a área virtual e politicamente possuída. Sem dúvida que esta marcha não se realiza em linha ampla e continua por todo

o imenso litoral, mas que há focos isolados, penetrações desconexas, retificações e arrependimentos. E pouco a pouco as aventuras dispersas vão-se concertando umas com as outras, e os grupos separados conseguem dar-se a mão. Este avanço da fronteira econômica é o esquema que abarca toda a história do Brasil. Por isso dissemos que lá não tem transcendência a expansão externa de fronteiras políticas. Com a única exceção do território do Acre (término do N. O. adquirido da Bolívia em 1903 mediante um procedimento semelhante ao dos Estados Unidos no Canal do Panamá), as lutas do Brasil com os países hispânicos do Sul (Argentina, Uruguai, Paraguai), lutas que soem refletir velhas rivalidades de Portugal e Castela, nunca redundarão em incremento do território brasileiro, apesar de ter este fronteiras com a maior parte daqueles países. O perímetro político conserva-se praticamente nos mesmos termos em que o deixou o Tratado de Madrid em meados do século XVIII. A anexação da Banda Oriental do Uruguai em 1821 foi antes um esforço para o mar por parte da região do Rio Grande do Sul, que não contava ainda com um pôrto praticável. E o despertar do poder argentino fez com que o Brasil mesmo desejasse a independência do Uruguai, sua antiga Província Cisplatina, que passou à categoria de Estado-tampão, como um Afeganistão sul-americano (1828). A longa guerra do Paraguai só produziu o predominio econômico da Argentina sobre aquelas terras. Assim, pois, a colonização e conquista por parte do Brasil significam colonização e conquista econômica do próprio território, aproveitamento da própria riqueza legitimamente possuída. E assim se dá o caso singular de um enorme país cuja integridade parece defender-se só, pela mera cultura interior, e envolto nesse orbe linguístico, nessa verdadeira teia de aranha que é a língua portuguesa, a qual, à primeira vista, pareceria tão permeável e tão vulnerável às acometidas do orbe hispânico que por todas as partes, menos pelo mar, a circunda.

A fronteira econômica em marcha vai semeando em sua passagem, sucessivamente, acampamentos de bandeirantes, povoações selváticas interiores, estabelecimentos de explorações mineiras, agricultoras ou pecuárias, segundo as circunstâncias do solo; aldeias, cidades e grandes centros industriais. A obra não está acabada. Durante algum tempo, alguns Estados trabalham e produzem para a imensa maioria, o que determina um dualismo econômico que foi o primeiro problema do Brasil. O segundo problema, consequência das condições descritas, foi o mosaico de pequenos mercados desconexos. Durante a existência nacional, ambos problemas vão sendo gradualmente atacados e resolvidos pelos tipos humanos engendrados pela fronteira em marcha.

Estes tipos humanos são, em grandes traços, os seguintes:

- 1) — O primitivo que não evoluciona: o sertanejo, habitante do sertão ou campo silvestre de terra adentro.
- 2) — Um caráter evolutivo em várias etapas que, de certo modo, co-existem historicamente e são:

a) — O avô bandeirante, herói da epopéia nómade, que carrega consigo todos seus bens, como uma tribo da Bíblia, levando suas famílias, seus sacerdotes, sua hierarquia de chefes militares. Deste tipo desprender-se-ão sucessivamente o tropeiro e, finalmente, o

atual caixeteiro-viajante, como tentáculos de relação entre os povoados interiores.

) — O pai fazendeiro, abastado e estável, tipo de senhor medieval com muito de patriarca que se mantém em pugna discóla contra a escassa autoridade dos oficiais da Coroa, e é pouco a pouco atraído para a Corte de Dom João VI, quando este se traslada de Lisboa para o Versalhes tropical do Rio de Janeiro.

c) — O neto urbano, a quem podemos chamar paulista, que faz vida econômica moderna, em relação com o mundo internacional, que exerce funções de acelerador, tendo sido muitas vezes europeísta e ausentista.

3) — É necessário acrescentar aos tipos anteriores o forasteiro ou imigrante europeu posterior que, às vezes, se arraiga, representa um fermento importante na massa do país. No Brasil como na Argentina, é notável a rapidez com que o forasteiro é digerido e assimilado, pelo menos nas épocas de existência normal, que não conhecem a incrustação artificiial de tumores de propaganda.

O sertanejo é o fundo da paisagem campestre. Os outros tipos combinam-se diversamente dando a história o relevo humano. Por exemplo, os bandeirantes de São Paulo e os do Norte reunem-se nas margens do Rio São Francisco, berço do Brasil brasileiro, que vai desde o atual Estado de Minas Gerais até o Piauí, e se distingue da bacia amazônica, demasiado india, e da região "gaúcha" do Sul, demasiado platense. Em suas capitais açucareiras da Bahia e Pernambuco, criou uma aristocracia revoltosa. A segunda etapa bandeirante, derivando para o Sul e sobre o rio Paraná, viveu do café, criou os grandes centros do Rio de Janeiro e São Paulo e produziu um liberalismo mais ou menos organizado.

É o momento de recordar que esta fronteira em marcha não só era impelida por um impeto místico de descobrimento, mas também atraída pelas possibilidades da exploração econômica. A economia do Brasil desenvolve-se numa série de monoculturas extensivas que, uma após a outra, vão caindo sob a concorrência das culturas intensivas estrangeiras. Cada um destes monopólios naturais produz-se em torno de um "leading article" ou artigo principal que o Brasil descobre para o mundo ou oferece ao mundo em condições únicas, e que logo o mundo lhe subtrai. A cada artigo corresponde um tipo novo de civilização, um novo ato do drama, que monta seu cenário próprio de estabelecimentos e povoações. Cada auge, no fim do ato, acaba numa crise produzida pela concorrência exterior. Então sobrevém a debandada de povos para a região onde a pródiga natureza oferece um outro atrativo, e o abandono do antigo cenário. Os atos sucessivos são:

1) — Civilização do açúcar: meados do século XVI a fins do século XVII, quando sobrevem a produção das Índias ocidentais e da Europa. Seus principais centros são: São Vicente, Pernambuco, Bahia, a Virginia sul-americana e não a Roma negra, como exagera Paul Morand. O açúcar é o produto por excelência do tráfico ultramarino, do qual vive, sob o Conde de Nassau, a colonização holandesa no Nordeste, com cuja expulsão, além de já ter aparecido em Minas e no Rio o engôdo do ouro e do diamante, a indústria açucareira passa à categoria doméstica. Todavia, conhece altos e baixos, reflexos do sistema continental napoleônico, a rebelião dos escravos

em Haiti, a aparição da grande praça dos Estados Unidos, a revolução técnica da beterraba, a estrada de ferro, a implantação intencionada das Centrais cubanas, a abolição da escravidão (1888), a guerra de 1914, as novas culturas de São Paulo, Rio Grande do Sul e Mato Grosso.

2) — Civilização do ouro: século XVIII até chegar o auge da Califórnia, África do Sul e Austrália. Seus principais centros são: São João D'El-Rei e Goiás, sendo Minas, e Rio grandes garimpos. A afluência desenvolve uma atividade pecuária subsidiária, porém produz o abandono de alguns centros agrícolas. Nascem as cidades de Dona Mariana, Vila Rica, Ouro Preto, embora hoje se explorem sobretudo Passagem e Morro Velho (Minas). No primeiro quartel do século XIX, irrompe o capital britânico. Por longas e complicadas tradições, o Brasil nasce para com a Grã Bretanha. A civilização do ouro deixa ostentosos e legendários vestígios, a recordação das favoritas passeatas em andas aclamadas pelas multidões, as jóias lavradas, a arquitetura e escultura eclesiásticas do "Aleijadinho".

3) — Civilização do algodão: fins do século dezoito, logo dominada por novos inventos, cede o lugar aos Estados Unidos, Bahia, Pernambuco, Maranhão e, finalmente, o Ceará. Altos e baixos: a queda de preços europeus em 1822, a guerra da Secesão nos Estados Unidos, outra vez a abolição da escravidão no Brasil, atração da borracha, a guerra de 1914, novas culturas em S. Paulo e Rio Grande do Sul, aparição do interesse asiático.

4) — Século XIX: O quadro é complexo. Supremacia passageira do cacau, logo em concorrência com o Equador, e depois com a Venezuela e a Colômbia. Fantástico apogeu da borracha até 1912, quando a Ásia o arruina. A fronteira marcha até o Acre, funda-se sobre o Amazonas a grande cidade de Manaus. A queda é rápida e, apesar do breve parêntese da guerra de 1914, a depressão chega ao máximo pelo ano de 1921. Salvo o ouro que escasseia por si só, a história é sempre a mesma: apogeu de riqueza natural, logo derrotada pela riqueza científica. Porém, eis que desta vez se desenvolve o artigo por excelência, o café, que, entre a variação de qualidades e preços, sofre os embates dos gêneros finos da Colômbia, Venezuela e América Central, cede o posto subsidiariamente ao cultivo da laranja, e é o eixo da economia nacional. A história é complicada e a descrição de suas peripécias, rivalidades, reações sobre a política e a moeda, influência no desenvolvimento da região paulista e carioca, levar-nos-ia bem longe. Não me deterei igualmente no caso do ferro, exploração de grande futuro, nem a traçar aqui o desenvolvimento das finanças públicas e das teorias econômicas que servem de fundo ao drama histórico. O que nos importa é assinalar o fato de que, contra todas estas armadilhas que lhe preparou o destino, o Brasil continua sua marcha ascendente.

Os cenários foram deslumbradores: o descobrimento, a colonização e a conquista; as lutas pela posse entre vários povos europeus; a corte de Nassau, a aventura huguenote de Villegagnon; a faustosa colônia; a transmigração, sob a ameaça napoleônica e com o auxílio britânico, de Dom João VI, o homem das iniciativas, que chega um dia com seu séquito, seu cabeleireiro Monsieur Catilino e sua costureira Madame Josefina; a franquia dos portos que a In-

gláterra começa por assegurar e que logo se abre para o mundo; o regresso da corte para Portugal levando consigo todas as reservas do Estado, porque eram patrimônio da Corôa; os esforços para restaurar a economia mediante impostos incríveis, às vezes, mesmo sobre o direito de confissão; a célebre cavalgada de Dom Pedro I, poeta em ação, para anunciar a independência a seu povo; o império dourado e doce; Dom Pedro II, filósofo no trono; as fragorosas guerras do Sul; a partida do amado imperador e o lamento dos "saudosos"; a República. Passam as figuras de Tiradentes, Caxias, Rui Barbosa. E de tudo isso resulta uma formosa e grande nação que nunca perdeu o sorriso nem a generosidade em meio do sofrimento, exemplar a um tempo na coragem e na prudência, orgulho da raça humana, promessas de felicidade nos dias azaigos que vivemos, fantástico espetáculo de humanidade e natureza, cuja contemplação obriga a repetir com Aquiles Tacio: "Olhos meus, estamos vencidos!"

## Siderurgica de Volta Redonda !

Quanto de benefício traz ao país este enorme empreendimento! Quantas fábricas, quantas oficinas serão supridas pela Siderúrgica Nacional! O ouro que ficará no país pelo ferro não importado, a manufatura aumentando com o material nacional, tudo isso representa algo de grandioso para o Brasil!

Assim os fabricantes

## Comp. e Ind. Ferragens Nascimento Ltda.

Fabricantes de:

- Cabos de aço
- Selos de chumbo
- Cavadeiras de molas
- Ganchos estanhados — "Progresso"
- Arames torcidos em geral.

Com loja à Rua Teófilo Ottoni, 206 — Fábrica: Rua S. Francisco  
Prainha, 23 — Telefone: 43-6585 — Rio de Janeiro  
Felicitam o Governo e os dirigentes de VOLTA REDONDA!

# REVISTAS EM REVISTA

**O CORPO EXPEDICIONARIO FRANCÉS NA ITÁLIA**  
— "Revue de Défense Nationale" (Outubro-Novembro de 1945).

Em artigo assás interessante o General CARPENTER, que há alguns anos foi professor de Informações em nossa Escola de Estado-Maior, resume a intervenção das tropas francesas no Teatro de Operações europeu. Em Março de 1943, na África do Norte, ainda, o General GIRAUD nomeou o General JUIN (que é hoje o Comandante em Chefe das Fôrças Armadas da França) comandante do "Destacamento de Exército A", destinado a agir no previsto T.O. Europeu, e que ficou conhecido por Corpo Expedicionário Francês (C.E.F.).

Equipado e armado pelos norte-americanos, já em Setembro de 1943 fornecia uma G. U. para a reconquista da Córsega, e em Novembro suas primeiras fôrças desembarcaram em Nápoles. Dele fizeram parte 4 G. U. :

- D.I. Marroquina (2.<sup>a</sup> D.I.A.), sob o comando do General DODY;
- D.I. Argeliana (3.<sup>a</sup> D.I.A.), sob o comando do General MONSABERT;
- D.I. Marroquina (1.<sup>a</sup> D.M.I.), sob o comando do General BROSSET;
- Divisão Marroquina de Montanha (4.<sup>a</sup> D.M.M.), sob o comando do General SEVEZ.

Em 11 de Dezembro entraram em combate esses primeiros elementos. A 2.<sup>a</sup> D.I.M. foi incorporada ao 6.<sup>º</sup> C. Ex. americano e, um mês depois, as 4.<sup>a</sup> D.M.M. e 3.<sup>a</sup> D.I.A., sob o comando do General JUIN, ocupavam um setor na ala di-

*reita do V Exército, subordinadas ao General MARK CLARK.*

*Na 1.<sup>a</sup> fase — campanha de inverno — de 11 de Janeiro a 15 de Março, tomam parte nas batalhas da Costa San Pietro e Monna Casale, de San Croce — combinada com o desembarque de Anzio — e de Belvedere.*

*A falta de G. U. em 2.<sup>a</sup> linha, diz o General CARPENTER, impedia o General JUIN de realizar o aproveitamento do êxito seguido da perseguição: há muito ele reclamava do Alto Comando Francês a organização do C. Ex. a 4 Divisões, o que só obteve na 2.<sup>a</sup> fase para a conquista de Roma.*

*Posteriormente o General ALEXANDER, Comandante do XVº Grupo de Exércitos, resolveu reconstituir o VIII Ex. Britânico e reduzir a frente do V Ex. americano. O C.E.F. continuou na ala direita, entre o Liri e o Garigliano, mas dispondo já de 4 D.I. O General JUIN estuda as operações a realizar e o seu plano de manobra foi aprovado pelo General CLARK, travando-se então, entre 11 e 14 de Maio, a batalha de GARIGLIANO.*

*A 5 de Junho, entra o C.E.F. em Roma, iniciando-se a perseguição, e a 3 de Julho já atinge SIENA.*

*Conclui o seu artigo o ilustre chefe francês dizendo :*

*"Desembarcado oito meses antes em Nápoles, recebido com indiferença, o C.E.F., tendo percorrido 350 km em dois meses, do Garigliano aos Apeninos, retira do teatro de operações da Itália coberto de louros, reconquistando de maneira brilhante o prestígio do glorioso Exército Francês".*

\* \* \*

**O ESFORÇO DE GUERRA EM GRAFICOS — "Ejercito y Armada", Buenos Aires, Fevereiro de 1946.**

*A nossa confrade argentina dá uma interessante síntese da publicação feita recentemente pelo Estado-Maior Britânico sobre os gráficos e mapas utilizados durante a recente guerra pelo Ministério da Defesa Nacional (cuja direção era exer-*

cida pelo 1.º Ministro) e que eram exibidos em todas as reuniões do Estado-Maior Combinado, permitindo chegar-se a decisões rapidamente.

A Secção de Reprodução Fotográfica Britânica publicou 36 mapas em cores, em um grande volume, mostrando não só as dificuldades que a Grã-Bretanha teve de enfrentar, durante algum tempo sózinha frente ao avanço alemão, como também "a extensão de seus sacrifícios e a grandeza de sua vitória".

Um desses mapas mostra como o Exército Britânico que, ao romper a guerra, só contava com 500 mil homens, chegou a ter em suas fileiras, no ano de 1944, quatro milhões e meio de soldados, ao mesmo tempo que aumentava o número de operários na indústria de material bélico e desapareciam quase completamente os desempregados. Enquanto na 1.ª guerra mundial a Grã-Bretanha perdeu 800 mil vidas, na última esse número não atingiu a 250 mil, embora a isso se devem acrescer os 60 mil mortos em consequência dos raides aéreos.

Quanto à produção de material bélico, atribuindo à produção mensal de 1940 o índice 100, constata-se que, no princípio da guerra, em Setembro de 1939, ela era só de 40 e depois subiu quase sem interrupção até ultrapassar 350 em Fevereiro de 1943. Ai passou a descer lentamente, mas em Abril de 1945 ainda era de 240.

Quanto às cifras de perdas e construções navais de 3 de Setembro de 1939 a 8 de Maio de 1945, encontram-se as seguintes :

Tipo	<i>Novas construções no Reino Unido</i>	<i>Perdas</i>
<i>Encouraçados</i>	5	5
<i>Monitores</i>	2	1
<i>Porta-aviões (inclusive de escolta)</i>	13	8
<i>Cruzadores</i>	28	28
<i>Contra-torpedeiros</i>	131	115

<i>Contra-torpedeiros tipo "Hunt"</i>	86	18
<i>Fragatas</i>	81	10
<i>Corvetas</i>	184	30
<i>Vapores (lanchas a vapor)</i>	204	219
<i>Submarinos</i>	157	71

\* \* \*

*"TIGRES" E "PANTERAS" — "Ejército", revista militar espanhola.*

Entre os modelos de carros de combate empregados pelos Alemães na última guerra, destacaram-se os dois tipos pesados denominados "Tigre" e "Pantera". A seguir transcrevemos alguns dados sobre eles obtidos na fonte acima citada.

#### *CARRO "TIGRE" (designação: MARK V.)*

*Dimensões — 2,90 m de altura  
3,81 m de largura  
6,25 m de comprimento*

*Lagartas e suspensão — A largura da lagarta é de 60 cm e sua superfície de roolamento de aproximadamente 4,25m, o que dá 51 000 cm<sup>2</sup> de área total para as duas lagartas, correspondendo assim a 1171 kg. por cm<sup>2</sup>. O peso de cada lagarta é de 2 toneladas.*

*O processo de suspensão empregado é o de grandes rodas múltiplas; em cada lado há 3 fileiras de 4 rodas dessas cada uma. A desmontagem das lagartas é feita por tração anterior. O número de rodas múltiplas é de 24, sendo sua montagem, como nos demais carros alemães, feita em eixos (conjugados), e o revestimento é de borracha endurecida.*

*Blindagem — Frontal de 140 mm, de aço especial, reforçado pela colocação nessa parte das lagartas sobressalentes.*

*Superfície lateral da torre também de 140 mm.*

*Lateral do carro de 80 a 100 mm.*

*A parte superior foi reforçada, no fim da guerra, devido ao emprêgo pelos aviões aliados dos projéteis-foguetes.*

*Motor — Motor Diesel de 750 H P, consumindo pouco mais de 9 litros por tonelada e por 100 km em terreno varia-*

*do e necessitando de pouco mais de 20 litros para esquentar antes da partida; utiliza 4 injetores duplos. Potência específica (relação entre o n.º de HP e o peso em toneladas) é de 12,5, superior à do carro inglês "CHURCHILL" (9,2), um pouco inferior à do americano "SHERMAN" (13,3), e bastante inferior à do russo "T 34" (19).*

*Mudança de marcha — Sistema elétrico, de 8 velocidades diferentes. A engrenagem é feita por pressão.*

**Carburante e raio de ação —** Os depósitos de carburante têm uma capacidade para 650 litros de óleo pesado, proporcionando um raio de ação de cerca de 120 km em terreno variado.

**Velocidade em estrada —** Cerca de 50 km/h.

**Ação de choque —** Derruba com facilidade árvores de 30 a 40 cm de diâmetro, muros, paredes, etc.

**Transposição de cursos d'água —** O "Tigre" pode ser herméticamente fechado, dispondo de um tubo duplo para entrada de ar e escapamento de gases que pode ser alongado até 5 metros, permitindo ao carro andar a 7 m de profundidade (5 do tubo mais 2,90 m de altura do carro) sobre o fundo do rio.

**Comando e equipagem —** Na parte superior da torre há uma pequena torre de comando, circular, com movimento independente e saída para o exterior. Esta torre tem uma série de fendas que permitem observar em todas as direções, estando protegidas as aberturas por grossos vidros de cristal. Além disso, a torre, forrada interiormente de borracha, possui vários periscópios voltados uns para a frente e outros para a retaguarda.

A equipagem é de 5 homens: um chefe de carro, um motorista, um rádio-telegrafista, um telemetrista-apontador e atirador, e um municiador que também maneja uma metralhadora.

**Visibilidade —** Além dos dispositivos de observação da torre de comando utilizados pelo chefe do carro, o motorista pode observar através uma janela que se fecha com placas de

*o duplas. Outras viseiras existem para os demais tripulantes. Durante o combate a observação se faz apenas com os telescópios.*

*Armamento — 1) Um canhão de 88 mm, de 6,5 m de comprimento (dos quais 4,5 m ficam fora da torre e ultrapassando de 1,83 m a frente do carro). Seu peso é de 1,5 toneladas e atira um projétil de 90 cm de comprimento e 15 kg de peso, com uma velocidade inicial superior a 900 m/seg. A peça é dotada de freio de boca. O carro transporta 100 granadas.*

*2) Duas metralhadoras de 7,92 mm — uma fixa na torre, co-axial com o canhão, e manejada pelo municiador deste; a outra é montada numa esfera de movimento independente, a parte exterior, podendo atirar a partir de 7 m à frente do carro (pequeno ângulo morto) e sendo manejada pelo rádio-elegrafista.*

*Cada vez que o canhão atira, entra automaticamente em funcionamento um exaustor que expelle para o exterior do carro os gases. O movimento da torre é feito por dois volantes, um de direção e outro de elevação, quando lento; para o movimento rápido utiliza-se a força do motor do carro, por meio de um pedal acionado pelo apontador.*

*O carro atira parado. Para a pontaria há dois mostradores semelhantes aos de um relógio, colocados um à frente do chefe do carro e outro do apontador, por meio dos quais o chefe fornece automaticamente a posição do alvo ao apontador, bastando a este fazer a coincidência de um ponteiro. Além disso, o apontador dispõe de uma luneta e de um dispositivo telemétrico para determinar a distância do objetivo e apontar em alcance.*

*Defesa aproximada — Nos vértices superiores da armação do carro há uns tubos chamados "S", de tamanho pouco maior que o das latas de conserva comuns. Neles são colocadas pequenas minas que são lançadas elétricamente em diversas direções, arrebentando a um metro do carro. Pode-se também lançar por esses tubos dispositivos fumígenos.*

*Transmissões — Cada tripulante do carro possui um ringofone e um par de fones colocados no capacete, que se ligam por uma tomada à rede geral de ligação interna do carro, a qual constitui o circuito microfônico e telefônico de um amplificador, que é uma espécie de central telefônica, funcionando permanentemente os ramais dos 5 tripulantes.*

*Para as ligações exteriores utiliza-se o rádio.*

*Custo, horas de trabalho e capacidade de produção — A construção de um "Tigre" exige 300 000 horas de trabalho, ou seja o trabalho de 1500 operários em um mês de 25 dias úteis a 8 horas de trabalho diário. Seu custo é de 800 000 marcos. Em Fevereiro de 1945 as fábricas alemãs encarregadas de sua construção podiam produzir 15 carros por mês.*

\* \* \*

**CARRO "PANTERA" (modificação do "Tigre").**

*Peso — 45 toneladas (A economia foi tal que com o aço necessário para dois "Tigres" se constroem três "Panteras").*

*Motor — Idêntico ao do "Tigre". Potência específica de 16,6 (devido à redução do peso).*

*Autonomia — 160 km em terreno variado.*

*Lagartas — Semelhantes às do "Tigre", mas com uma pressão de apenas 0,88 kg por cm<sup>2</sup>, aumentando assim as possibilidades de transposição de terrenos pouco consistentes.*

*Armamento — Varia apenas o canhão, que é de 75 mm e 6,85 m de comprimento, com velocidade inicial, alcance e força de penetração maiores que as do canhão de 88 mm do "Tigre".*

*Blindagem — Nesta é que ocorreram as modificações mais acentuadas, baseadas sobretudo na alteração da inclinação da mesma.*

*A fórmula da força viva com a qual um projétil atinge um*

*P*

*alvo é:  $T = \frac{V^2}{2g}$ , em que P é o peso em kg do projétil,*

$g = 9,8 \text{ m/s}$ , e  $V$  a velocidade restante. Se a trajetória forma um ângulo  $\alpha$  com a normal ao alvo, essa fórmula transforma-

$P$

se em  $T' = \frac{P}{2g} \cdot V^2 \cdot \cos \left[ \frac{\pi}{2} - \alpha \right]$  a qual, devido ao fator  $\cos \left[ \frac{\pi}{2} - \alpha \right]$  é

(inferior à unidade), será de menor valor que  $T$ . Devido a isso, uma blindagem terá a mesma resistência que outra de maior espessura, desde que sua inclinação seja adequada (isso, naturalmente, sendo de aço da mesma espécie).

Além disso, os Alemães empregaram no "Pantera" o que denominaram de "segunda pele do carro". Ou seja, uma capa de cimento bastante espessa, pintada com uma camada de tinta bem grossa. Isso evita a aderência das minas magnéticas de carga óca, inimigos terríveis do carro e contra os quais não se havia antes encontrado uma solução defensiva. A "segunda pele", tendo uma superfície muito estriada, não proporciona facilmente um ponto onde os ímãs da mina se possam aderir.

\* \* \*

**O "SUPER-TIGRE"** — No final da guerra os Alemães cogitavam da construção de um carro chamado "Super-Tigre", com 80 toneladas de peso, proteção nas lagartas e armado com um canhão de 105 mm além das duas metralhadoras.

\* \* \*

**ORGANIZAÇÃO DAS UNIDADES DE "TIGRES" E DE "PANTERAS"** — O pelotão constava de 4 carros. A companhia possuía 3 pelotões e 2 carros de comando, sendo um deles com rádio para ligação com a Aviação, dando um total de 14 carros. O batalhão era formado de 3 companhias e mais 3 carros de comando, num total de 45 carros.

O batalhão era dotado ainda de uma companhia de manutenção, possuindo um total geral de 250 viaturas, incluindo caminhões de 18 toneladas de peso bruto, que, ligados 2 a 2 ou 3 a 3, podiam rebocar um "Tigre"; o restante eram caminhões-cisternas, caminhão-oficina, etc. (Só nas oficinas ha-

*via 180 homens). O efetivo total do batalhão era de 1250 homens.*

\* \* \*

**"A ESPOLETA MILAGROSA" — "Naval Fire Power", U. S. A.**

*Fala-nos este artigo de uma das grandes conquistas da ciência postas em ação pela técnica militar na última conflagração mundial; — a "espoléta eletrônica" ou "espoléta de rádio-proximidade VT".*

*Estreiada em janeiro de 1943 pelos canhões anti-aéreos de 127 mm do cruzador norte-americano "Helena", no Pacífico, foi ela que ajudou a deter a vigorosa contra-ofensiva de VON RUNDSTEDT e a combater eficientemente as bombas voadoras nazistas durante o verão de 1944. Foi ainda quem possibilitou repelir os aviões suicidas japoneses em seus desesperados ataques contra a Marinha norte-americana durante os últimos meses da guerra.*

*A espoléta é pequena, mas permite controlar a explosão de uma granada, de uma bomba ou de um projétil-sogrete. Ela funciona automaticamente ao chegar perto de um avião, de um canhão ou de qualquer outro objetivo sólido. Ela é em si como uma pequena estação de rádio, emissor e receptor, que descobre o objetivo por meio de vibrações rádio-elétricas e provoca a explosão do projétil no momento oportuno.*

*A espoléta eletrônica foi um dos segredos mais zelosamente guardados nesta guerra, chegando a ser proibido o seu uso em operações terrestres e mesmo nas de desembarque em ilhas, até que os nazistas começaram a empregar as suas bombas-voadoras em ataques contra a Inglaterra, no verão de 1944. Mesmo os artilheiros anti-aéreos da Esquadra, que viam a facilidade com que derrubavam aviões japoneses, ignoravam a causa de tão boa pontaria.*

*Durante os ataques das bombas V 1 contra Londres cerca de 25 % delas foram abatidas durante a primeira semana*

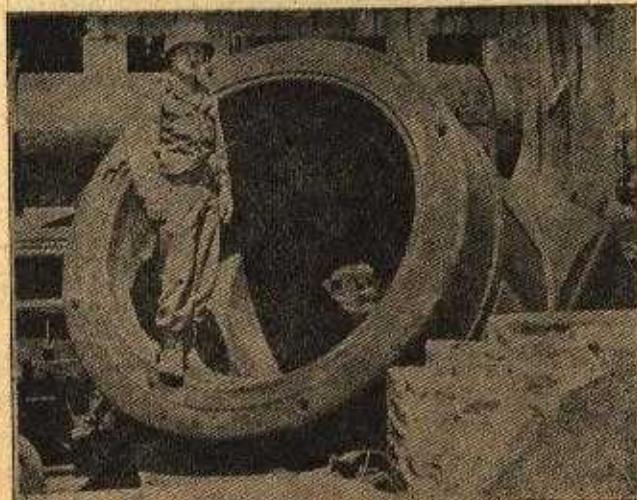
*em que as espoléitas V T foram utilizadas nos projéts anti-aéreos e depois de um mês esse número atingiu 79 %. No dia em que os alemães lançaram seu último grande ataque contra a capital inglesa, das 104 bombas-voadoras assinaladas pelas estações de radar, apenas 4 chegaram a Londres, tendo sido 104 abatidas pelas baterias anti-aéreas com concurso da nova espoléita milagrosa.*

*Essa maravilha técnica representa mais um triunfo a acrescentar aos lauréis da ciência e da indústria norte-americanas em colaboração com a Diretoria de Armamento da Marinha.*

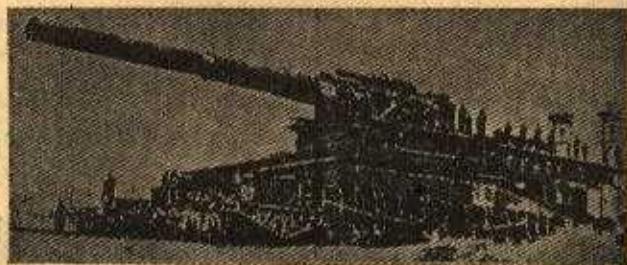
\* \* \*

**"OS MAIORES CANHÕES DO MUNDO"** — Cel. F. B. PORTER — "O Observador Militar Inter-Americano", Washington, D.C., U.S.A. — Novembro de 1945.

*O Autor do artigo conta como encontrou na Alemanha, numa estrada pouco frequentada entre as cidades de AUERBACH e ESCHENBAUM, na Baviera, o maior canhão ja-*



*mais construído no mundo. Era o super-canção chamado "Gustavo Geschütz" ou "Dora" e foi construído pelas usinas Krupp, em ESSEN. Destinava-se a ser usado contra as fortificações da Linha Maginot, mas ai não teve muito o que fazer. Mais tarde transportaram-no para a frente russa, onde foi empregado eficientemente contra as defesas de SEBASTOPOL, na Crimeia. Ignora-se quantos desses gigantescos canhões foram fabricados e onde se encontram presentemente. Sabe-se, porém, que eles foram postos em ação ao longo do Canal da Mancha para bombardear o litoral da Inglaterra. Depois da batalha da França, dois deles foram levados para a Alemanha. Quando o III Exército Americano entrou na Baviera, o inimigo, forçado a abandonar seu equipamento pesado, danificou-os tanto quanto pôde.*



*Foram compilados os seguintes dados sobre essa tremenda arma :*

<i>Peso do canhão e reparo completo . . . . .</i>	<i>1344 toneladas</i>
<i>Peso do projétil . . . . .</i>	<i>7509 kg</i>
<i>Calibre . . . . .</i>	<i>800 mm</i>
<i>Diâmetro da câmara de carregamento . . . . .</i>	<i>1,914 m</i>
<i>Carga de projeção aproximada . . . . .</i>	<i>454 kg</i>
<i>Comprimento do cano . . . . .</i>	<i>32 m</i>
<i>Velocidade inicial aproximada . . . . .</i>	<i>915 m/seg</i>
<i>Comprimento da câmara . . . . .</i>	<i>3,95 m</i>
<i>Número de raias . . . . .</i>	<i>96</i>

<i>Largura dos cheios das raias</i> . . . . .	<i>1,12 cm</i>
<i>Largura dos fundos das raias</i> . . . . .	<i>1,42 cm</i>
<i>Profundidade dos flancos das raias</i> . . .	<i>1,12 cm</i>
<i>Raiamento à esquerda, com passo uniforme, 1 volta e meia em tóda a extensão, correspondendo a um tubo de C/36 aproximadamente.</i>	
<i>Comprimento do berço</i> . . . . .	<i>8,82 m</i>
<i>Bloco da culatra do tipo de parafuso interrompido. Mecanismo de recuo: hidro-pneumático, variável. Controle do mecanismo totalmente elétrico.</i>	
<i>Méio de transporte: ferrovia.</i>	
<i>Reparo montado em trilhos paralelos</i>	
<i>Tempo para entrada em disposição: aproximadamente 3 semanas.</i>	
<i>Alcance</i> . . . . .	<i>47 km</i>

---

O fogo tornou-se o elemento preponderante. As tropas mais ardorosas, aquelas cujo moral tenha sido superexcitado ao máximo, quererão ganhar terreno incessantemente, executando lanços sucessivos, mas encontrarão sérias dificuldades e sofrerão perdas consideráveis todas as vezes que sua ofensiva parcial não haja sido preparada por um fogo eficaz. Serão rechaçadas para o ponto de partida com perdas ainda mais crueis. Superioridade de fogo e, para isto, superioridade de direção e de execução no tiro e no emprego desses fogos, são os fatores principais do rendimento de uma tropa. (*Foch*).

—<>—

A arte de comandar não consiste em pensar e decidir em lugar de todos os subordinados. (*Foch*).

# LIVROS NOVOS

**SOLDADO! ESTE, O TEU REGIMENTO!** — (Edição comemorativa do 1.º aniversário da tomada de Monte Castelo) — Maj. Nelson R. Carvalho — 1946.

Ainda outro dia, de uma coluna de jornal, convocamos o Cap. Plínio Pitaluga para escrever a crônica da F.E.B. (1).

Está de pé a convocação, pois que continua faltando a crônica da F. E. B., mas já agora podemos contar com uma significativa contribuição nesse sentido, representada pelo livro de autoria do Maj. Nelson Rodrigues de Carvalho — "Soldado! Este, o teu Regimento."

Trata-se de uma edição comemorativa do 1.º aniversário da tomada de Monte Castelo, cujas honras cabem, principalmente, ao Regimento Sampaio. Daí, por certo, o título, muito sugestivo, tendo em vista essa peculiaridade, mas, em verdade, pouco expressivo quanto ao conteúdo da obra.

O Maj. Nelson Rodrigues de Carvalho não escreveu apenas umas páginas bonitas e estimulantes para os soldados do tradicional Regimento Sampaio. Isso está em cada canto do seu trabalho cheio de beleza e vigor, mas na realidade o Maj. Nelson deu-nos um nítido e preciso roteiro das operações da F. E. B. na Itália, através das atividades do Regimentos Sampaio.

Antes, porém, abre toda uma parte do volume ao estudo histórico da formação do 1.º R.I. Remonta à sua origem que identifica com o "troço" de homens trazido da Baía em 1.567 por Mem de Sá, para expulsar os franceses de Villegaignon e fundar o Rio de Janeiro. Esses combatentes coloniais permaneceram aqui no Rio constituindo o "Terço Velho". Quando os portugueses abandonaram a organização do "Terço", adotando o Regimento tipo francês, vemos surgir o "Regimento do Rio de Janeiro, o Velho, que se pôde apontar como indubitável continuador das tradições daquele Terço".

Nova reforma, ai por volta de 1.773, alterando a organização militar do Brasil, suprime o "Regimento Velho", cujos efetivos são repartidos pelos outros então criados, "entre êles o 1.º Regimento de Infanaria do Rio de Janeiro, ora chamado o Velho, ora de Bragança,

(1) — Esta Revista vem desde alguns meses, apelando para os oficiais que participaram da guerra, nesse sentido *Nota da R.*

pelo povo, numa mistura de linguagem que bem mostra que, para ele, um se fundira no outro, fazendo justiça às tradições do Regimento Velhos".

Prossegue assim o Maj. Nelson, numa conscienciosa e meticulosa coodenção de elementos históricos capazes de estabelecer a continuidade do valoroso 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria, através de quantas e quantas mutações ocorreram na nossa estrutura militar.

O autor pesquisou no Arquivo Nacional, donde algumas conclusões originais, calcadas em dados de primeira mão.

Há sobretudo que elogiar a perícia, o faro, a marca do homem de estudo, quando o autor retoma o fio da existência do 1.<sup>º</sup> R.I. após o hiato oriundo da sua supressão, durante a Regência, por medida de economia.

A única observação a fazer com respeito a essa parte do trabalho do Maj. Nelson é para apontar uma discordância de datas flagrante a pagina 27. Diz-se ali que o 1.<sup>º</sup> Regimento de Infantaria do Rio de Janeiro foi remetido a Recife para dar combate aos revolucionários de 1.817, e, "de volta de campanha, D. João lavra o importante decreto de 28 de abril de 1.808, no qual consolida a existência ...."

Está transparente o erro de revisão, pois um decreto posterior à campanha de 1817 não podia ser datado de 1808. (2).

Da segunda parte em diante o trabalho do Maj. Nelson Rodrigues de Carvalho é consagrado à atuação do Regimento Sampaio na guerra contra os nazistas.

Começa fixando os passos iniciais da organização da Fôrça Expedicionárias Brasileira, que classifica de "expedição punitiva". A nosso ver essa designação amequinha-a. A.F.E.B. foi muito mais que isso na intenção e na verdade. Vêmo-la como a contribuição militar do nosso país que, entrando na guerra, pela importância continental, não deveria assumir atitude meramente formal. Vêmo-la ainda como a quota de sangue do povo brasileiro para a extirpação das fôrças do ódio e da cobiça. E só secundariamente é que vingadora dos nossos patrícios indefesos assassinados cruelmente nas próprias águas nacionais, por mais que esse fato tenha ferido a sensibilidade da nossa gente e o brio patriótico de todos os brasileiros. A. F.E.B. muito mais do que punitiva, foi idealista. (3)

(2) — A nota 8. no rodapé da mesma página, corrige esse erro tipográfico, transcrevendo, na íntegra, o Decreto e a data do mesmo — Nota da R.

(3) — "Vingar o ultrage sofrido", foi o lema adotado na época, e gloriosamente comprido depois. Isto não impede a justa ampliação da ideia, mas é preciso notar que o autor, falando ao espírito do comum dos soldados sentiu bem o fato concreto impressiona e excita mais do que o ideal. Nota da R.

Depois de explicar as transformações do Regimento Sampaio para integrar a F.E.B., transformações que espelham a verdadeira transformação que se operou em todas as nossas unidades enviadas à Itália, e que marcaram a atualização da nossa organização militar, o Maj. Maj. Nelson focaliza o andamento da instrução dos expedicionários, a preparação do embarque, refere rapidamente a viagem, a chegada à permanência na área do treinamento e finalmente entra a descrever as operações.

Essa é a parte mais desenvolvida do livro. Tem-se nela uma minuciosa e objetiva exposição de todas as nações da F.E.B., sem demais apegos ao estilo técnico, de sorte que resulta acessível a qualquer um.

A última parte do volume, batizada "Aconteceu em Monte Castelo", reúne várias e sugestivas histórias do heroísmo dos brasileiros nas operações para a conquista daquele famoso baluarte germânico. São todas narrativas heróicas, como convinha à natureza do volume, mas adivinha-se que o Maj. Nelson Rodrigues de Carvalho, espírito alerta e prescavador, sensibilidade aguda, inteligência aparelhada, há de ter anotado inúmeros casos, há de ter acumulado preciosas observações de sentido humano, daquelas cuja interpretação e divulgação reclamávamos ao Cap. Plínio Pitaluga.

O Maj. Nelson está no mesmo caso. Não fala da F.E.B. de ótica. Integrou-a logo no 1.º escalão, viu tudo e participou de tudo, embora no seu trabalho não apareça senão numa apagada menção, quando, na discriminação geral dos comandos do Regimentos, vem, por sua vez, o nome do Cmt. da Cia. de Serviços.

Acreditamos, pois, que tem ainda muito o que contar e saberá contá-lo. Esgotados os aspectos puramente militares, que o prenderam, naturalmente, em primeiro lugar, devemos aguardar o depoimento do homem sensível, daquêle que passando ao largo das Baleares se lembrou de Chopin e George Sand...

#### LIVROS RECEBIDOS

História Militar do Brasil — Regime Colonial — Ten Cel. A.A. Souza Ferreira — Imprensa Militar — 1945.

Bibliografia de Varnhagen — Armando Otega Fontes — Ministério das Relações Exteriores — 1945

Bibliografia de História do Brasil — Comissão de estudo dos textos da História do Brasil — Ministério das Relações Exteriores — 1946

Palestra de abertura dos cursos de Escola de aperfeiçoamento de oficiais — Gel. Tristão de Alencar Araripe — 1946

Memória sobre a mudança do Distrito Federal — Eng. Lucas Lopes — Belo Horizonte 1946.

Os Problemas da Pesca no Brasil — Cmt. Frederico Vilar — Of. Jornal do Brasil — 1945.

# Dicionário Militar Brasileiro

Cap. OTÁVIO ALVES VELHO

**ABATIZES** — Obstáculo artificial constituído por árvores ou grossos ramos deitados na direção do inimigo e solidamente fixados ao solo; os ramos principais são cortados em ponta e, às vezes, entrelaçados de arame ou minas contra pessoal. Seu valor e a sua resistência à destruição aumentam se forem construídos em faixas separadas umas das outras por uma dezena de metros. Podem ser *vivos, locais e de transporte*.

**ABATIZES LOCAIS** — Aqueles que são executados no próprio local do corte das árvores.

**ABATIZES de TRANSPORTE** — Aqueles cujas árvores ou ramos cortados são transportados de alguma distância.

**ABATIZES VIVOS** — São os construídos nas matas curvando as árvores e entrelaçando-as sem as cortar, ou cortando-as sem que se destaquem dos troncos respectivos. Desse forma, nas posições prèviamente preparadas, o obstáculo reforça-se com o tempo.

**ABRIGO** — 2 — Coberta caracterizada pela existência de um teto protetor, protegendo os ocupantes em tôdas as direções perigosas contra as vistas e os tiros. Seu valor, sob este último ponto de vista, depende de seu modo de construção, de sua orientação e de sua localização. Pode ser *individual ou coletivo, ativo ou passivo, superficial ou subterrâneo, a céu aberto ou em galeria de mina, ligeiro ou resistente*.

**ABRIGO ANTI-AÉREO** — O que se destina a proteger contra os ataques aéreos.

**ABRIGO ATIVO** — Aquêle que protege os ocupantes em seu pôsto de combate (abrigos de tiro, observatórios, postos de espreita, postos óticos, etc.) permitindo-lhes a utilização do material e o cumprimento da missão. Quase sempre é *superficial* e, algumas vezes mesmo, em relêyo sobre o terreno natural.

**ABRIGO-CAVERNA** — V. *Abrigo em galeria de mina*.

**ABRIGO a CEU ABERTO** — O que é construído com materiais dispostos em uma escavação previamente feita a céu aberto.

**ABRIGO COLETIVO** — Aquêle que é utilizado por uma turma, um grupo, uma secção ou fracção com efetivo equivalente, no máximo. Sómente quando estabelecido longe do inimigo e dissimulado de modo especial poderá ser mais espaçoso. Deve ser preparado tendo em vista: a organização do alarme, a possibilidade de atingir em tempo útil os locais de combate, a defesa própria interior e exterior, a proteção contra agressivos químicos e a habitabilidade.

**ABRIGO em GALERIA de MINA** — O que é inteiramente cavado no solo natural.

**ABRIGO INDIVIDUAL** — O que se destina à utilização por um só homem.

**ABRIGO LIGEIRO** — O que protege contra os estilhaços de obuses e granadas e, de um certo modo, contra os projéts de pequeno calibre, até o tiro isolado de 105 mm, e contra as bombas de potência análoga.

**ABRIGO PASSIVO** — Aquêle que oferece simples proteção, não se prestando à utilização direta no combate. Geralmente é *subterrâneo*.

**ABRIGO RESISTENTE** — O que resiste até ao tiro sistemático e regulado das peças de calibre médio (120 e 155 mm) e aos tiros isolados de 220 mm, ou bombas de igual potência.

**ABRIGO SUBTERRÂNEO** — O que é cavado profundamente no solo natural.

**ABRIGO SUPERFICIAL** — O que é cavado à superfície do solo natural.

**ADESTRADO** — Treinado, exercitado, destro, apto à execução de uma determinada tarefa ou habilidade. Instruído.

**ADVERSÁRIO** — 1 — Aquélle que se opõe a um outro. Aquélle contra quem se luta.

2 — Contrário. Inimigo. Opositor.

**AEROFOTOGRAFIA** — V. *Fotografia aérea*.

**AEROFOTÓGRAFO** — Membro da tripulação de uma aeronave que maneja as máquinas fotográficas ou cinematográficas instaladas a bordo da mesma.

**AGENTE** — 1 — Potência ou indivíduo que opera, que exerce ação ativa.

2 — Delegado, representante ou procurador de outrem.

3 — Encarregado.

4 — Tudo o que opera e atua.

**AGENTE CAUSADOR de BAIXAS** — Tudo que é capaz de produzir baixas numa tropa por ferimentos, moléstia ou morte.

**AGENTE FUMIGENO** — V. *Agressivo químico fumígeno*.

**AGENTE ILUMINATIVO** — V. *Agressivo químico iluminativo*.

**AGENTE INCENDIARIO** — 1) V. *Agressivo químico incendiário*.

2 — Sabotador ou agente especial encarregado de provocar incêndios em instalações, povoações, obras d'arte, etc. no território inimigo ou em poder d'este.

**AGENTE INQUIETANTE** — V. *Agressivo químico inquietante*.

**AGENTE NÃO LETA** — V. *Agressivo químico não letal*.

**AGREGAR** — 1) Ação da autoridade que passa um oficial à categoria de *agregado*.

2) — Passagem de um oficial à categoria de *agregado*.

**AGRESSIVO QUÍMICO** — Tôda substância química, não explosiva, utilizada em combate, que possa ferir, perturbar ou matar os seres vivos, misturada à atmosfera que os envolve e que êles respiram, ou contaminar os objetos que lhes possam tocar o corpo.

Os agressivos químicos são postos em ação, mais frequentemente, por meio de projéteis tóxicos lançados por morteiros, canhões e aeronaves, e mais raramente, pela missão de lençóis gasosos destinados a invadir as posições inimigas.

Inúmeras são as classificações existentes, quer sob o ponto de vista de sua ação fisiológica, como de seu emprêgo e efeitos táticos.

**AGRESSIVO QUÍMICO de AÇÃO IRREVERSÍVEL** — Todo aquêle que produz lesões essencialmente destrutivas; embora passada sua ação, permanecem sempre no organismo atacado, os vestígios de seus efeitos.

**AGRESSIVO QUÍMICO de AÇÃO REVERSÍVEL** — Todo aquêle que produz apenas alterações nas funções do ser vivo; uma vez cessada sua ação, cessam os efeitos, e o organismo recupera a plenitude do seu funcionamento, salvo se a dose do agressivo tiver sido violenta, a ponto de matar.

**AGRESSIVO QUÍMICO CAUSADOR de BAIXAS** — É aquêle capaz de produzir concentrações perigosas ou mesmo mortíferas.

**AGRESSIVO QUÍMICO ESTERNUTATÓRIO** — É o que irrita as vias respiratórias superiores provocando espirros violentos.

**AGRESSIVO QUÍMICO FUGAZ** — É aquêle que, sendo um corpo gasoso, se dispersa formando *nuvens*, e sendo sólido se espalha em partículas finíssimas, ultra-micros-

cópicas, constituindo *fumaça*. Tem uma ação rápida, rápida, sendo conduzido pelo vento e se dispersando em pouco tempo de mistura com o ar atmosférico.

**AGRESSIVO QUÍMICO FUMIGENO** – Todo o que produz fumaça densa, capaz de ser utilizada em medidas de ocultamento e disfarce.

**AGRESSIVO QUÍMICO INCENDIARIO** – Todo o que gera calor capaz de inflamar os materiais com que estiver em contacto.

**AGRESSIVO QUÍMICO INQUIETANTE** – Todo aquêle que obriga ao uso de aparelhos de proteção, prejudicando ou diminuindo a resistência e o poder combativo da tropa.

**AGRESSIVO QUÍMICO LACRIMOGÊNIO** – E' aquêle que irrita os órgãos da visão, produzindo lacrimação abundante.

**AGRESSIVO QUÍMICO ILUMINATIVO** – Todo o que produz luz mais ou menos intensa e diversamente colorida, servindo para observação ou sinalização.

**AGRESSIVO QUÍMICO NÃO LETAL** – E' o que produz ação irritante com pequena concentração, sem chegar a ferir gravemente ou matar.

**AGRESSIVO QUÍMICO NÃO PERSISTENTE** – V.  
*Agressivo químico fugás.*

**AGRESSIVO QUÍMICO PERSISTENTE** – Corpo sólido ou líquido que ao se dispersar cai ao solo sob a forma de nuvem pesada e se evapora lentamente, permitindo efeitos mais duradouros. Pode ser *de agressividade imediata e de agressividade retardada*.

**AGRESSIVO QUÍMICO PERSISTENTE de AGRESSIVIDADE IMEDIATA** – E' aquêle que exerce a ação imediatamente após seu lançamento.

**AGRESSIVO QUÍMICO PERSISTENTE de AGRESSIVIDADE RETARDADA** — É o que tem caráter insidioso, manifestando as suas propriedades agressivas após um certo tempo-morto, não paralizando logo a ação do adversário, mas também não lhe fornecendo informações imediatas para a sua proteção.

**AGRESSIVO QUÍMICO SUFOCANTE** — É o que age tóxicamente sobre os pulmões e brônquios.

**AGRESSIVO QUÍMICO TÓXICO de AÇÃO GERAL** — É o que age tóxicamente sobre o organismo em geral, perturbando suas funções básicas.

**AGRESSIVO QUÍMICO TÓXICO de AÇÃO LOCAL** — É o que age tóxicamente apenas sobre determinado órgão ou parte do corpo. Pode ser *sufocante, vesicante, lacrimogênio, irritante das vias respiratórias e estermutatório*.

**AGRESSIVO QUÍMICO VESICANTE** — É o que age tóxicamente sobre a pele, produzindo queimaduras graves nas partes delicadas (axilas, órgãos genitais, etc.).

**AGRIMENSURA** — Aplicação da Matemática que tem por fim a medição das terras, bem como a resolução de todos os problemas que com elas se relacionam.

**AGULHA** — 1) Instrumento de aço, ferro ou outro material, de forma afilada, aguçado numa das extremidades e tendo um orifício na outra, destinado a coser, bordar, etc.

- 2) Ponteiro indicador de bússola. (DM).
- 3) Vértice escarpado e agudo de uma elevação (R 13. 1<sup>a</sup> p., Tt. VI).
- 4) Pedaço móvel de trilho, convenientemente disposto numa ferrovia, servindo para efetuar mudanças de linha.

**AGULHETA** — Ornamento metálico dos alamares que são usados pelos ajudantes de ordens e certos oficiais do Estado-Maior dos Oficiais Generais.

**"AILERON"** — Superfície móvel da asa de um avião, que geralmente faz parte do *bordo de fuga*. Sua função é a de romper a estabilidade transversal própria do avião quando se pretenda incliná-lo para um lado ou para outro.

**AJUDAS** — Meios de que se serve o cavaleiro, como sejam movimentos de mãos e pernas, para manobrar sua montada.

**AJUSTADOR** — 1) Artífice que executa uma ajustagem.  
2) Dispositivo utilizado para acoplar peças ou partes de tamanho ou forma diferentes.

**AJUSTAGEM do TIRO** — Conjunto de Operações que têm por fim fazer coincidir o *ponto médio* do *retângulo de dispersão* dos tiros com o *ponto de regulação* (Artilharia) ou com o ponto visado (armas portáteis).

**AJUSTE de CONTAS** — Liquidação do débito e crédito de um militar ou de uma unidade.

**AJUSTE de CONTAS de FARDAMENTO** — Operação realizada anualmente nas unidades para verificação e balanço do fardamento a ela distribuído.

**ALA** — 1) Sub-divisão de um Regimento de Cavalaria, constituída por um número variável de Esquadrões e comandada normalmente por um Major. Pode ser *hipomóvel* ou *moto-mecanizada*.  
2) Flanco de um dispositivo de fôrças. Parte desse dispositivo situada numa das extremidades laterais do mesmo.

**ALARMA** — Sinal de aviso dado por corneta, clarim, tiro de canhão, sirene, campainha ou outros meios, para uma tropa apresentar-se rapidamente a fim de fazer face a determinada emergência.

**ALARMANTE** — Tudo o que é de natureza a causar alarma, assustar, sobressaltar, produzir inquietação.

**ALAVANCAS de COMANDO** — As que fazem parte dos *comandos* de uma aeronave ou de um maquinismo.

**ALÇA** — 1) Parte do aparêlho de pontaria que serve para dar à arma a inclinação conveniente, a fim de atingir-se um certo alvo ou objetivo.

2) Elemento (ângulo ou distância) lido nas tabelas de tiro em face do *alcance* e capaz de ser registrado na *alça* da arma.

**ALÇA CORRIGIDA** — A que corresponde ao *alcance corrigido*.

**ALÇA de REGULAÇÃO** — Elemento experimental correspondente ao *alcance* ou *distância de regulação*.

**ALCANCE** — 1) Distância entre a *origem da trajetória* e o *ponto de queda*.

2) Abcissa do *ponto de queda*.

3) Distância horizontal entre um telêmetro e o objetivo visado.

4) Distância da *peça ao ponto de queda*, medido ao longo da superfície de uma esfera concêntrica em relação ao globo terrestre e passando pela peça.

**ALCANCE ABSOLUTO** — É a abcissa do ponto de queda teórico de uma série de disparos.

**ALCANCE CORRIGIDO** — Alcance fictício que se obtém, praticamente, fazendo, num dado alcance, as correções correspondentes às variações, no momento, dos elementos balísticos e aerológicos do tiro.

**ALCANCE VERDADEIRO** — V. *Alcance absoluto*.

**ALERTA** — 1) Ativo, vigilante, prevenido, pronto.

2) Pronto para entrar em ação, para se defender ou proteger.

3) Sinal de aviso para alertar uma tropa, estabelecimento, etc.

- 4) Situação de uma tropa ou uma aeronave, equipada, armada, municiada e pronta para entrar em ação sem perda de tempo.
- 5) Prestando atenção. Tomando cuidado.

**ALIDADE** — 1) Instrumento utilizado nas operações topográficas e que compreende, de um modo geral, solidárias uma a outra, uma régua repousando sobre uma superfície plana e uma *linha de visada*, quase sempre materializada por uma janela com retículo e outra janela com olhais ou fendas de visada. Serve para definir uma direção, para balizá-la e, se fôr associada com um goniômetro qualquer, para determiná-la.

- 2) Espécie de agulha de máquina de raiar que regula e indica o intervalo entre as raias.

**ALIMENTAÇÃO** — 1) Nutrição. Sustento.

- 2) Atos e efeito de *alimentar*.
- 3) Enchimento. Fornecimento.
- 4) É o conjunto de operações, num motor a explosão, que faz o combustível chegar ao carburador.
- 5) Conjunto de órgãos, num motor a explosão, que se destina a preparar e fornecer a mistura gasosa explosiva. Compreende: *reservatório* ou tanque do combustível, *tubulação de alimentação*, sistema de *filtros*, sistema de alimentação propriamente dito e *acessórios*.

**ALINHAR** — 1) Colocar em linha homens, animais ou unidades, ou mesmo viaturas e objetos quaisquer.

- 2) Ato ou efeito de *perfilar*.

**ALMA** — 1) Vazio interior cilíndrico, liso ou raiado das armas de fogo, destinado a receber a carga, resistir à pressão dos gases desenvolvidos pela combustão da pólvora e orientar o projétil.

- 2) *Tubo-alma*.

**ALMOTOLTA** — Pequeno recipiente de metal, com bôca estreita e bôjo largo, usado para lubrificar peças do armamento, viaturas, etc.

**ALTIMETRIA** — 1) Expressão do relêvo de um terreno por suas cotas.

2) Parte da Topometria que estuda a determinação das cotas do terreno.

**ALTIMÉTRICO** — 1) Referente à Altimetria.

2) Pertencente ou relativo ao relêvo do terreno.

**ALTIMETRO** — Instrumento indicador da *altitude*. Pode ser graduado em pés ou em metros.

**ALTIMETRO ABSOLUTO** — Tipo de *altímetro* que fornece indicações sobre a *altitude* de uma aeronave em função do tempo decorrido entre a emissão de uma onda sonora de bordo da mesma e a sua recepção, também a bordo, depois de refletida no solo.

**ALTIMETRO de PRECISÃO** — V. *Altimetro sensível*.

**ALTIMETRO SENSÍVEL** — É o que fornece indicações rigorosas sobre o valor da *altitude*.

**ALTITUDE** — *Altura* de um ponto em relação ao nível médio dos mares, suposto prolongado sob a terra.

**ALTITUDE MÍNIMA de SEGURANÇA** — Menor altura de voo permitida pelo Ministério de Aeronáutica, em relação ao solo, de modo a possibilitar, em caso de falha completa do motor, um pouso de emergência em boas condições.

**ALTITUDE de SEGURANÇA** — 1) Aquela que permite à aeronave passar a salvo sobre obstáculos de rota.

2) Aquela que proporcione ao piloto, em caso de encontro com o motor, a oportunidade de tomar as providências necessárias para um *pouso de emergência*.

**ALTURA ANGULAR do ARREBENTAMENTO** — Ângulo formado pela *linha de sitio do arrebentamento* com a *linha de sitio do objetivo*.

**ALTURA MÉTRICA do ARREBENTAMENTO** — Distância do *ponto de arrebentamento* à *linha de sitio do objetivo*.

**ALTURA de SITIO** — Altura de uma peça, acima ou abaixo de uma origem admitida.

**ALTURA-TIPO** — Altura do arrebentamento que corresponde à eficácia máxima de determinado projétil.

**ALVO** — 1) Objetivo. Ponto visado.

2) Dispositivo utilizado para a instrução de tiro a fim de ser visado e atingido pelos atiradores. Pode ser fixo ou móvel, elétrico ou mecânico ou ainda eletromecânico.

**ALVO AUXILIAR** — Objetivo real ou fictício, de topografia precisamente conhecida, utilizado para a *regulação do tiro* a fim de obter dados para a *preparação experimental*.

**ALVO AUXILIAR FICTÍCIO** — *Ponto médio* de uma série de tiros de tempo altos desencadeados com os mesmos elementos e de forma que sejam facilmente observados.

**ALVO AUXILIAR FICTÍCIO AÉREO** — *Ponto médio* de uma série de tiros de tempo altos desencadeados com os mesmos elementos e de forma que sejam facilmente observados.

**ALVO AUXILIAR FICTÍCIO TERRESTRE** — Sua posição deverá ser escolhida de modo que se encontre, de preferência, em um terreno de inclinação uniforme e de dimensões tais que nenhum tiro escape à observação. A determinação das coordenadas do *ponto médio* é feita gráficamente ou pelo cálculo, utilizando-se as visadas de dois observatórios no mínimo.

**ALVO AUXILIAR REAL** — Sempre terrestre, é um ponto bem nítido da paisagem que se preste à observação do tiro e cujas coordenadas devem ser perfeitamente conhecidas. Deve ainda ser visível pelo menos de um observatório, sendo preferível que o seja de vários, a fim de permitir que se faça a *regulação do tiro* com *observação*

*conjugada*. Suas dimensões devem ser tais que as visadas dos aparelhos de observação possam ser feitas precisamente.

**ALVO-TESTEMUNHA** — Alvo utilizado para as operações de controle dos tiros de eficácia da Artilharia. Pode ser ficticio ou real, terrestre ou aéreo. Sua posição pode ser conhecida apenas com a aproximação de algumas centenas de metros. Deve ser escolhido o mais perto possível dos objetivos porque, assim, pode admitir-se que as variações dos elementos de tiro para ele e para os objetivos são as mesmas.

**AMARRAÇÃO do TIRO** — 1) Operação efetuada para permitir a execução do *tiro amarrado* de armas portateis. Pode ser feita, quer dirigindo a arma para pontos naturais ou artificiais nas proximidades do objetivo do tiro e bastante visíveis pelo atirador, quer restabelecendo, por meio de referências previstas, a direção e a inclinação da arma determinadas durante o dia.

2) Operação que consiste em ajustar o tiro de uma peça ou Bateria sobre um objetivo, utilizando os resultados do tiro de uma outra peça ou Bateria sobre esse mesmo ou sobre outro objetivo. Só pode ser efetuado quando são satisfeitas as seguintes condições: — bôcas de fogo do mesmo calibre; munições idênticas (as espolétas podem ser diferentes); regime relativo das peças ou Baterias, de amarração e amarrada, bem conhecido; condições aerológicas sensivelmente constantes durante a duração total dos tiros das peças ou Baterias de amarração e amarrada ligadas topograficamente de maneira precisa, distantes uma da outra, no máximo de 800 metros e em altitudes vizinhas, atirando a distâncias da mesma ordem de grandeza.

**AMATOL** — Explosivo brisante constituído por u'a mistura de nitrato de amônio e trotol. E' utilizado em cargas de arrebentamento de projéteis explosivos.

**AMBULÂNCIA** — 1) Veículo, embarcação ou aeronave, equipado para transportar homens ou animais, feridos ou doentes, e prestar-lhes os primeiros socorros.

2) Instalação hospitalar móvel que acompanha uma tropa em campanha e apta a prestar os socorros de urgência.

**AMONAL** — Explosivo brisante constituído de u'a mistura de nitrato de amônio, trotil e alumínio em flocos ou em pó. E' utilizado nas *cargas de arrebentamento* de projéteis explosivos, produzindo chama intensa.

**ANCORA** — Dispositivo utilizado para fixar uma embarcação, ponte flutuante, pranchão, etc., quando n'água.

**ANCORAGEM** — Ato ou efeito de fixar uma embarcação, ponte flutuante, pranchão, etc., por meio de uma *âncora*.

**ANCORAMENTO** — Ação ou efeito de um canhão ficar fixado ao solo em sua posição, pelas pás da ou das contreras, após o recuo consequente aos primeiros tiros.

**ANEXO** — 1) Qualquer coisa adicionada a uma outra.  
2) Qualquer coisa anexada a um documento para tornar este mais claro, ou para não sobrecarregá-lo com minúcias que têm interesse restrito. Mapas, fotografias, esquemas, ordens técnicas, etc., são anexos de uma Ordem Geral.

**ANFITEATRO** — *Cabeceira de vale* vagamente circular, formada pelo alargamento do vale propriamente dito e cercado de declives abruptos uniformes, com o aspecto de arquibancadas. Esta forma é freqüente nos terrenos homogêneos e resistentes.

**ANGULO** — 1) Espaço entre duas linhas ou superfícies que se encontram.  
2) Figura formada por essas linhas ou superfícies. (DTM).

- 3) Diferença de direção entre essas duas linhas ou superfícies.
- 4) Parte saliente ou reentrante.

**ANGULO de ATERRAGEM** — E' o formado pelo eixo longitudinal de um avião com o plano horizontal, estando ele pousado no solo.

**ANGULO de CHEGADA** — 1) O que a trajetória faz com a linha de sítio no ponto considerado.  
2) O que a trajetória faz com o solo, no ponto de chegada.

**ANGULO de DESCIDA** — E' o formado pelo eixo longitudinal de um avião com o plano horizontal, quando o aparelho está descrevendo uma trajetória descendente.

**ANGULO de DESVIO INICIAL** — O formado pelas linhas de tiro e de projeção. Provém da flexão elástica do sistema canhão-reparo no momento do tiro.

**ANGULO de ELEVAÇÃO** — O que a linha de tiro faz com o plano horizontal. E' igual à soma algébrica do ângulo de tiro com o sítio do objetivo.

**ANGULO de ELEVAÇÃO CORRIGIDO** — Elemento teórico que é lido nas tabelas de tiro em face do alcance corrigido.

**ANGULO de ELEVAÇÃO de REGULAÇÃO** — Elemento experimental fornecido pela regulação do tiro.

**ANGULO de INCIDÊNCIA** — O que a trajetória faz com o terreno, no ponto de incidência.

**ANGULO de LEVANTAMENTO** — V. Ângulo de desvio inicial.

**ANGULO de MIRA** — O que a linha de mira faz com a linha de tiro.

**ANGULO de OBSERVAÇÃO** — O que é formado pela linha de observação e pela que une o centro da Bateria ao ponto de regulação.

**ÂNGULO de PROJEÇÃO** — O que a *linha de projeção* faz com o plano horizontal.

**ÂNGULO de QUEDA** — 1) O que a trajetória faz com a *linha de mira, no ponto de queda*.

2) O que a trajetória faz com o plano horizontal, no *ponto de queda*.

**ÂNGULO de SÍTIO** — V. *Sítio*.

**ÂNGULO de SUBIDA** — É o formado pelo eixo longitudinal de um avião com o plano horizontal, quando o aparelho está descrevendo uma trajetória ascendente.

**ÂNGULO de TIRO** — 1) O que a *linha de tiro* faz com o plano horizontal. (Sup.) — V. *Ângulo de elevação*.

2) O formado pelas *linhas de tiro e de sítio*.

**ÂNGULO de VIBRAÇÃO** — V. *Ângulo de desvio inicial*.

**ANTENA** — Vara, fio ou conjunto de fios utilizado na transmissão e recepção por processos rádio-elétricos.

**ANTI-AÉREO** — 1) Construído ou empregado para a defesa contra as aeronaves inimigas.

2) Pertencente, próprio ou relativo à *Defesa anti-aérea*.

**ANTI-CARRO** — Tudo o que é construído ou empregado na defesa contra carros de combate e outros engenhos blindados.

**ANTI-CONGELANTE** — 1) Substância ou disposição que impede a formação de gêlo.

2) Dispositivo utilizado em uma aeronave para impedir a formação do gêlo, durante o vôo, na superfície de diferentes partes do aparelho.

**ANTI-FRICÇÃO** — V. *Metal anti-fricção*.

**ANTIGUIDADE** — 1) Qualidade do que é antigo.

2) *Tempo de serviço*.

3) Um dos princípios reguladores das promoções no Exército.

**ANTOLHOS** — Peça de couro, ligeiramente convexa, da cabeça do arreiamento de tração, colocada no animal de modo que este só possa ver para a frente.

**APARELHO** — Engenho, máquina ou dispositivo destinado a determinados fins.

**APÊNDICE** — 1) Documento suplementar anexado a uma ordem, parte ou informação.

2) Pequeno tubo ligado diretamente ao compartimento de ar ou gás, na parte inferior de um *balão*, e usado para o enchimento do mesmo ou para o escapamento do gás.

**APLICAÇÃO** — 1) Ação e efeito de aplicar uma coisa sobre outra ou a uma determinada finalidade.

2) Destino. Emprêgo. Objetivo. Finalidade.

3) Zélo. Devotamento. Assiduidade.

4) Prática ou aproveitamento de ensinamentos teórico a uma determinada finalidade concreta.

**APLICAR** — 1) Pôr uma coisa sobre outra, de modo que se ajuste a esta.

2) Pôr uma coisa contra outra.

3) Empregar alguma coisa ou algum conhecimento ao caso em que seu uso é indicado.

4) Utilizar. Empregar. Recorrer a. Valer-se de.

**APLICAR-SE** — Dedicar-se ou votar-se a alguma coisa com afinco.

**APOIO** — Auxílio. Ajuda. Proteção. Sustentáculo. Suporte.

**APONTAR** um PONTO — 1 — Mostrar ou indicar um ponto a alguém.

2 — Visar um ponto.

**APRENDIZ** — O que se inicia no aprendizado de um ofício, especialidade ou função qualquer.

**APRESENTAÇÃO** — 1) Introdução.

2) Ato disciplinar a que é obrigado todo militar sempre que se dá uma alteração no seu estado atual.

- 3) Ato de cortezia pelo qual todo militar deve apresentar-se aos superiores com que toma contacto.
- 4) Ato disciplinar pelo qual todo militar se apresenta diariamente aos seus superiores imediatos no quartel, repartição ou estabelecimento onde serve.

**APRESENTAR** — 1) Tornar presente. Pôr à vista. Mostrar.

- 2) Introduzir um militar junto a outros, de acordo com as disposições regulamentares.
- 3) Ato de apresentação da Bandeira aos recrutas.

**APRESENTAR-SE** — Ação do militar que faz sua *apresentação*.

**APRISIONNAR** —

- 2) Assenhorear-se de material, animais, etc. pertencentes ao inimigo.
- 3) Capturar um príncipe.
- 4) Ato de prender alguém ou alguma coisa.

**APROVISIONAMENTO** — 1) Suprimento.

- 2) Termo genérico que abrange, ao mesmo tempo, *abastecimentos e munições*.

**A PROVA de** — Capaz de resistir. Construído com solidão suficiente para aguentar determinado esforço ou a ação de certo agente, tal como: água, fogo, tiro de um material de certo calibre, etc.

**ARTICULAR as FORÇAS** — 1 — Adotar, para elas, um dispositivo adequado aos problemas que deverão resolver.

- 2 — Dispô-las aplicando o princípio de *economia de forças e as medidas de segurança*.

**APTO para o SERVIÇO** — Diz-se do militar que, numa inspeção de saúde ou exame psicológico, revelou-se física ou mentalmente em condições de exercer as funções inerentes ao seu posto ou ao imediatamente superior, a cursar determinada Escola ou Centro de Instrução do Exército, ou a cumprir qualquer outra missão claramente especificada na ata da inspeção.

**APTO para o SERVIÇO de ESTADO-MAIOR** — Assim é declarado o oficial possuidor do curso de Estado-Maior que haja satisfeito o estágio exigido pelo Regulamento do *Quadro de Estado-Maior do Exército*, bem como as condições físicas, morais, intelectuais e de cultura profissional, necessárias ao desempenho das funções de estado-maior em tempo de paz ou de guerra.

**ARAME** — Fio de ferro ou cobre que serve para a construção de *défesas acessórias*, assim como para a de cabos condutores de energia elétrica, cabos telefónicos, etc., para a amarração de fardos, e outras finalidades.

**ARBITRAGEM** — 1) Decisão ou julgamento de um litígio internacional por árbitros escolhidos de comum acordo pelas partes, entre Estados soberanos.

- 2) Conjunto de oficiais encarregados de fiscalizar e julgar a direção e execução de manobras e exercícios táticos de certa envergadura.
- 3) A ação exercida por êsses oficiais.

**ARBITRAL** — 1) Próprio ou relativo à arbitragem.

- 2) Juiz ou tribunal que decide por arbitragem.

**ARBITRARIEDADE** — Ordem injusta, sem fundamento legal, derivada exclusivamente da vontade e do capricho da autoridade.

**ARBITRÁRIO** — 1) Relativo a quem pratica arbitrariedades.

- 2) Ilegal. Despótico. Abusivo. Contrário aos regulamentos e às leis.

**ARBITRIO** — 1) Julgamento do árbitro.

- 2) Decisão. Sentença.
- 3) Vontade.

**ARBITRO** — 1) Membro de uma comissão de arbitragem.

- 2) Juiz de uma competição desportiva.

- 3) Oficial julgador de uma manobra ou exercício tático.

**ARDIL** — Argúcia, astúcia, estratagema, manha, visando infligir determinado dano a uma pessoa ou a uma tropa.

**ARESTA** — 1 — Limite de um parapeito, fôsso, moldura, etc.

2 — Intersecção de dois planos.

3 — *Linha de cumida* de uma cordilheira.

**ARMAMENTO** — 1 — Aparêlho de guerra.

2 — Arma ou conjunto de armas.

3 — Material bélico de emprêgo direto no combate, particularmente abrangendo armas brancas e armas de fogo.

4 — Ação ou efeito de armar ou prover de armas alguém ou uma tropa.

5 — Armas de um soldado, unidade, veículo, aeromáve, etc.

**ARMÃO** — Jôgo dianteiro das viaturas de Artilharia hipomóvel, e onde geralmente se conduzem munições e acessórios.

**ARMARIA** — Lugar, recinto ou edifício onde o armamento é guardado ou onde se podem realizar inspeções do armamento.

**ARMAZEM** — Local espaçoso onde se guarda toda espécie de víveres, materiais diversos, etc.

**ARMAZEM REEMBOSAVEL** — Aquelle que, pertencente ao Exército, fornece aos oficiais, praças e suas famílias, mediante indenização, gêneros e artigos diversos.

**ARMEIRO** — Artífice que constroi, repara ou conserva armas e carregadores de munição, e realiza outros serviços análogos, necessários para manter o armamento em condições de utilização.

**ARMISTÍCIO** — 1 — Convenção para a suspensão temporária das hostilidades, por mútuo acôrdo entre os adversários, podendo ser *geral* ou *restrito*.

2 — O ato da suspensão das hostilidades devido a essa convenção.

**ARMISTÍCIO GERAL** — Aquêle que os dois adversários combinam realizar para suspensão das hostilidades em todo o teatro da guerra, ou em todos os teatros se houver mais de um.

**ARMISTÍCIO RESTRITO** — Aquêle que é relativo apenas a um teatro de operações ou a uma parte limitada dêste.

**ARQUIVISTA** — Homem que tem a seu corpo a guarda e a conservação do arquivo de uma unidade ou repartição.

**ARQUIVO** — 1 — Repositório de papéis, documentos, memórias, relatórios, etc., que já transitaram por uma repartição e dos quais já não se tem frequente necessidade.  
2 — Local ou edifício onde estão guardados tais documentos.

**ARRANCADA** — 1 — Partida súbita. Saída impetuosa.

2 — Progressão realizada rapidamente através grande extensão.

**ARRANCHADO** — Classificação dada ao militar que é incluído no arraçoamento de unidade, recebendo sua etapa de alimentação em espécie.

**ARRANCHAMENTO** — Ação ou efeito de *arranchar*.

**ARRANCHAR** — 1 — Incluir alguém no arraçoamento.

2 — Passar a receber sua etapa em espécie.

**ARREBENTAMENTO** — 1 — Ruptura. Explosão.

2 — V. *Ponto de arrebentamento*.

**ARREFECIMENTO** — Operação, realizada nos motores a explosão, a fim de arrefecer os cilindros e as culatras. Pode ser realizado diretamente pelo ar ou por intermédio de um líquido, geralmente pela água.

**ARREFECIMENTO pela ÁGUA** — O utilizado nos motores que têm os cilindros e as culatras envolvidos por

uma espécie de invólucros, constituindo as *camisas d'água*, onde circula a água. Introduzida fria pela parte inferior das camisas, a água sai quente pela parte superior e é conduzida ao *radiador*, onde é arrefecida pelo ar, a fim de ser utilizada novamente. Esta circulação de água pode ser por *termo-sifão* ou por *bomba d'água*.

**ARREFECIMENTO** pelo AR — Processo de arrefecimento dos motores a explosão em que o excesso de calor é evacuado diretamente pelo ar em contacto com a superfície exterior dos cilindros e de culatra, que para isso é aumentada por meio de *alhetas*. O deslocamento do ar é obtido seja pelo movimento do veículo (avião, motocicleta), seja por meio de um ventilador.

**ARREGIMENTAÇÃO** — 1 — Ação ou efeito de *arregimentar*.

2 — Tempo de serviço *arregimentado* de um militar.

**ARREGIMENTADO** — Situação de um militar que serve em funções inerentes ao seu posto, ou ao imediatamente superior, em um corpo de tropa ou estabelecimento assim considerado.

**ARREGIMENTAR** — 1 — Recrutar ou aliciar homens para determinado fim.

2 — Classificar um militar numa função em que este passe a servir *arregimentado*.

**ARREGIMENTAR-SE** — Ato ou efeito do militar passar a servir *arregimentado*.

**ARTIFICE** — Praça que possui determinado ofício mecânico e no qual é classificado, satisfeitas as exigências regulamentares.

**ARTIFÍCIO** — 1 — Arte. Astúcia.

2 — Recurso.

3 — Foguete de emprêgo militar.

4 — Fraude. Dôño.

# NOTICIÁRIO & LEGISLAÇÃO

Atos oficiais do Ministério da Guerra, publicados no  
«Diário Oficial», no periodo de 20 de Maio a 20 de  
Junho de 1946

## AUTONOMIA ADMINISTRATIVA — (Passa a ter)

A 1.<sup>a</sup> Companhia de Intendência da 1.<sup>a</sup> Divisão de Infantaria passa a ter autonomia administrativa, de conformidade com o disposto no art. 25 do Regulamento para Administração do Exército, aprovado por Decreto n.<sup>o</sup> 3.251, de 5 de novembro de 1938.

Aviso n.<sup>o</sup> 671 de 3 — D. O. de 5-6-946.

## BRIGADA DE INFANTARIA (Extinção)

Art. 1.<sup>o</sup> — Ficam extintos os Comandos das 1.<sup>a</sup> e 2.<sup>a</sup> Brigada das, criados pelos Decretos 6.181 e 6.182 de 6 de janeiro de 1944. Decreto-lei n.<sup>o</sup> 9.334 de 10 — D. O. de 12-6-946.

## COMANDO DA ARTILHARIA DE COSTA (Denominação)

O atual Distrito de Defesa de Costa da 1.<sup>a</sup> R. M., passará, a partir de 15 do corrente, a denominar-se Comando da Artilharia de Costa da 1.<sup>a</sup> R. M.

Aviso n.<sup>o</sup> 662 de 1 — D. O. de 4-6-946.

## COMANDO DE INFANTARIA DIVISIONÁRIA (Extinção)

Art. 1.<sup>o</sup> — Ficam extintos os Comandos de Infantaria Divisionária das 1.<sup>a</sup>, 2.<sup>a</sup>, 3.<sup>a</sup>, 4.<sup>a</sup>, e 5.<sup>a</sup> Divisões de Infantaria, com sedes, respectivamente, na Vila Militar (Distrito Federal), Lorena (S. Paulo), Santa Maria (Rio Grande do Sul), Belo Horizonte (Minas Gerais) e Ponta Grossa (Paraná).

Decreto-lei n.<sup>o</sup> 9.333 de 10 — D. O. de 12-6-946.

## COMANDO DAS DIVISÕES DE INFANTARIA (Criação)

Art. 1.<sup>o</sup> — São criados, para instalação imediata, os Comandos das 1.<sup>a</sup> e 3.<sup>a</sup> Divisões de Infantaria, com sedes, respectivamente, na Vila Militar (Distrito Federal) e Santa Maria (Rio Grande do Sul), a serem exercidos por General de Divisão.

Art. 2.<sup>o</sup> — Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos que se tornarem necessários à execução do presente Decreto-lei.

**REVISTA  
DO  
COMÉRCIO**

**E O ÓRGÃO DAS CLASSES PRODUTORAS**

**Mensário magnificamente ilustrado com mais  
de 100 páginas**

**Publicidade e assinaturas 23-0601**



**O Melhor Roteiro Econômico do Brasil**

**Art. 3.º** — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 9.350 de 12-6 — D. O. de 14-6-946.

#### COMISSAO DE RECEBIMENTO DE MATERIAL (Efetivo)

Conforme propõe a Diretoria das Armas, o efetivo, em Oficiais, da Comissão de Récebimento de Material dos Estados Unidos fica assim constituído:

Tenente-Coronel .....	1
Majores .....	7
Capitães .....	4
Capitão ou 1.º tenente I.E. ....	1

Aviso n.º 664 de 1 — D. O. de 4-6-946.

#### CONTINGENTE (Efetivo)

De conformidade com o que propõe a Diretoria de Armas, o Contingente do Depósito de Material Veterinário da 2.ª Região Militar, terá o seguinte efetivo em praças:

2.º sargento de fileira .....	1
3.º sargento de fileira .....	1
3.º sargento enfermeiro veterinário .....	1
3.º sargento mestre ferrador .....	1
Cabos .....	2
Soldados .....	4

Aviso n.º 665 de 1 — D. O. de 4-6-946.

#### CONTINGENTE (aumento)

Enquanto funcionar o Centro de Preparação de Oficiais da Reserva do Rio de Janeiro e Curso de Oficiais da Reserva, o Contingente do mesmo Centro fica aumentado, a título precário, dos elementos abaixo discriminados:

a) Para a Tesouraria:

Um 2.º Sargento;

Um 3.º Sargento.

b) Para a Secretaria:

Um 2.º Sargento;

Um 3.º Sargento.

c) Para a tropa:

Quatro soldados motoristas e nove soldados auxiliares.

Aviso n.º 628 de 25-5 — D. O. de 28-5-946.

#### CONTINGENTES DAS CIRCUNSCRIÇÕES DE RECRUTAMENTO — (Designação)

Com o objetivo de melhor adaptar as Circunscrições de Recrutamento para executarem a nova lei do serviço militar, no momento submetida ao julgamento de S. Excia. o Presidente da República e tendo em vista a Circular 5-46, de 18 de março de 1946, da Secretaria da Presidência da República que suspende a nomeação de novos funcionários civis, encareço aos Coman-

dantes de Regiões Militares a necessidade de completarem os contingentes das citadas Circunscrições de Recrutamento. Deverão ser designadas praças capazes de exercer funções burocráticas.

Aviso n.º 640 de 28-5 — D. O. de 30-6-946.

#### CORPO DE CAVALARIA (Extinção)

Art. 1.º — É extinto o 1.º Corpo de Cavalaria criado pelo Decreto n.º 16.507, de 1-IX-1944.

Art. 2.º — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 9.335 de 10 — D. O. de 12-6-946.

#### CURSOS DE SARGENTOS (Equiparação)

Ampliando, conforme propõe o Estado-Maior do Exército, a doutrina firmada pelos Avisos ns. 703 e 1.544, de 17 de março e 31 de junho, tudo de 1943, o Curso de Identificador do Exército, o Curso C da Escola de Transmissões, o Curso de Monitores de Transmissões do antigo Centro de Instrução Especializada são equiparados ao Curso de Comandante de Pelotão ou Seção, para fins de promoção aos postos de 1.º sargento e subtenente e das vantagens conferidas aos possuidores deste curso.

Aviso n.º 723 de 14 — D. O. de 17-6-946.

#### CURSOS REGIONAIS DE APERFEIÇOAMENTO DE SARGENTOS — (Admissão)

É permitida a admissão, nos Cursos Regionais de Aperfeiçoamento de Sargentos, em 1946 e 1947, dos primeiros Sargentos, desde que satisfacem as condições para a matrícula, constantes da Portaria n.º 7.515, de 8 de dezembro de 1944 e Aviso n.º 450, de 8 de abril de 1946.

Aviso n.º 607 de 21 — D. O. de 22-5-946.

#### DESTACAMENTO MISTO DE SANTOS (Criação)

Art. 1.º — É criado para instalação imediata o Destacamento Misto de Santos com sede na cidade de Santos (São Paulo), sob o Comando de General de Brigada.

Art. 2.º — O Destacamento Misto de Santos será constituído das unidades estacionadas em Santos (São Paulo).

Art. 3.º — Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos necessários à execução do presente Decreto-lei.

Decreto-lei n.º 9.351 de 12 — D. O. de 14-6-946.

#### DESTACAMENTO MISTO DE NATAL (Denominação)

O atual Destacamento de Natal passará a denominar-se, a partir de 1 de julho, Destacamento Misto de Natal.

Aviso n.º 683 de 1 — D. O. de 4-6-946.

JULHO DE 1946

A DEFESA NACIONAL

DIRETORIA DO PESSOAL (Denominação)

A Diretoria das Armas a partir de 15 do corrente, passará a denominar-se Diretoria do Pessoal, conservando a atual estrutura até à publicação do seu novo regulamento.

Aviso n.º 661 de 1 — D. O. de 4-6-946.

INSPETORIA DA ARMA DE CAVALARIA (Extinção)

Art. 1.º — É extinta a atual Inspetoria da Arma de Cavalaria, criada pelo Decreto-lei n.º 558, de 12 de julho de 1938.

Art. 2.º — O presente Decreto-lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Decreto-lei n.º 9.332 de 10 — D. O. de 12-6-946.

INSTRUÇÃO PRÉ-MILITAR (Extinção)

Art. 1.º — Ficará extinta, a partir de 1947, em todo o Território Nacional a Instrução Pré-Militar de que trata o artigo 20 do Decreto-lei n.º 4.244, de 9 de abril de 1942.

Art. 2.º — São asseguradas aos que já possuirem certificado de Instrução Pré-Militar as vantagens do artigo 12 do Decreto-lei n.º 4.642, de 2 de setembro de 1942.

Decreto-lei n.º 9.331 de 10 — D. O. de 12-6-946.

OFICIAIS E PRAÇAS (Contagem de tempo)

Aos oficiais e praças que, durante o estado de emergência — período compreendido entre 31 de agosto de 1942 e 8 de maio de 1945, — tenham viajado por via marítima em comboio militar e percebido terço de campanha, deverá ser contado pelo dôbro, o tempo compreendido entre a data da partida do porto de origem e a de chegada ao porto de destino, não devendo ser consignadas as interrupções referentes a desembarques e permanência em portos intermediários.

Aviso n.º 650 de 31-5 — D. O. de 3-6-946.

OFICIAIS MÉDICOS DO CORPO DE SAÚDE DO EXÉRCITO NORTE-AMERICANO (Autorização)

Art. 1.º — Fica o Ministério da Guerra autorizado a utilizar os serviços profissionais dos oficiais médicos do Corpo de Saúde do Exército Norte-Americano, que tenham sido condecorados pelo Governo Brasileiro, em reconhecimento de serviços prestados na organização da Fôrça Expedicionária, estendendo-lhes os privilégios de que gozam os médicos do Exército, exclusivamente para o exercício da sua profissão.

Decreto-lei n.º 9.326 de 7-6-946 — D. O. de 10-6-946.

QUADRO DE OFICIAIS GENERAIS DO EXÉRCITO (Modificação)

O Diário Oficial n.º 114 de 22-5-946, publica na integra o Decreto-lei n.º 9.266 de 20 de maio de 1946, que modifica o Quadro de Oficiais Generais do Exército em tempo de paz.

# NOVAS OBRAS

## NOTAS E REFLEXOES EQUESTRES

GENERAL JULIO DE OLIVEIRA

Consagrado mestre em equitação e expoente de sua Arma na Pátria de Camões, o Gen. Julio de Oliveira não é desconhecido entre nós.

Um de nossos mestres em equitação, o Major Oswaldo Rocha, assim se expressa em abalizado parecer que a A DEFESA NACIONAL lhe solicitou: "Lembramo-nos dos Apontamentos de Equitação do mesmo autor, aparecido em 1923 e que desapareceu da noite para o dia, inteiramente esgotado, tal a ância que nós oficiais de Cavalaria, tínhamos do precioso livro". O autor no atual trabalho, muito mais metódico, divide seu trabalho em 5 partes: a 1.<sup>a</sup>, conhecimentos gerais sobre o cavalo e a arte equestre; a 2.<sup>a</sup>, educação do cavaleiro, reflexões sobre psicologia equestre e bases de um novo método; 3.<sup>a</sup>, sobre a educação do cavalo (adestramento) — conselhos a seguir pelos jovens equitadores; 4.<sup>a</sup>, equitação esportiva, com um capítulo especial dedicado à fisiologia da fadiga e meios de evitá-la; 5.<sup>a</sup>, alta escola. Muito bem impresso e redigido, torna-se o livro um atrativo para os que são inteiramente leigos em equitação. É um guia magnífico.

Preço . . . . .	Cr\$ 50,00
Porte . . . . .	Cr\$ 1,00
<hr/>	
	Cr\$ 51,00

---

## NASCIMENTO E MORTE DO SOL

Por GEORGE GAMOW (Tradução ao português)

É um estudo criterioso e científico do Sol como fonte de energia encarado com base nos fenômenos atómicos e sub-atómicos. Estuda a solução do problema das fontes de energia, explicando o ciclo evolutivo solar tão debatido no terreno da Astronomia. Encara o fenômeno da radioatividade como fase intermediária, ao apreciar a energia sub-atómica desprendida dos corpos radioativos, a qual, em particular, excede de muitos milhões à das reações químicas ordinárias. Em sua tese faz um longo percurso pelo mundo dos átomos, indicando sua estrutura propriedades através o sistema planetário. É um livro acessível, simples, atraente e muito útil. Recomendamos sua leitura.

Preço . . . . .	Cr\$ 20,00
Porte . . . . .	Cr\$ 1,00
<hr/>	
	Cr\$ 21,00

JULHO DE 1946

A DEFESA NACIONAL

REGULAMENTO DA DIRETORIA DE ARMAS (Aprovação)

Art. 1.º — Fica aprovado o Regulamento da Diretoria de Armas, criada pelo Decreto-lei n.º 9.120, de 2 de abril de 1946, que com êste baixa, assinado pelo General de Divisão Pedro Aurélio de Góis Monteiro, Ministro de Estado da Guerra.

Art. 2.º — O presente Decreto entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Rio de Janeiro, 30 de maio de 1946, 125.º da Independência e 58.º da República.

Decreto-lei n.º 21.220 de 30-5 — 1946 — D. O. de 1.6-946.

SERVIDORES CIVIS (Designação)

Os comandantes, diretores ou chefes de unidades, repartições, estabelecimentos ou serviços deste Ministério, onde houver servidores civis, só poderão designá-los para serviços que devam ser executados fora das respectivas sedes e que acarretam despesas de diárias, por absoluta necessidade do serviço e pelo prazo de sessenta dias, dependente o respectivo pagamento de prévia autorização da Secretaria Geral do Ministério da Guerra, de acordo com o Aviso n.º 149, de 5 de fevereiro do corrente ano.

O prazo de sessenta dias, se julgado insuficiente, só poderá ser prorrogado mediante autorização ministerial, depois de comprovada a imprescindível necessidade da prorrogação.

Aviso n.º 675 de 3 — D. O. de 5-6-946.

SUB-COMANDO DE DIVISÕES (Criação)

Art. 1.º — São criados, para instalação imediata, os Sub-Comandos das 1.ª, 2.ª, 3.ª, 4.ª, 5.ª, e 7.ª Divisões de Infantaria com sedes, respectivamente, em: Vila Militar (Distrito Federal), São Paulo (S. Paulo), Santa Maria (Rio Grande do Sul), Belo Horizonte (Minas Gerais), Ponta Grossa (Paraná) e Recife (Pernambuco).

Art. 2.º — Ao Sub-Comandante de Divisão de Infantaria, além das atribuições que lhe são cometidas nos Manuais de Campanha, cumpre de modo geral, como substituto eventual do Comandante, manter-se ao corrente de suas intenções e auxiliá-lo no desempenho de suas funções, ocupando-se em particular, da fiscalização de execução de suas ordens.

Parágrafo único. — Quando o Sub-Comandante da Divisão de Infantaria fôr mais moderno que o Comandante da Artilharia Divisionária, será êste o substituto eventual do Comandante, ficando as fôrças de seu comando fora da ação do Sub-Comandante.

Art. 3.º — Fica o Ministro da Guerra autorizado a baixar os atos administrativos para a execução do presente Decreto-lei. Decreto-lei n.º 9.349 de 12 — D. O. d 14-6-946.

# Artigos a serem publicados no mês de Agosto

## S U M A R I O

### I — EDITORIAL

### II — ASSUNTOS DE CULTURA PROFISSIONAL

- a) — Teoria e prática da guerra — *Cel. J. B. Magalhães.*
- b) — O estudo das transmissões na E.E.M. — *Ten.-Cel. A. Filho*
- c) — As escolas Regimentais — *Cel. Armando Vasconcelos*
- d) — A 2.<sup>a</sup> batalha aérea-terrestre da Holanda — *Major Geraldo M. Côrtes*
- e) — Apreciação da situação do inimigo — *Major X.*
- f) — Um documento inimigo capturado — *Ten. Cel. Hugo Matos Moura*
- g) — Observações sobre o emprego dos morteiros — *Ten. Cel. Useda*
- h) — Os serviços regimentais nos moldes americanos — *Ten. Cel. Sena Campos*
- i) — As transmissões — *Cap. Domingos de Oliveira*
- j) — A preparação teórica do tiro — *Cap. Walter S. Meyer*
- k) — Organização do Serviço de Saúde do Exército Norte americano — (continuação) — *Dr. Saulo Melo*

### III — ASSUNTOS DE CULTURA GERAL

- a) — A biblioteca Tasso Fragoso — *Gen. Francisco Gil Castelo Branco*
- b) — Industrialização e soberania Nacional — *Cap. Octávio Alves Velho*

### IV — HISTÓRIA E GEOGRAFIA

- a) — Sobre Gengis Cam — (continuação) — *Cel. J. B. Magalhães*
- b) — Brasil-Atlântico-Marinha — *Cap. José Campos Aragão*

### V — DIVERSOS

- a) — Um pouco de bom humor — Pelo Cel. X.
- b) — Boletim
- c) — Revistas em Revista
- d) — Livros novos
- e) — Legislação

## **Algunos datos adicionales:**

- Col. Secretaría de Hacienda.  
Col. Hacienda de Santander.  
Col. San José, Bogotá.  
Rep. de Colombia - Oficina Central.  
Rep. de Colombia - Departamento de Hacienda.  
Rep. Dominicana - República de Santo Domingo.  
Rep. Dominicana - Ministerio de Hacienda.  
Casa Ruta, México, Nogales.  
Cap. Nelson, Venezuela, San José.  
Cap. Mérida, Distrito Santa Fe, Venezuela, San José.  
Cap. Nelson, Salta, Argentina.  
Papa Francisco, Roma, Italia.  
Cap. Colonia, Paraguay.  
L. "Fernando" Fernández Lima, Madrid.

Edición de

**CR\$ 5.00**